

Editora ABRIL
edição 2948 - ano 58 - nº 24
13 de junho de 2025



veja

www.veja.com

EXCLUSIVO

ELE MENTIU

O delator Mauro Cid amenizou algumas acusações no STF, fugiu das contradições em seus depoimentos alegando não se lembrar de certos fatos e, segundo provas obtidas por VEJA, não contou a verdade a respeito de conversas comprometedoras que manteve em uma rede social



— o maior —
**INVESTIMENTO
EM CULTURA**
da **HISTÓRIA**



THEATRO MUNICIPAL



O Rio de Janeiro sempre foi um palco de espetáculos inesquecíveis. **E agora, com o investimento de mais de R\$ 1 bilhão, sendo R\$ 100 milhões na reforma de teatros e museus, nossas estrelas voltam a brilhar.**

E vem mais por aí.



Theatro Municipal:
R\$ 11 milhões em obras.



Museu Antonio Parreiras:
R\$ 2,4 milhões investidos.



Teatro Armando Gonzaga:
Acessibilidade e R\$ 1,7 milhão em melhorias.



Acesse cultura.rj.gov.br e saiba mais sobre o maior investimento da história na cultura do estado.



✱ Estado do ✱
Rio de Janeiro

— um —
GIGANTE
da **CULTURA**



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

O TRABALHO NÃO PARA, É TODO DIA E É DE TODOS

A close-up portrait of a man with a bright smile, wearing a purple t-shirt. In the background, a tennis racket with a pink and green frame is visible, along with a portion of a tennis net.

Conexão em alto nível

Velocidade, alcance e estabilidade.

Vivo Fibra é a internet que deixa sua Casa Inteligente ainda mais conectada com a nova geração do Wi-Fi 6.

vivo

 **Fibra+**

Nova
geração


WiFi 6

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas

www.assinaturaabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 775212

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Tudo o que você publicou de Veja está no
App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução
de textos e imagens, envie um e-mail
para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do Grupo Abril
em produtos e negócios, envie um
e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solidos.com.br

EDITORA  **Abri!**

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Solitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laisa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais: Brasília** — **Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editores-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro** — **Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte** — **Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia** — **Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial** — **Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedtschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, Fernando Schüller, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcy Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejaapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abeleira, DIRETOR DE TECNOLOGIA Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, DIRETOR DE PUBLICIDADE Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS Juliana Caldas

Redação e correspondência: Av. Alcides Sangirardi, 301, Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

VEJA 2 948 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 24. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Uliôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC

GoRead

GRUPO  **Abri!**

www.grupoabril.com.br

KA/O LAKA/O

FELIPE SAMPAIO/STF



IMPACTO Robson Bonin e o julgamento no STF: furos jornalísticos foram citados várias vezes nas sessões

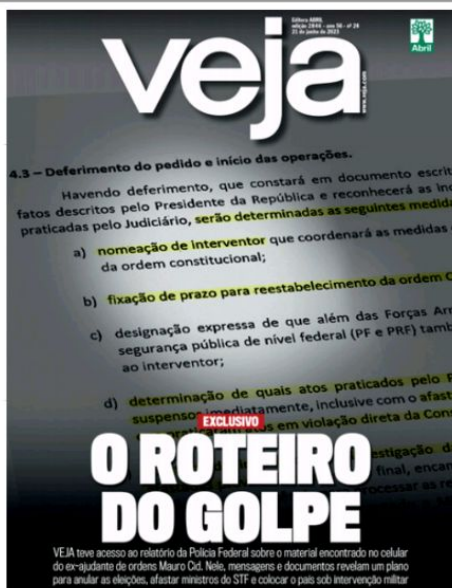
O PODER DA REPORTAGEM

A **IMPRENSA** só sobrevive com o oxigênio das boas reportagens, e os grandes profissionais especializados na caça às notícias exclusivas fazem parte de uma estirpe de homens realistas que não se deixam enganar pelo jogo e que enxergam na normalidade sua nêmesis — algumas definições da classe emprestadas das palavras de um dos maiores do ramo, o americano Gay Talese, célebre por textos clássicos sobre assuntos variados (do cantor Frank Sinatra ao universo do sexo nos Estados Unidos em meio

à liberação comportamental dos anos 1960). Esse tipo de talento costuma se sobressair nos momentos em que o jornalismo escreve o primeiro rascunho da história, dentro da cobertura diária dos fatos mais relevantes que um dia serão analisados e contextualizados para a compreensão de uma determinada época.

Os olhares da atualidade no Brasil estão hoje debruçados sobre um desses momentos que serão lembrados para sempre. De forma inédita, o país vem acompanhando o caso de uma tentativa de golpe em um julgamento que trouxe para o banco dos réus um ex-presidente, militares de alta patente e ex-ministros. Nos últimos dias, foram interrogados no Supremo a respeito das graves acusações que recaem sobre eles, entre as quais a da tentativa de abolição violenta do estado democrático de direito. Durante as sessões, várias das perguntas de Alexandre de Moraes, ministro do STF, de Paulo Gonet, procurador-geral da República, e dos advogados tiveram como base a cobertura de VEJA sobre o caso. Exemplo disso foi a capa que detalhou como o grupo próximo a Jair Bolsonaro tinha um roteiro para anular as eleições, afastar ministros do STF e colocar o país sob intervenção militar até que um novo pleito fosse realizado.

Autor desse furo, o editor-sênior Robson Bonin também foi o responsável por outras bombásticas apurações exclusivas relacionadas ao mesmo processo. Em março do ano passado, assinou em parceria com as jornalistas



COBERTURA Capas de VEJA sobre o caso: notícias exclusivas com grande repercussão

Laryssa Borges e Marcela Mattos a reportagem com os áudios em que Mauro Cid fazia jogo duplo. Ao mesmo tempo que fornecia informações para ajudar a desnudar a tentativa de golpe, o tenente-coronel dizia a pessoas próximas que suas declarações eram distorcidas, certas informações tiradas de contexto e outras convenientemente omitidas pela PF. Na reportagem “O delator mentiu” desta edição, Bonin volta ao personagem mostrando como ele mentiu a Alexandre de Moraes no interrogatório realizado na segunda-feira 9. Titular da coluna Radar, o editor-sênior de VEJA é o tipo de profissional capaz de fazer perguntas a que ninguém quer responder e observar o que ninguém quer que seja visto — mais duas definições sobre o ofício de repórter cunhadas por Gay Talese. ■

JHSF
SURPREENDENTE

O GRAND LODGE RESIDENCES
CONTA COM TODAS AS QUADRAS DE TÊNIS
DE UM GRAND SLAM PARA USO EXCLUSIVO,
ALÉM DE QUADRAS DE PICKLEBALL E BEACH TENNIS.

4
QUADRAS DE
TÊNIS DE SAÍBRO:
2 COBERTAS E
2 DESCOBERTAS

1
QUADRA DE
TÊNIS DE GRAMA
DESCOBERTA

6
QUADRAS RÁPIDAS:
3 DE TÊNIS COBERTAS
1 DE TÊNIS DESCOBERTA
2 DE PICKLEBALL

1
QUADRA
DE BEACH TENNIS
DESCOBERTA

GRAND LODGE RESIDENCES.
A EXPERIÊNCIA COMPLETA DO TÊNIS.

BOA VISTA
VILLAGE

GOLF • SURF • TÊNIS • EQUESTRE • TOWN CENTER

SAIBA MAIS



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br



EDVALDO BARONE

“É HORA DA AÇÃO”

O presidente da COP30 diz que, mesmo diante do intrincado xadrez geopolítico, a conferência pode trazer resultados concretos que têm tudo para se revelar um bom negócio para o mundo

RICARDO FERRAZ

MAIS DA METADE dos 43 anos que o embaixador André Corrêa do Lago, hoje com 66, dedicou à diplomacia se deu na área ambiental. Autor de livros diversos sobre o tema, foi ele que liderou as costuras pelo lado do Brasil na Conferência da ONU Rio+20, em 2012. No início do governo Lula, assumiu a secretaria de Clima, Energia e Meio Ambiente do Itamaraty, cadeira que o alçou ao desafio-mor de sua carreira: chefiar a Conferência do Clima, a COP30, em Belém. O evento de novembro acabou por lançá-lo em um giro global para convencer chefes de Estado e de governo a se comprometerem com as metas de redução de emissão de gases que aceleram o aquecimento global. Nesta entrevista concedida por videochamada, entre um e outro compromisso em Brasília, mesmo diante das dificuldades em torno de um consenso, ele revelou um notável otimismo quanto às chances de avanços concretos no encontro à vista.

Um dos pontos centrais da COP30 é a defesa da substituição de combustíveis fósseis, mas a conferência acontecerá a poucos quilômetros da Margem Equatorial, onde o Brasil está justamente tentando encontrar petróleo. Não é uma contradição? Há duas questões misturadas aí e, a meu ver, não estamos estabelecendo um debate muito racional sobre o tema. A primeira é se há o risco de acidente ambiental, uma pergunta legítima. O que sabemos é que a Petrobras é uma das empresas com o menor número de ocorrências desse gênero em todo o mundo. Já o segundo ponto gira em

torno do quanto custará explorar o petróleo caso venha a ser encontrado e se o preço compensará.

Se o Brasil for adiante, não estará caminhando na contramão? Nenhum país tem atualmente plenas condições de viver 100% em uma economia de baixo carbono. Todos precisam fazer generosos investimentos para superar o desafio. Mas é importante lembrar que essa é uma agenda que parece feita para favorecer o Brasil. Há defensores de que tais recursos poderiam ser usados de maneira positiva, justamente para acelerar a transição para a energia limpa e preservar a Amazônia. Felizmente, temos uma boa democracia, imprensa livre e o ambiente necessário para conduzir essa conversa com tranquilidade.

Os sinais trocados emitidos pelo presidente Lula sobre esse tópico não dificultam as negociações com outras

“Nenhum país tem hoje plenas condições de viver 100% em uma economia de baixo carbono. Todos precisam fazer generosos investimentos para superar o desafio, inclusive o Brasil”

nações? Não. Ele manifesta interesse em saber se existe petróleo na Margem Equatorial, ao mesmo tempo que demonstra firme apoio às negociações sobre emergência climática, controle do desmatamento e descarbonização. Temos de pensar no médio prazo, refletindo sobre como tudo isso vai contribuir para o esforço de alcançarmos a neutralidade de carbono em 2050.

O senhor disse que quer fazer da COP30 um mutirão em prol do clima. Como funcionaria? Algumas pessoas acham que uma COP se resume a um evento. Na verdade, é uma etapa de um movimento bem mais extenso. Ao longo do ano, há várias ocasiões em que será possível avançar nas discussões. As presidências anteriores focaram no encontro. Eu aposto mais no processo. E, para ser eficiente, decidimos chamar a comunidade internacional a participar desse mutirão, que já envolve todos os setores, de modo que possam se preparar para Belém não só com expectativas, mas também com iniciativas.

Tem havido grande dificuldade de construir consensos, situação agravada pela ausência dos Estados Unidos. Sendo realista, há chances de a agenda climática avançar? Essas conferências não são apenas negociações entre países-membros da Comissão do Clima. Você também envolve a sociedade civil, governos, empresariado e academia. Em Dubai, há dois anos, o consenso esperado ao redor do balanço

geral do Acordo de Paris e do afastamento das fontes de energia fósseis foi atingido. Em 2024, no Azerbaijão, chegou-se a um termo comum em relação ao valor da contribuição financeira dos países em desenvolvimento, que fechou em 300 bilhões de dólares. Na COP de Belém, como não há pauta obrigatória, se abre um valioso espaço para uma agenda de ações concretas.

Quais discussões o governo brasileiro pretende encaminhar? Antes de mais nada, pretendemos fortalecer o multilateralismo, fazendo com que o mundo reitere que as decisões sobre a mudança do clima serão negociadas entre os vários atores. Outro ponto é traduzir o que foi falado para a vida das pessoas. A terceira dimensão à qual estou atento é juntar organismos internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, já que são eles, e não a Convenção do Clima, que executarão o que foi negociado.

Em COPs anteriores só foram obtidos resultados reais quando as superpotências estavam alinhadas, o que não é o caso agora. O senhor não está sendo otimista demais? Como maiores emissores de carbono do planeta, Estados Unidos e China são, de fato, peças centrais. O governo americano decidiu sair do Acordo de Paris, mas a maior parte da economia seguirá acompanhando as decisões dali porque são elas que regem o comércio internacional. As multinacionais não podem simplesmente descon-

siderá-las. Mais de 35 estados americanos já avisaram que continuarão firmes com suas políticas ambientais, de forma independente da Casa Branca. Um caso interessante é o do Texas. Maior produtor de petróleo do país e republicano, tornou-se o campeão em energia renovável por se tratar de um ótimo negócio.

E a China está mesmo comprometida com metas arrojadas de redução de emissão de gases? Tenho a percepção de que a China está mais engajada do que nunca com a agenda ambiental. O país decidiu investir maciçamente em carros elétricos, painéis solares e usinas eólicas, obtendo resultados muito favoráveis do ponto de vista econômico. As circunstâncias internacionais estão, no fundo, contribuindo para que os chineses tomem a dianteira.

Com a guerra da Ucrânia, a União Europeia, que abraça com ênfase a questão climática, tem priorizado a área da defesa. Isso o preocupa? É compreensível que os países realoquem verbas em setores que consideram mais estratégicos, mas a mudança do clima segue em marcha, com ou sem guerra. Qualquer decisão, por mais legítima que seja, tem de levar em conta essa ameaça, que já afeta populações. Antes, para calcular o preço de uma apólice de seguro, investigava-se o passado. Agora, as companhias têm de mirar a previsão de aumento de temperatura no futuro. Uma casa, por exemplo, pode perder um imenso valor por isso.

Essas previsões baseiam-se na meta de impedir elevação de temperatura superior a 1,5 grau, mas tal barreira já foi rompida no ano passado. Será que o debate vem se desenrolando sob parâmetros irreais? A maioria dos cientistas ainda diz que se deve manter 1,5 grau como referência. Essa insistência não é apenas simbólica. A ideia é que, acima desse patamar, as consequências serão cada vez mais graves, com a interrupção de equilíbrios na natureza. Há risco de savanização da Amazônia, o que teria um impacto severo sobre as chuvas e, conseqüentemente, na agricultura brasileira.

O senhor costuma dizer que não há solução para a crise climática que não passe pela Amazônia. Afinal, já existe unanimidade internacional sobre como protegê-la? Se você perguntar em qualquer país livre se é importante preser-

“Se você perguntar em qualquer país livre se é importante preservar a Amazônia, todos dirão que sim. Mas, quando o papo é financiamento, a opinião fica bem mais moderada”

var a Amazônia, todos dirão que sim. Mas, quando o papo é financiamento, a opinião fica bem mais moderada. É preciso pensar na Amazônia em três dimensões: preservação — e nesse sentido o Brasil está propondo a criação de um fundo —, redução do desmatamento e restauração vegetal. Este último viés tem potencial enorme, já que pode gerar muitos créditos de carbono.

A Amazônia convive com invasão de áreas protegidas, garimpo, pesca ilegal e presença do crime organizado. Não é de se esperar que os países tenham resistência em financiar sua preservação? Isso tudo dá a dimensão da ilegalidade ali, que é assustadora. A criminalidade no bioma é maior do que na Índia, sendo que a região amazônica é mais extensa, porém, com população bem menor. Se não for monitorado, se torna automaticamente atraente para os bandidos. Mas o governo conseguiu reduzir o desmatamento de forma significativa e criou um centro de combate ao crime organizado, com participação dos países amazônicos. Hoje, as diversas polícias federais trocam dados e agem de maneira coordenada.

Há disposição de negociar maior presença de forças estrangeiras para elevar a segurança da região? Você pode ter certeza de que nenhum país do mundo quer assumir isso. A comunidade internacional prefere que seja um desafio brasileiro, então precisamos encontrar a fórmula nós mesmos.

Há muitos anos se fala ser necessário fazer com que a floresta de pé valha mais do que a exploração de seus recursos naturais. Por que é tão difícil? Essa é a pergunta de muito mais de 1 milhão de dólares. Não é possível que seja mais interessante destruir do que manter esse verdadeiro tesouro, que tem efeito extraordinário sobre a captura de carbono, a biodiversidade e as comunidades locais. É essencial assegurar incentivo aos setores que podem colaborar no combate às mudanças climáticas, ao mesmo tempo que se respeite o interesse econômico dos proprietários da terra, contanto que ajam dentro da legalidade. Temos um grupo de economistas pensando em um modelo que vamos apresentar na COP.

O preço das estadias em Belém durante a conferência está proibitivo. O Brasil corre o risco de ficar mal na foto? A maioria das nações que sedia o encontro procura locais que vão impressionar o visitante. A decisão do presidente Lula de fazer a COP30 em Belém é muito corajosa porque evidencia que o país ainda tem muito a realizar em seu caminho para o desenvolvimento. O fato de a cidade contar com poucos hotéis e apartamentos é um problema contornável. O grande desafio são os preços, que andam infinitamente acima da média mundial de uma COP. Isso precisa ser equacionado.

O vice-presidente Geraldo Alckmin convidou o papa Leão XIV para a COP. Ele virá? Se vier, será o máximo. O Vati-

cano, começando pelo papa Francisco, publicou uma encíclica extraordinária, a *Laudato Si'*, que incorporou a questão da mudança do clima a debates como o da justiça social e do combate à pobreza. A presença do papa não seria apenas simbólica, mas de um ator maior em meio a um esforço mundial.

O senhor também é acometido pela ansiedade climática, mal causado pela expectativa de um futuro incerto? Racionalmente, há muitos motivos que deveriam fazer com que eu não dormisse bem. Mas, acredite ou não, há várias razões para ser otimista. Enxergo soluções e boas notícias no horizonte. ■

DRAMÁTICA COMO UM TANGO ARGENTINO



ELA SAIU na sacada da sede do Partido Justicialista, em Buenos Aires, como se revivesse Evita Perón — mas agora com evidentes ares de farsa. Para a multidão que a aplaudia, a ex-presidente da Argentina, **Cristina Kirchner**, esbravejou: “Os peronistas não

fogem. A direita é que faz isso. Não somos mafiosos”. Ela havia acabado de ser condenada pela Suprema Corte a seis anos de cadeia e impedida de ocupar cargos públicos pelo resto da vida, acusada de corrupção em obras públicas na província de Santa Cruz, seu reduto político. Como tem mais de 70 anos, é certo que poderá cumprir a pena em prisão domiciliar. A decisão — o triste desfecho de uma aventura — põe fogo no tabuleiro político do país. O atual mandatário, Javier Milei, que passou a semana na Europa bradando contra a esquerda — “Viva a liberdade, car***! Morte ao socialismo”, rugiu em um fórum econômico em Madri —, comemorou a decisão. Nas redes sociais, ele foi direto ao ponto, com exclamação: “Justiça! Fim”. Contudo, pode ser cedo para cantar vitória. O veredicto de Cristina incitou os grupos peronistas. Para a turma de Milei, tê-la como adversária era atalho para a permanência do discurso ultraliberal, de nítida oposição. Agora haverá nuances, em jogo que Milei tem dificuldade de praticar. A Argentina, que nunca foi para amadores, vive dias nervosos, apesar da inflação controlada: 25% ao mês em dezembro de 2024 e 2,8% em abril passado. O tango está apenas começando, e as manifestações de rua, que brotam de um lado e de outro, indicam dramática dança. ■

Fábio Altman



FABIO ROCHA/TV GLOBO

AFIRMAÇÃO

Novaes: “Meus pais nunca pediram para que me contratassem”

“DUVIDARAM MUITO DE MIM”

Ator de 28 anos fala do sucesso como o mocinho da novela das 6, *Garota do Momento*, e dos supostos privilégios como nepo baby, por ser filho das estrelas globais Marcello Novaes e Leticia Spiller



Seu primeiro papel de mocinho, em *Malhação*, se encerrou de forma abrupta por causa da pandemia, em 2020. Foi um alívio interpretar o protagonista Beto de *Garota do Momento* sem essa preocupação? Acho que agora pude aproveitar ainda mais a experiência, saboreando cada momento, sabendo que aqui teremos um fim completo que *Malhação* não pôde ter.

***Garota do Momento* se tornou um sucesso de público, mas também ensejou críticas pela perda de espaço de Beto e da mocinha Beatriz (Duda Santos) para dar lugar às maldades de Bia (Maisa Silva). Como enxerga essa reação? Tenho uma visão positiva sobre isso, porque faz parte do processo da novela. As pessoas podem não gostar, mas na vida nem sempre as coisas agradam a todos. Entendo a frustração do público, mas confio no texto da Alessandra Poggi e sei como é difícil escrever uma novela.**

Quando surgiu a vontade de virar ator? A arte sempre esteve presente na minha vida, porque tive uma referência muito clara dentro de casa. Comecei a acompanhar minha mãe no teatro, nos sets de gravação de novela, e percebi que era isso que eu queria para minha vida também — assim como a música.

Ser filho de Marcello Novaes e Leticia Spiller faz de você um nepo baby, nome que se dá aos herdeiros de

celebridades que têm privilégios na carreira. O rótulo incomoda? Esse termo só se encaixou pela sensação das pessoas de verem o filho de alguém tendo portas abertas por isso. Mas o diferencial está no que é feito depois de entrar por essas portas. Brigo para dar meu máximo em tudo que faço, me dedico e estudo para fazer um bom trabalho, para que me vejam por mim, e não pelos meus pais. Então, não vejo o nepo baby como algo pejorativo.

Mas já precisou se provar por causa disso? Sim, claro, já passei por situações em que duvidaram muito de mim e do meu trabalho, de acharem que eu só estava em um lugar por ser filho de quem sou. Reconheço que, por estar inserido nessa família, talvez as portas se abram, mas meus pais nunca ligaram para ninguém pedindo para que me contratassem.

Sua banda, Fuze, da qual é baterista, tocou no Rock in Rio e acaba de lançar um clipe. A música complementa a atuação? Com certeza. Quando estou no set gravando ou no palco, tenho de estar focado. Se não estiver entregue ao momento, não vou conseguir atuar ou tocar da melhor forma que posso. ■

Kelly Miyashiro

O MENINO QUE NUNCA CRESCEU





O diretor italiano Vittorio De Sica dizia tê-lo encontrado em 1948 nas ruas de Roma, impressionado pelo modo como o menino de 9 anos caminhava e pelo olhar expressivo, sempre melancólico. **Enzo Staiola** faria história como o Bruno de *Ladrões de Bicicleta*, filme apontado como o mais puro exemplo do neorrealismo italiano, movimento cinematográfico nascido no pós-guerra, caracterizado pelo uso de atores não profissionais e filmagens em cenários reais — com atenção especial ao cotidiano banal de pessoas comuns. Em *Ladrões de Bicicleta*, Oscar de melhor produção estrangeira, nascido clássico, Staiola interpretou o filho de Antonio Ricci (Lamberto Maggiorani), colador de cartazes que tem uma bicicleta roubada — gatilho para uma travessia de esperança e desespero. O ator mirim, que no imaginário popular nunca cresceu, abandonaria as telas aos 15 anos. Ganharia a vida como professor de matemática. Ele morreu em 4 de junho, aos 85 anos.

CLÁSSICO Staiola, como Bruno (à esq.), ao lado de Maggiorani: melancolia



MESTRE O britânico Frederick Forsyth:
autor de *O Dia do Chacal*

A VIDA COMO SUSPENSE

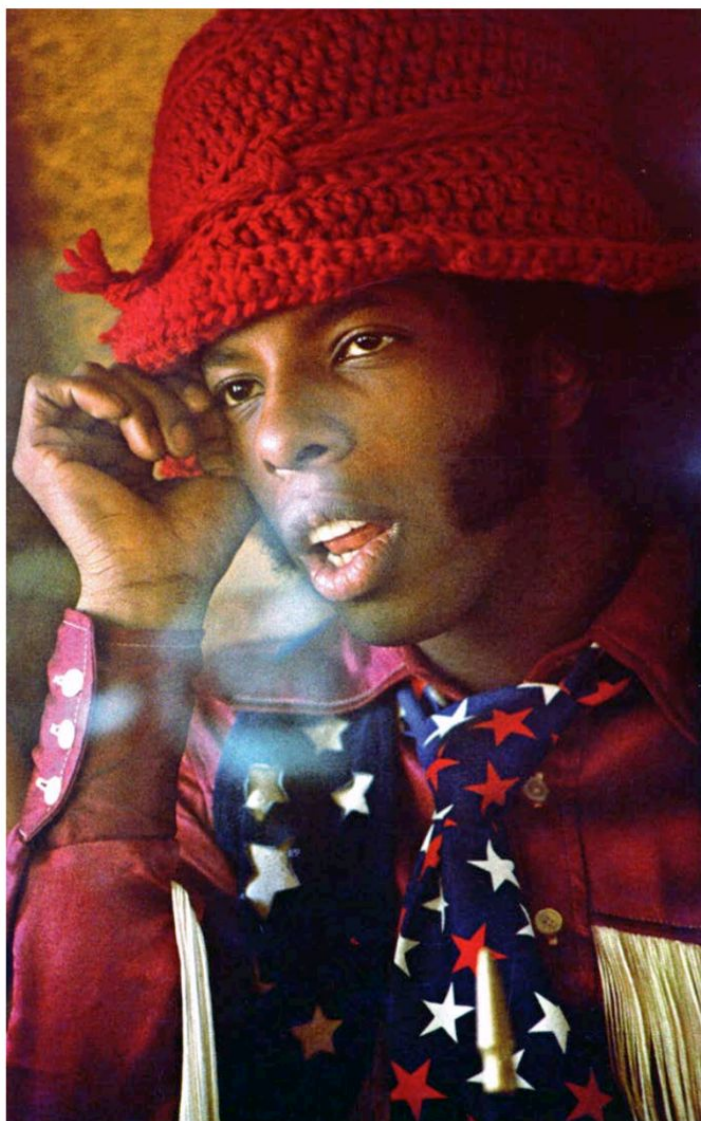
É lugar-comum dizer que a arte imita a vida, mas é expressão óbvia porque é assim que funciona, muitas vezes. O correspondente de guerra britânico **Frederick Forsyth** fez de sua experiência jornalística durante os anos 1960, especialmente na Nigéria, embebida de espionagem, o pano de fundo para alguns dos mais populares e precisos livros de suspense histórico. É dele o mercurial *O Dia do Chacal*, publicado em 1971 e depois transformado em filme, em torno de uma tentativa de assassinato do presidente francês Charles de Gaulle, em 1963. São dele também *O Dossiê de Odessa*, de 1972, e *Cães de Guerra*, de 1974. Forsyth escreveu mais de 25 livros, que, juntos, venderam mais de 75 milhões de exemplares em todo o mundo. Ele morreu em 9 de junho, aos 86 anos, com uma certeza: mesmo em tempos tão efêmeros, de redes sociais, continuará sendo lido.

A ALMA DO SOUL AMERICANO

Foi empolgante, e atire a primeira pedra quem não saiu bailando. Em 1968, quando a banda Sly & The Family Stone foi à TV para apresentar *Dance to the Music*, o suíngue funk com pitadas de soul e rock do grupo liderado pelo vocalista e multi-instrumentista **Sly Stone**, reinventou a música pop. Depois viria a explosão psicodélica em Woodstock, em 1969, e a obra-prima *There's a Riot Goin' On*, no fim de 1971. Sly morreu em 9 de junho, aos 82 anos, em decorrência de um problema pulmonar. ■

BAILE Sly Stone: ele fez todo mundo dançar nos anos 1960 e 1970

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES





“Ponho muita intensidade, os outros não estão acostumados com esse ritmo.”

CARLOS ALCARAZ, tenista bicampeão de Roland Garros. Ele venceu o italiano Jannik Sinner por 3 a 2 na mais demorada final do mítico torneio no saibro

“Todo mundo conhecia o problema do INSS, e o ministro Rui (Costa) sabe disso.”

VINICIUS CARVALHO, chefe da Controladoria-Geral da República, expondo o ministro da Casa Civil

“Ditadura (*de 1964*) é uma questão de interpretação.”

ROMEU ZEMA, governador de Minas Gerais

“Graças ao Banco Central, com um mandato focado em manter a inflação dentro da meta, o fiscal não degingolou, trazendo de volta os pesadelos do passado.”

GUSTAVO FRANCO, ex-presidente do BC

“Vivemos uma nova etapa do terraplanismo e há gente ainda querendo dizer que as mudanças climáticas são uma farsa.”

JOHN KERRY, ex-secretário de Estado americano, ambientalista

“Eu sou uma pessoa alegre, divertida. Eu tenho o chip da alegria. De repente eu virei um demônio.”

CLAUDIA RAIA, atriz, que acaba de estreiar a peça *Cenas da Menopausa*

“A cultura é como feijão e arroz. Não pode faltar à mesa, né? Ela faz parte da cesta básica do brasileiro.”

GILBERTO GIL, ao encerrar a primeira etapa de sua turnê
Tempo Rei pelo Brasil

“A sentença que condena Leo Lins a oito anos de prisão é absurda. Se as piadas são criminosas, muito mais gente tem de ser presa. Todos os que riram. Rir da piada constitui cumplicidade.”

RICARDO ARAÚJO PEREIRA, humorista português, membro do coletivo Gato Fedorento e autor do livro *Boca do Inferno*. Lins é acusado de promover pedofilia e misoginia com suas tiradas

“Ainda vão saber que é você.”

MICHELLE OBAMA, reagindo com humor à decisão da filha Malia, 26 anos, de assinar os filmes que dirige como Malia Ann, sem o famoso sobrenome

“Eu respirava automobilismo, foi uma coisa tão natural que acabei me casando com um piloto de Fórmula 1.”

KELLY PIQUET, filha de Nelson Piquet, mulher de Max Verstappen



INSTAGRAM @TAISDEVERDADE

“Sei que não poderei fazer. Ela não tem mistura, ao contrário de mim. É um papel para uma atriz retinta.”

TAÍS ARAUJO, ao desistir de interpretar a personagem Luísa Mahin do livro *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves



Prêmio Veja Saúde Oncoclínicas de Inovação Médica

2025

PROMOVENDO A INOVAÇÃO NA SAÚDE

Começou a edição 2025 do prêmio
que destaca a inovação na medicina e
reconhece os profissionais que estão
mudando o futuro da saúde no Brasil.



AS INDICAÇÕES
DE PROJETOS JÁ
ESTÃO ABERTAS

veja **SAÚDE**

INSTITUTO
ONCOCLÍNICAS



LEIA O QR CODE,
ACESSE O SITE E SAIBA
COMO PARTICIPAR



FERNANDO SCHÜLER

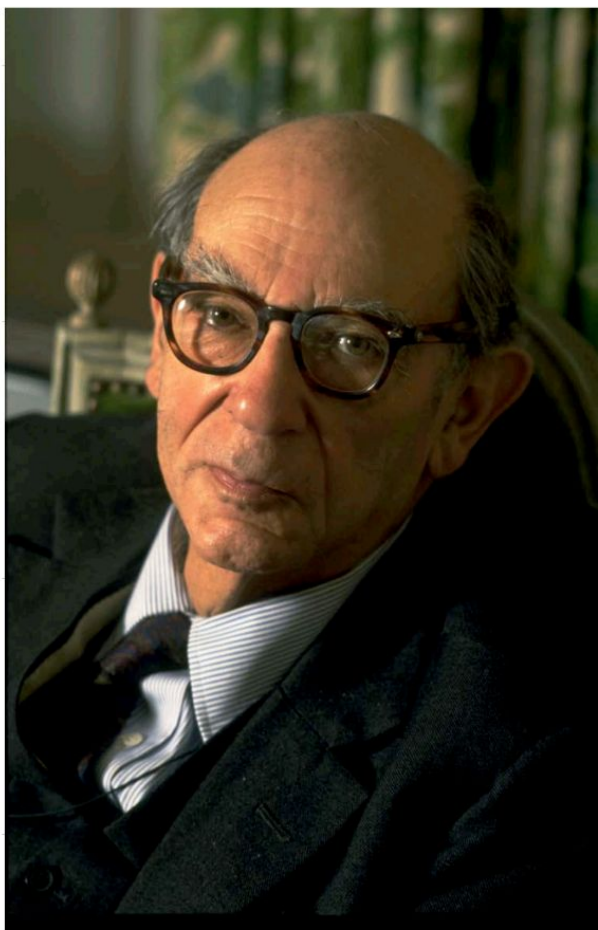
A SEDUÇÃO DO PANÓPTICO

“IXI, descongelaram o Roberto!”, dizia uma das quase infinitas piadas de mau gosto sobre um recente show de Roberto Carlos. Roberto está coroa, aos 84, feliz da vida. As piadas eram ofensivas, etaristas, mas ninguém cogitou um processo dizendo que elas feriam a dignidade dos mais velhos. A verdade é que não damos bola. No mar de “identidades” que andam por aí, quais deveríamos proteger? De minha parte, acho que toda ofensa deveria ser abolida. Ao menos, no mundo real. Se for de brincadeirinha, quem sabe. O sujeito cria um personagem e ele brinca de ofender os outros. Um truque? Foi um problema de Flaubert, no século XIX. As indecências de Emma Bovary seriam apenas dela, a personagem, ou Flaubert, o autor, teria culpa no cartório? Ele de fato foi processado e escapou por pouco. Teriam falhado os juízes franceses? No Brasil de hoje, não ligamos para indecências literárias ou piadas sobre idosos. Mas as piadas do Leo Lins não nos escapam. O caso pode ser revertido, mas o debate que se instalou ensina muito sobre o que somos.

O debate diz respeito à lógica do direito fluido que vai ganhando espaço por aqui. A lei antirracismo, de 1989, é uma legislação universalista. Trata de proteger qualquer pessoa injuriada por raça, religião ou origem. Depois, fomos relativizando. Injetando doses de sociologia na interpretação da lei. A “lei antiapiada”, de 2023, fala de “grupos minoritários”. Não só quebrou a isonomia e a universalidade da garantia jurídica, como introduziu um latifúndio interpretativo na aplicação do direito. A lei diz que é discriminatório “qualquer tratamento a pessoas ou grupos minoritários que cause constrangimento, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência”. Li a frase diversas vezes. A cada leitura, consegui imaginar alguma coisa diferente. Quais seriam exatamente os “grupos minoritários”? O que seria uma “exposição indevida”? E que tipo de tratamento não se daria a “outros grupos”? Leo Lins foi a Santa Catarina fazer piadas com a alemoada. Acharam ofensivo e cancelaram um show. Ninguém mandou prender, talvez porque a dignidade humana do “alemão-batata”, como escutava na infância, vale pouco no “dignômetro” nacional. O ponto é que, assim como eu, nossas autoridades também entenderão muitas coisas com frases daquele tipo. Eu não tenho poder algum. Mas os agentes de Estado têm. Poder sobre nossa liberdade. E é aí que a coisa pega.

A questão crucial não é saber se uma piada sobre tal grupo é ou não desprezível, mas se estamos dispostos a

dar ao Estado o poder de definir essas coisas. Muita gente parece acreditar que os critérios para definir o que seja “apropriado” ou mesmo o “verdadeiro humor”, como escutei por estes dias, são autoevidentes. Não são. E é aqui que as coisas se dividem. Para uma parte da sociedade, é algo valioso viver em uma sociedade na qual essas definições fiquem nas mãos dos cidadãos. Algo do tipo: não gosto das piadas do Leo Lins (meu caso), logo não assisto a seus shows. Mas não quero que o Estado tome essa decisão em meu nome. É uma visão de mundo. Mas há outra visão. Pessoas que simpatizam com a ideia de um mundo-panóptico. Com alguém lá na torre dizendo com quem pode ou não fazer graça. Talvez gostem dessa ideia por achar que os donos da torre irão sempre acertar. São duas visões sobre o papel do Estado e o nosso alcance



SOPHIE BASSOULIS/RYGMA/GETTY IMAGES

IDEIA O filósofo Isaiah Berlin:
“pluralismo objetivo”

“A autocracia é simples, a liberdade é complicada. Ela é complexa”

sobre a verdade. Algo que o grande Isaiah Berlin colocaria na conta de seu “pluralismo objetivo”. O conflito entre valores simultaneamente verdadeiros ao mesmo tempo que excludentes entre si, em uma sociedade aberta.

A visão “panóptica” é particularmente fascinante. Sua premissa me soa algo como “somos frágeis, logo precisamos de proteção”. Ou ainda: “dado que sua arte e suas brincadeiras me ofendem, você me deve seu silêncio”. Aceitas estas premissas, a pergunta real passa a ser: quantos Leos Lins andam por aí, sob o manto do humor? Como um sujeito desses chegou a subir naquele palco e como podemos evitar que isso aconteça antes que um vídeo daqueles machuque 3 milhões de pessoas? Na prática: por que não a censura prévia? Algo em que até já temos certo know-how. À época da ditadura, Chico Buarque precisava mandar suas letras ao censor para que ele analisasse e colocasse seu carimbo lá. O problema de criar um sistema assim é a complexidade. Um tema óbvio é a definição dos grupos “satiri-

záveis”. Tempos atrás li sobre um grupo de meninas muito altas que se sentem discriminadas. Sofrem bullying no colégio, chamadas de girafas e tal. A pergunta é simples: pode fazer piada de gurias-girafas? Não seria útil aprovar uma lista dos grupos que podem ser satirizados, talvez no próprio Supremo, para dar segurança jurídica ao humor nacional? Um ranking, quem sabe, de modo que as penas fossem moduladas de acordo com o grupo ofendido. Pode soar estranho, mas é melhor do que tudo ficar ao sabor da interpretação ad hoc de cada autoridade. Uma alternativa é usar a inteligência artificial. Sistema barato e eficiente. Microfones nos teatros, uma IA identificando as piadas danosas, um sinal de alerta às polícias locais e pronto. Quantos crimes não se poderiam evitar? Pode soar meio invasivo, eu sei. Mas quem disse que liberdades são absolutas?

Confesso ter uma visão distinta, mais ligada àquele primeiro tipo de sociedade. Acho que todos têm um mesmíssimo direito à dignidade. Penso que se alguém acha uma piada repugnante deve evitar aquele teatro, e que, sempre que um poder sobre ideias, humor ou a cultura foi dado ao Estado, terminamos em seletividade e abuso. Reconheço que estas ideias são difíceis. Foi o ponto de Jean-François Revel: a autocracia é simples, a liberdade é complicada. A autocracia é um tipo de atalho. A autoridade vai lá e põe o humorista em cana. Vale o mesmo para quem faz um discurso de ódio ou fake news. Já a liberdade é complexa. É preciso atuar discursos bizarros e acreditar que podemos aprender,

agir com bom senso, negociar espaços de privacidade. E mais: saber que não há fórmula perfeita para viver juntos, em um mundo divergente sobre valores. De modo que, entre todas as soluções imperfeitas, a mais prudente ainda é uma aposta na objetividade do direito.

Um dos maiores exemplos dessas ideias foi dado por uma jovem advogada negra, Eleanor Norton, que em 1969 resolveu defender Clarence Brandenburg, um líder da KKK, na Suprema Corte americana. Brandenburg era tipo muito mais asqueroso do que Leo Lins. E não estava fazendo piada nem representando um personagem quando fez o seu discurso racista e abjeto, pelo qual foi processado. Eleanor defendeu os direitos de Brandenburg por uma singela razão: respeitar seu direito à palavra era o modo de preservar um princípio que por sua vez permitia que todos tivéssemos nossos direitos igualmente respeitados. Porque se algum dia deixássemos ao Estado a prerrogativa de decidir o que podemos ou não dizer, seria um pouco como abrir as portas do inferno. Uma dessas que, depois de aberta, é difícil de fechar. Se alguém duvidar, observe a história. Sequer é preciso ir muito longe. Pensar sobre o Brasil dos últimos anos já funciona como uma magnífica lição a este respeito. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

MOUNJARO

A Anvisa aprovou o uso do tirzepatida, princípio ativo do produto, como emagrecedor – antes, ele só era liberado para tratamento de diabetes tipo 2.

KIM NOVAK

A atriz americana de 92 anos, que ficou imortalizada por seu papel em *Um Corpo que Cai*, de Alfred Hitchcock (1958), será homenageada com o Leão de Ouro no Festival de Veneza.

JOÃO FONSECA

O tenista brasileiro de 18 anos subiu oito degraus no ranking da ATP após o seu desempenho em Roland Garros e chegou à 57ª posição, a melhor da carreira.

DESCE

BRUNO HENRIQUE

O craque do Flamengo foi denunciado pelo MP por suposta participação em um esquema de manipulação de apostas na internet.

JARED LETO

O ator e cantor americano está sendo acusado de má conduta sexual por nove mulheres – algumas eram menores de idade na época dos supostos assédios.

“DÉBORA DO BATOM”

Símbolo da ofensiva por anistia, Débora Rodrigues dos Santos, que pichou a estátua do STF no 8 de Janeiro, teve o seu derradeiro recurso negado contra a sentença de catorze anos de prisão.

Com reportagem de Marcelo Ribeiro,
Nicholas Shores e Pedro Pupulim



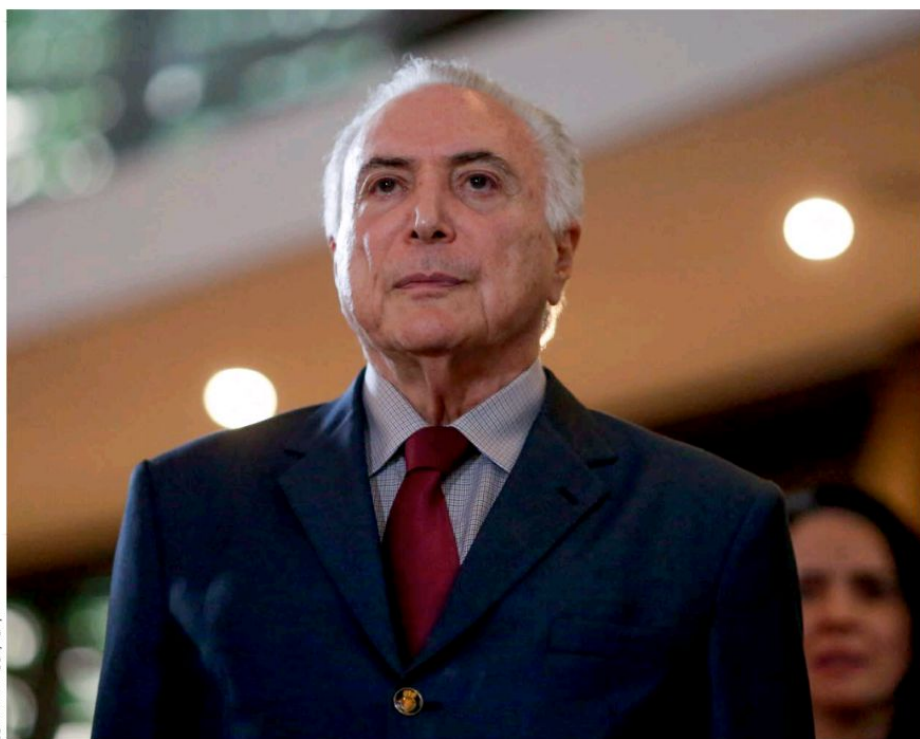
Sem banho de sangue

“Ninguém mais deve banhar-se em gasolina.” Com essa frase na cabeça, o ex-presidente **Michel Temer** atuou nesta semana para evitar que o depoimento de Jair Bolsonaro a Alexandre de Moraes virasse uma ba-

talha no STF transmitida ao vivo para todo o país.

Peça desculpas

“Venho em busca de paz”, disse Bolsonaro, ao pedir ajuda para aplinar o terreno com Moraes na sexta 6. “Você é muito agressivo



SUAMY BEYDOUN/AGF/APF

EM PAZ Temer: ele mediou acordo pacificador entre Bolsonaro e Moraes no STF

em suas falas. Tem que ser humilde. Pedir desculpas”, disse Temer ao ex-mandatário.

Cachimbo da paz

Com a promessa de Bolsonaro de que se comportaria no STF, Temer acionou Moraes: “Bolsonaro me procurou. Quer paz. Vai pedir desculpas”. Moraes retribuiu o aceno. “Serei muito tranquilo”, disse a Temer. E assim foi.

Recado para o Zero Três

Antes de falar com Moraes, Temer deu um recado a Bolsonaro sobre Eduardo. “O seu filho está lá nos Estados Unidos falando mal do STF. Isso não ajuda você”, disse ao capitão — e ele entendeu.

Contenção de danos

O acordo de paz que garantiu um depoimento tranquilo e até marcado por afagos do capitão ao ministro, não vai evitar uma condenação no STF, mas ajudou a melhorar a situação de Bolsonaro, diz um interlocutor que acompanhou a missão pacificadora de Temer.

Agora já chega

Foi a terceira vez que Temer atuou para evitar conflitos entre Moraes e Bolsonaro. A primeira foi no episódio da carta divulgada em setembro de 2021. A outra foi antes de um ato que poderia resultar em prisões, diante de ofensas ao ministro do STF.

Sem ameaças

Os depoimentos dos réus do golpe foram tranquilos na área de segurança do

STF, que não registrou crescimento de ameaças a ministros da Corte.

Ibope decepcionante

A transmissão das falas dos réus, aliás, ficou na casa dos 50 000 telespectadores no primeiro dia de depoimento. No segundo dia, foram 70 000. Um público modesto para os padrões do STF.

Ficou barato

O MPF arquivou uma investigação contra policiais federais de Rondônia que divulgaram um vídeo com fake news contra Moraes. O órgão não viu crime no episódio.

Trabalho incompleto

A CPI das Bets terminou nesta semana sem resolver um mistério surgido nos relatórios financeiros do Coaf enviados ao Senado. Os do-

cumentos apontaram uma série de movimentações financeiras envolvendo empresários das bets, parlamentares, ex-assessores de políticos e até um desembargador do TJ-PI. Nada foi investigado.

Vai sobrar espaço?

O Pará chegou recentemente ao patamar de 19 000 leitos inscritos para receber hóspedes durante a COP30, em Belém, via Airbnb. Os leitos em navios somarão 5 000 quartos.

Prova santa

Maior procissão religiosa do mundo, com 2 milhões de pessoas, a festa do Círio de Nazaré, em Belém, será usada, neste ano, como evento-teste de organização da COP30 para a nova rede de hotéis da cidade.

O velho fogo amigo

A Casa Civil de **Rui Costa** é hoje um órgão vital na organização da COP30, em Belém. Por uma dessas coisas que ocorrem nos governos petistas, é também fonte de vazamentos de informações contra o evento no Pará.

Dedo nervoso

Recentemente, um importante ministro de Lula, cobrado pelos vazamentos, colocou na conta de Costa a divulgação de documentos sobre dificuldades de hospedagem em Belém.

Caso superado

Depois de toda a confusão armada por Janja sobre o TikTok na China, sobrou para Rui Costa aparar arestas numa conversa com o embaixador da China no Brasil, Zhu Qingqiao, no Planalto.



FABIO RODRIGUES-POZZER/AGÊNCIA BRASIL

SERÁ? Costa: pasta do ministro teria vazado informações contra a COP30

Jogo de interesses

Novo presidente da CBF, Samir Xaud saiu a campo, nos últimos dias, para obter apoio de políticos. Na terça 10, almoçou com Tarcísio de Freitas. No dia seguinte, encontrou o chefe da Câmara, Hugo Motta, e o do Senado, Davi Alcolumbre. Também esteve

com Anielle Franco, a ministra de Lula.

Un giorno di felicità

Samir Xaud terminou a terça-feira comemorando o aniversário de Carlo Ancelotti no hotel da seleção em São Paulo. A noitada, com muito vinho italiano, foi até as 3 da manhã.

Só tomando uma

No domingo 8, depois da longa reunião sobre o ajuste fiscal, Fernando Haddad saiu da casa de Hugo Motta e foi direto para um boteco na Vila Planalto, bairro boêmio de Brasília.

A saideira

O Espetinho da Vila virou “base” da equipe da Fazenda enquanto Haddad estava na casa de Motta. A negociação foi tão extenuante que o mi-

nistro e auxiliares ficaram por lá até o bar fechar.

Projeto adiado

O governo Lula tirou da lista de projetos de concessão o terminal portuário VDC29, no Porto de Vila do Conde, em Barcarena, no Pará. Vai aprofundar a modelagem de negócio.

Para paulista ver

Criada pelo governador gaúcho Eduardo Leite para atrair investimentos ao estado, a Invest RS vai inaugurar no fim deste mês um novo escritório da agência em São Paulo.

O mistério do celular

Preso na esteira da investigação da PF contra o empresário Diego Cavalcante, suposto operador do esquema de venda de decisões ju-

diciais, o personal Pedro Paulo disse à PF que o aluno dele não tentou sumir com o próprio celular durante a batida policial. O sumiço do aparelho foi o que motivou a prisão de Diego por obstrução de justiça.

Doria in english

Depois de vender 11 000 exemplares no Brasil, João Doria lança, pela Matrix Editora, a edição em inglês de sua biografia — revista e ampliada —, *O Poder da Transformação*.

Cofre recheado

Antes de gastar 1 milhão de reais no leilão de Neymar, nesta semana, a influenciadora **Deolane Bezerra** pediu à Justiça de Pernambuco, na terça, o desbloqueio dos seus bens, retidos na investigação sobre casas de



INSTAGRAM @DEOLANE

NO BANCO Deolane: ela briga para desbloquear os bens na Justiça

apostas esportivas. Ela argumenta que não há motivo legal para o congelamento. ■



CARA A CARA O aperto de mãos constrangido do ex-presidente com o ex-subordinado: primeiro encontro após as investigações

O DELATOR MENTIU

VEJA teve acesso a mensagens que mostram que o ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro usou as redes sociais quando não podia, quebrou o acordo de confidencialidade ao revelar detalhes de sua colaboração e não falou a verdade em interrogatório no STF marcado por vários lapsos de memória

ROBSON BONIN E LARYSSA BORGES



TON MOLINA/STF



DETALHES Cid conta que prestou depoimento durante três dias e reclama de manipulação

A defesa de Jair Bolsonaro nunca escondeu que uma das estratégias para tentar livrar o ex-presidente da acusação de golpe é desqualificar as revelações feitas pelo tenente-coronel Mauro Cid. O ex-ajudante de ordens fez um acordo de delação premiada e, em troca de benefícios, ajudou a PF a montar o quebra-cabeça do suposto plano urdido no fim de 2022 para anular as eleições, impedir a posse de Lula e manter o ex-capitão no poder. Na segunda 9 e na terça

10, o Supremo Tribunal Federal começou a interrogar os oito réus acusados de integrar o núcleo central da conspirata. Cid foi o primeiro a ser ouvido. De uma maneira geral, repetiu boa parte do que já havia dito antes. Em vários momentos, no entanto, soou tatibitate ao narrar certas passagens e foi acometido por alguns estranhos lapsos de memória. Ao longo de quase quatro horas de depoimento, repetiu incontáveis vezes “não me lembro” e “não me recordo”.

Uma novidade capaz de provocar uma turbulência surgiu no final da audiência, quando um dos advogados de Jair Bolsonaro, Celso Vilardi, fez uma pergunta fortuita. “Quero saber se ele fez uso em algum momento para falar de delação de um perfil no Instagram que não está no nome dele”, indagou. Cid disse que não. O defensor do ex-presidente insistiu: “Ele nunca usou perfil de mídia social para falar com ninguém?”. Cid, de novo, garantiu que não. “Conhece um perfil chamado @gabrielar702?”, tentou mais uma vez o advogado. Cid, nesse momento, gaguejou: “Esse perfil, eu não sei se é da minha esposa”.

Era uma armadilha — e o tenente-coronel, ao que parece, caiu nela sem perceber. Ao assinar o acordo de delação premiada com a Justiça, ele assumiu o compromisso de falar a verdade, manter em segredo o teor de suas revelações, não ter contato com outros investigados nem usar redes sociais. Vilardi sabia que Cid havia desrespeitado ao menos duas determinações impostas pelo ministro Ale-

“QUERIAM FAZER RÁPIDO”



< Gabriela R

Gabriela R respondeu a você

E eles mudavam para o que vc falou ou te forçavam a deixar como eles queriam??

Eles toda hora queriam jogar para o lado do golpe

E eu falava para trocar pq nao era aquilo que tinha dito

Ameaçava?? Se não falar o Ministro não vai te soltar.... como era a pressão??

Vamos pegar seu pai, sua esposa...

Eu contei uma história...

: < 😊 Deve ter sido fodaaa

No curso de FE deve ter sido melhor que essa experiência

Gabriela R respondeu a você

Ameaçava?? Se não falar o Ministro não vai te soltar.... como era a pres...

Eles queriam fazer rápido para me ajudarem a "sair rápido"

Eu e os outros....

O mais foda é sentir que eu estou ferrando todo mundo....

Fruto de uma perseguição que eu não tive maldade que iria acontecer

E eu fui bem claro lá... Pr nao iria dar golpe nenhum...

Ele estava mal....

Ele queria encontrar uma fraude nas urnas....



Mensagem...



PERSEGUIÇÃO O ex-ajudante de ordens diz que se sentiu pressionado e que os investigadores teriam um objetivo preestabelecido, que era prender o ex-presidente

“NÃO PRECISA DE PROVA!!!”



Gabriela R



Gabriela R respondeu a você

E aquele papo que o AM manda tudo meio que pronto?? Pq é tudo muito rápi...

Ele já tem o objetivo dele...

Ele já teve ter pronto a ordem de prisão do Pr!

E aquele papo que o AM manda tudo meio que pronto?? Pq é tudo muito rápi...

Ele já tem o objetivo dele...

Ele já teve ter pronto a ordem de prisão do Pr!

Não precisa de prova!!! Só de narrativas!!!!

E quando falam de provas.... Metem os pés pelas mãos....



Como foi com o FM... que não viajou aos EUA...

Gabriela R respondeu a você

Te prender pq???



Pq eu estava recebendo dinheiro para custear milícias digitais



Ele AM ou Barroso?? Ou os dois?

Você respondeu a Gabriela R

Pq eu estava recebendo dinheiro para custear milícias digitais

Cada uma.....



Mensagem...



xandre de Moraes, relator do processo no STF — e as provas de que isso de fato aconteceu estão em um conjunto de mensagens trocadas entre o tenente-coronel e uma pessoa do círculo próximo a Jair Bolsonaro. VEJA teve acesso aos diálogos. Eles mostram que Cid, já na condição de delator, fazia jogo duplo. Enquanto fornecia à PF informações sobre a movimentação antidemocrática, contava a pessoas próximas uma versão completamente diferente do caso. Nessas conversas, revelou a terceiros o teor de seus depoimentos à PF e bastidores do que se passava durante as audiências. O militar fala em pressões, conta que o delegado responsável pelo inquérito tentava manipular suas declarações e diz que Alexandre de Moraes já teria decidido condenar alguns réus antes mesmo do julgamento. Essas confidências, em tese, podem resultar na anulação do acordo de colaboração e, por consequência, na revisão dos benefícios dados ao tenente-coronel. Há um problema adicional para o delator. Antes do início do interrogatório, Cid foi advertido por Moraes sobre a obrigação de falar apenas a verdade. Ao afirmar, na sequência, que não usou a rede social, ele mentiu.

As mensagens obtidas por VEJA foram trocadas entre 29 de janeiro e 8 março de 2024. O acordo de colaboração premiada havia sido homologado por Alexandre de Moraes cinco meses antes. Nesse período, Cid usava tornozeleira, tinha obrigação de se apresentar semanalmente a um juiz e já estava proibido de se comunicar com investi-



STF

NA MIRA Moraes: magistrado é alvo
de comentários e apelidos pouco amigáveis

gados e falar sobre o conteúdo de sua delação. Por alguma razão, ele decidiu burlar a determinação de Moraes, usando o Instagram @gabrielar702 para conversar com colegas e pessoas diretamente interessadas no andamento das investigações. Nos diálogos, fala abertamente das longas oitivas que estava tendo de enfrentar — “Foram três dias seguidos” — e do desconforto em relação ao trabalho dos investigadores — “Toda hora queriam jogar para o lado do golpe... e eu falava para trocar porque não era aquilo que tinha dito”. Há várias citações a Alexandre de Moraes, identificado pelas iniciais “AM”. Em uma delas, o tenente-coronel diz ao interlocutor que o “jogo é sujo”, que as petições dos advogados não adiantam nada e que o mi-



ARMADILHA Vilardi e Oliveira Lima: advogados pretendem usar mentira para pedir anulação da delação premiada

nistro “já tem a sentença pronta” para condenar ele, o “PR, Heleno e BN” — referência a Jair Bolsonaro e aos generais Augusto Heleno e Walter Braga Netto.

Em outra conversa, ao fazer considerações sobre os depoimentos que estava prestando, o delator é indagado sobre a postura do delegado que conduzia o inquérito. “Sabe tentar te conduzir para onde ele quer chegar”, ressaltou Cid. O interlocutor então pergunta se o “ele” é Alexandre de Moraes ou Luís Roberto Barroso, presidente do STF. Cid responde: “AM é o cão de ataque”, “Barroso é o iluminista pensador”. E arremata: “Quem executa é o AM”. As críticas a Moraes, aliás, são constantes, com algumas variações de nível. O ministro, segundo o delator, “tem talen-

to”, mas para ser um “grande pensador Netflix”. “Não precisa de prova!!! Só de Narrativas!!!! E quando falam de provas... Metem os pés pelas mãos... Como foi com FM... que não viajou aos EUA”, ressalta o tenente-coronel, se referindo a Filipe Martins, o ex-auxiliar de Bolsonaro preso por ordem do ministro por supostamente ter tentado fugir do país, o que até hoje não foi comprovado.

Cid se mostra resignado com o futuro. “Eu acho que já perdemos... Os Cel PM (*coronéis da Polícia Militar do Distrito Federal*) vão pegar 30 anos... E depois vem para a gente”, diz. Uma das alternativas naquele momento para evitar as prisões de todos, na avaliação dele, seria um movimento conduzido pela cúpula do Congresso. “Só o Pacheco ou o Lira vai (*sic*) nos salvar. O STF está todo comprometido. A PGR vai denunciar”, diz. A outra alternativa vislumbrada era a ascensão de Donald Trump, então candidato a presidente nos Estados Unidos, que poderia impor sanções ao Brasil. “Uma coisa que pode mudar... é uma vitória do Trump... E o Brasil começar a ter sanções... igual Nicarágua e Venezuela”, escreveu, antecipando, sem saber, o que, de fato, pode ocorrer. Cid também faz questão de deixar claro nas mensagens que não fez acusações de golpe contra Jair Bolsonaro. “Eu falava que o PR não iria fazer nada”, diz. O delator fala do desejo de reagir a Moraes e das estratégias de defesa dos seus advogados, que ele considera inúteis. “No final todo mundo acha que não dará em nada... Só eu voltar para a cadeia... junto com o PR”, diz.



ANTONIO AUGUSTO/STF

PRERROGATIVA Gonet: o procurador-geral da República também pode pedir o rompimento do acordo de colaboração

Braço direito de Bolsonaro durante os quatro anos de governo, o tenente-coronel acompanhava reuniões e conversas de toda natureza e tinha acesso à cúpula militar. Em agosto de 2023, convencido de que poderia ser condenado a até trinta anos de prisão, o tenente-coronel decidiu delatar. As revelações dele foram consideradas fundamentais para a apresentação da denúncia contra o chamado “núcleo crucial” da tentativa de golpe — formado pelo ex-presidente, os ex-ministros Walter Braga Netto, Augusto Heleno, Anderson Torres e Paulo Sérgio Nogueira, pelo ex-chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) Alexandre Ramagem e pelo ex-comandante da Marinha Almir Garnier. Cid foi citado 179 vezes na peça

“AM É O CÃO DE ATAQUE”



Gabriela R



Gabriela R respondeu a você

Vc enquanto falava com schor, sentia que falava com o Alexandre??

Shorn é esperto...

Não é burro... sabe interrogar...

Sabe tentar te conduzir para onde ele quer chegar.

Colocando muita coisa na sua boca???

Gabriela R respondeu a você

Ele AM ou Barroso?? Ou os dois?

AM...

AM é o cão de ataque...

O Barroso é o iluminista pensador...

Quem executa é o AM... como um CEO de uma empresa

Gabriela R respondeu a você

Colocando muita coisa na sua boca???

Tentava....



Mensagem...



PETARDOS O tenente-coronel faz críticas aos ministros do Supremo, particularmente a Alexandre de Moraes, relator do processo sobre a suposta trama golpista

“STF ESTÁ TODO COMPROMETIDO”



Gabriela R



Só o Pacheco ou Lira vai nos salvar

O STF está todo comprometido



O PGR vai denunciar

Não é possível!!!!

Tem que ser jurídico e não pode ser político!!!!

Uma coisa que pode mudar... é uma vitória do Trump...



E o Brasil começar a ter sanções...igual Nicarágua e Venezuela

Quero acreditar nisso!!!

Gabriela R respondeu a você

Tem que ser jurídico e não pode ser político!!!!



Viu o que fizeram com o jornalista português? 😊 ↩️ :

Não vi

O que houve?



Mensagem...





DEPOIMENTOS

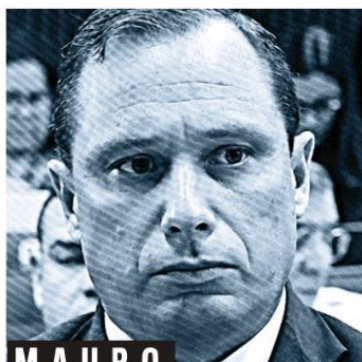
Andrei Rodrigues,
diretor da PF:
queixas de Cid
sobre os delegados
que conduziram
os inquéritos

de acusação da Procuradoria-Geral da República e prestou nove depoimentos antes da fase de interrogatório. Sua colaboração serviu como linha mestra da denúncia. As provas fornecidas por ele incluíram nove celulares, três computadores, além de tablets e um sem-número de mensagens e arquivos que deram dimensão, rosto e gravidade à tentativa de golpe.

O acordo de colaboração tem cláusulas rígidas. Para ter direito a benefícios, Cid não pode mentir, omitir, desviar a investigação com versões conflitantes nem proteger ninguém. No interrogatório do STF, ladeado de Bolsonaro e outros cinco integrantes da alta cúpula do antigo governo — Braga Netto, que está preso, prestou depoimento por vi-

SÓ NEGATIVAS

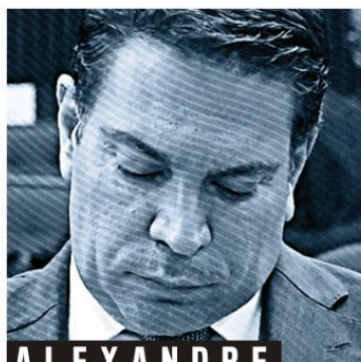
O que disseram ao Supremo Tribunal Federal os oito acusados de integrar a cadeia de comando que tramou um golpe de Estado após as eleições de 2022



**MAURO
CID**

Acusação: o ex-ajudante de ordens participou de reuniões em que se discutiu anular as eleições, exibiu a chefes militares uma minuta de golpe e intermediou recursos para financiar o plano

Versão: alegou ter apenas presenciado conversas sobre a suposta conspiração, atuado como “anteparo” de Jair Bolsonaro e disse que não havia intenção do ex-presidente de patrocinar um golpe

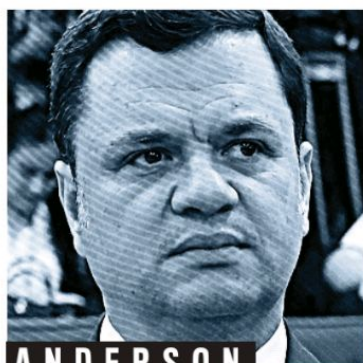


**ALEXANDRE
RAMAGEM**

Acusação: o ex-chefe da Abin produziu material contra o resultado eleitoral e a credibilidade das urnas eletrônicas, e repassou a Bolsonaro teses para pôr em xeque a legitimidade da vitória de Lula

Versão: afirmou que os arquivos eram rascunhos privados que não foram enviados ao ex-presidente e negou ter utilizado a Abin para monitorar autoridades como Alexandre de Moraes

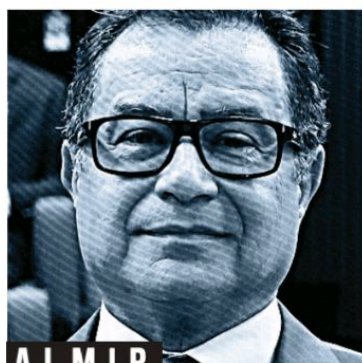
deoconferência—, ele reafirmou ter presenciado reuniões entre o ex-presidente e militares nas quais foram discutidas medidas que poderiam ser implementadas para impedir a posse de Lula, disse que Bolsonaro acreditava em fraude nas urnas eletrônicas, repetiu que o ex-candidato a vice enviou dinheiro para os militares das Forças Especiais



**ANDERSON
TORRES**

Acusação: o ex-ministro da Justiça municiou Bolsonaro com dados falsos sobre urnas, determinou o mapeamento de eleitores de Lula e se omitiu durante os atos do 8 de Janeiro

Versão: admitiu não ter provas contra o sistema de votação, refutou ter dado ordens para monitorar eleitores e atribuiu o 8 de Janeiro a falhas de segurança

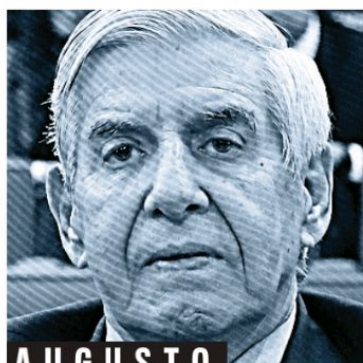


**ALMIR
GARNIER**

Acusação: em dezembro de 2022, o ex-comandante da Marinha colocou suas tropas à disposição do presidente para apoiar o golpe que estava sendo tramado

Versão: disse ter discutido com Bolsonaro a adoção de medidas de segurança para evitar eventuais distúrbios depois das eleições e negou ter anuído ao golpe

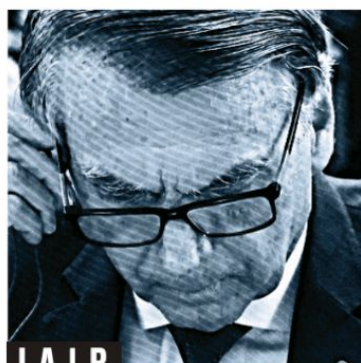
do Exército, reproduziu os xingamentos que eram proferidos contra o ministro Alexandre de Moraes e confirmou ter ouvido que o então comandante da Marinha teria colocado suas tropas à disposição do ex-presidente. Para o Ministério Público, essas informações, aliadas a documentos e outros depoimentos colhidos durante a investigação, não



**AUGUSTO
HELENO**

Acusação: o ex-chefe do Gabinete de Segurança deu suporte jurídico a uma intervenção militar e à desobediência de ordens judiciais, e colocou a Abin para atuar de forma ilegal

Versão: o general se recusou a responder perguntas formuladas por Moraes e pela acusação, mas negou ações golpistas e a interferência na Abin



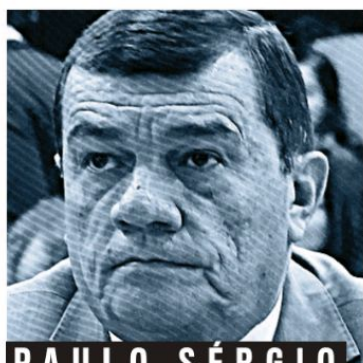
**JAIR
BOLSONARO**

Acusação: o ex-presidente é apontado como mentor da trama que teria sido posta em prática no fim de 2022 e teve seu ápice na baderna do dia 8 de janeiro de 2023

Versão: confirmou reunião com militares, disse que buscava uma alternativa “constitucional” para questionar o resultado das eleições e que não havia “clima” para um golpe

deixam dúvidas de que Bolsonaro e seus auxiliares tentaram um golpe de Estado no fim de 2022.

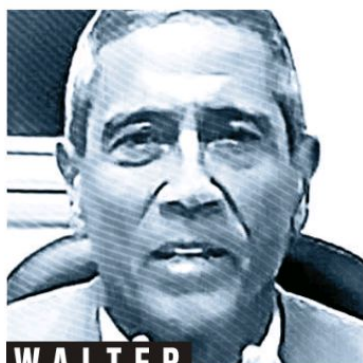
O delator, no entanto, também minimizou a relevância do que havia contado. Segundo ele, apesar de ter analisado minutas que previam anular a eleição e até a prisão de ministros do STF, Bolsonaro nunca pensou em golpe — algo



**PAULO SÉRGIO
NOGUEIRA**

Acusação: o ex-ministro da Defesa usou um relatório técnico para semear dúvidas sobre a segurança das urnas, sondou militares sobre ação extremada e se reuniu com Bolsonaro para discutir o golpe

Versão: disse ter alertado Bolsonaro sobre a gravidade de decretar medidas como estado de sítio, minimizou sua participação na reunião e se desculpou por ataques ao TSE



**WALTER
BRAGA NETTO**

Acusação: o ex-chefe da Casa Civil foi anfitrião de uma reunião em que se discutiu o golpe, financiou um plano para “neutralizar” autoridades e incentivou ataques a colegas contrários à sublevação

Versão: negou ter conhecimento do plano para “neutralizar” autoridades, disse que não incentivou ataques nem enviou mensagens de cunho golpista, e afirmou que Mauro Cid mentiu



ANTONIO AUGUSTO STF

PROCESSO Sessão histórica: o interrogatório dos réus durou dois dias e não produziu novidades sobre o caso

claramente sem sentido dentro do contexto. Muitos dos diálogos comprometedores encontrados nos telefones dos envolvidos, inclusive no dele, seriam “conversas de bar”, “bravatas” ou lamúrias. Disse que uma de suas funções era servir de “anteparo” do presidente, evitando que ideias e propostas esdrúxulas chegassem ao chefe. Afirmou ainda não se lembrar ao certo em que local do Alvorada teria recebido de Braga Netto um maço de dinheiro para pagar militares que supostamente atuariam na operação golpista. A postura pouco firme do delator no Supremo abriu o flanco para a defesa de alguns réus. O general negou ter endossado ou financiado planos golpistas, alegou que não deu ordens para desqualificar militares que, segundo a

acusação, eram reticentes ao golpe e acusou Cid de mentir a seu respeito. Principal atingido com a delação de seu antigo auxiliar de confiança, Bolsonaro também negou todas as acusações. Refutou ter planejado um golpe de Estado, resumiu reuniões com militares a conversas informais, disse que as discussões que teve miravam uma “alternativa constitucional” e afirmou não ter mexido em minuta golpista ou dado ordens para prender autoridades. Para a defesa do ex-presidente, o interrogatório de Cid foi a melhor coisa que aconteceu desde o início do processo.

Pelas cláusulas do acordo do ex-ajudante de ordens, se a delação for cancelada, ele volta a responder pelos mesmos crimes dos demais réus. Se condenado, pode pegar até quarenta anos de prisão. Em troca das revelações, o tenente-coronel pediu a concessão de perdão judicial ou uma condenação não superior a dois anos. Como ele já ficou preso preventivamente por cinco meses e está com tornozeleira há mais de dois anos, a pena já estaria devidamente cumprida. Livre da cadeia, Cid poderia seguir a carreira militar, inclusive com direito a promoções. Os benefícios da delação são extensivos ao pai dele, o general Lourena Cid, que está sendo investigado por ajudar Bolsonaro a vender presentes recebidos durante o exercício do mandato, à esposa e à filha. Encerrado o processo, todos ainda teriam direito à segurança da Polícia Federal. Tudo isso agora corre risco. “Como grande parte do conjunto probatório demonstrativo da autoria delitiva de-

“EU, PR, HELENO, BN VAMOS PEGAR O MÁXIMO”



< Gabriela R



Que jogo sujo

Gabriela R respondeu a você

Que jogo sujo

Os advogados podem fazer a melhor das petições....

Ele nem vai ler...

Ele já tem nossa sentença pronta

Podem rebater todas as provas... 😊 ↩ ⋮

Eu, Pr, Heleno, BN vamos pegar o máximo....

Depois vão escalonado para baixo

Não posso acreditar nisso!!!



Mensagem...



“O PR NÃO IRIA FAZER NADA”



Gabriela R



Me conta uma coisa.... naquela parte das vacinas.... quem ficou responsável pelo que mesmo?? Quem fez é quem pediu pra quem?

As conversa dos CMT F viraram conversas golpistas

E eu falei q eram conversas sobre o q estava acontecendo no país

Que o FG estava preocupado...

E eu falava que o Pr não iria fazer nada

Isso do golpe é uma enorme vergonha. Vc viu minuta? O que ficou constando no seu acordo?



Mensagem...



correu da colaboração premiada, se ela cair, de uma certa maneira isso vai ensejar o enfraquecimento geral do conjunto probatório”, diz Gustavo Sampaio, professor de direito constitucional da Universidade Federal Fluminense, falando em tese.

O teor das mensagens no Instagram é parecido com os áudios obtidos e divulgados por VEJA no ano passado, ocasião em que Cid acabou preso e seu acordo de delação por pouco não foi rompido. Na época, justificou que as conversas eram um mero desabafo de quem atravessava uma situação difícil. Essa explicação, se repetida hoje, provavelmente será insuficiente. Além de desrespeitar as regras de confidencialidade, ele dessa vez mentiu ao tribunal, o que é crime. Todos os envolvidos no caso podem pedir o rompimento do acordo de delação e utilizar a transgressão de Mauro Cid para tentar colocar em dúvida boa parte do que foi levantado no processo — hoje são quase 80 terabytes de evidências — ou mesmo usar a descoberta para conseguir uma divergência na Primeira Turma e transferir os embates para o plenário do STF, onde, acreditam, o caso pode tomar outro rumo. A PF e a PGR também podem requisitar a rescisão da delação. A decisão caberá a Alexandre de Moraes. Seja qual for ela, vale lembrar mais uma vez: a acusação elencou muitas provas, não se fiando apenas nas palavras do tenente-coronel. Em tempo: o perfil @gabrielar702 foi retirado do ar logo depois do interrogatório do ex-ajudante de ordens. ■

A ÚLTIMA INSTÂNCIA

Mudanças na composição do Tribunal Superior Eleitoral para 2026 alimentam a controversa estratégia de Bolsonaro de insistir em nova candidatura ao Planalto **ISABELLA ALONSO PANHO**



APOSTA Nunes Marques: indicado ao STF pelo ex-presidente, ministro comandará processo de votação no ano que vem

UM PONTO de convergência entre a psicanálise e a sabedoria popular é que o humor é uma forma de escape daquilo que verdadeiramente se pensa. Um dos momentos mais marcantes — e populares nas redes — do interrogatório de Jair Bolsonaro na Primeira Turma do STF foi quando ele pediu vênia a seu “adversário”, o ministro Alexandre de Moraes, para fazer uma brincadeira. “Eu gostaria de convidá-lo para ser vice em 2026”, disse o ex-presidente, que recebeu um imediato “eu declino” como resposta. Entre os risos de réus, ministros, advogados e plateia, o que ficou como verdade é que Bolsonaro continua vendo a si mesmo como candidato à Presidência em 2026. Inelegível duas vezes e com o risco de terminar o ano com uma condenação criminal nas costas pela tentativa de dar um golpe de Estado, ele segue se apresentando como o nome da direita e aposta, como última cartada, na mudança



das cadeiras do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), onde pretende travar a batalha final para colocar seu nome na urna.

A estratégia é uma mimesis do que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez em 2018. Na época, preso e recorrendo da sua condenação na Lava-Jato, o petista registrou a candidatura e foi protocolando sucessivos recursos enquanto seu vice, Fernando Haddad, percorria o país. Até o Supremo dar um veredicto final, indeferindo o registro (36 dias antes do primeiro turno), Haddad passou semanas fazendo campanha, colando a sua imagem à do titular da chapa e se tornando conhecido em nível nacional (o que não era realidade à época). A estratégia permitiu uma transferência de votos ímpar que levou Haddad até o segundo turno, quando foi derrotado por Bolsonaro.

A ideia do ex-presidente é fazer o mesmo e, talvez, em-

QUEM IRÁ JULGAR BOLSONARO EM 2026?

*Corte eleitoral que
vai avaliar registro
de candidaturas
é composta por
sete ministros*



PRESIDENTE DO TSE

**KASSIO NUNES
MARQUES**

Indicado para o STF por Bolsonaro, em 2023 votou contra a inelegibilidade do ex-mandatário. Na cadeira de presidente, pode controlar a pauta de votação, favorecendo casos interessantes a Bolsonaro — o que é a grande aposta do bolsonarismo para 2026

placar alguém da família, como o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que admitiu a VEJA que o Planalto está nos seus planos. Diferente de Lula, Bolsonaro contaria com o adicional de, se não for preso, andar o país pedindo votos. O ex-presidente pode pedir o registro mesmo se for condenado criminalmente, o que geraria nova inelegibilidade. “A legislação permite que qualquer pessoa, em qualquer condição, seja escolhida pelo seu partido na convenção. Ela poderá arrecadar recursos e fazer campanha enquanto tramita o seu registro de candidatura”, explica Fernando Neisser, professor de direito eleitoral da FGV/SP.

Na Avenida Paulista, em abril, Bolsonaro chegou a dizer que tinha esperanças em um TSE “isento” em 2026. A aposta está na futura composição da Corte, quando Nunes Marques será o presidente e André Mendonça, o vice-presiden-



VICE-PRESIDENTE

**ANDRÉ
MENDONÇA**

Também indicado pelo ex-presidente, tem divergido de Moraes em muitos casos importantes no STF e também pode votar a favor do ex-presidente. Nas condenações do 8 de Janeiro, por exemplo, discordou do relator várias vezes para abrandar as penas e absolver vários acusados



DIAS TOFFOLI

No Supremo, tem votado contra vários recursos de Bolsonaro e tende a acompanhar os posicionamentos de Moraes. Porém, em 2023, foi o autor da canetada que arquivou a investigação sobre a CPI da Covid-19, que mirava diretamente o ex-presidente

te, ambos ministros indicados por Bolsonaro ao Supremo. Nos processos do 8 de Janeiro, os dois protagonizaram várias vezes uma “dobradinha” para reduzir as penas dos acusados. Em 2023, Nunes Marques já estava na Corte eleitoral e votou contra a decretação de inelegibilidade de Bolsonaro. Presidindo o TSE, ele também terá a pauta sob seu controle e pode tanto postergar quanto adiantar votações. Lula está atento a isso. Segundo um interlocutor próximo ao Planalto, o presidente fez um agrado ao ministro ao indicar um aliado seu, o desembargador federal Carlos Brandão, para o Superior Tribunal de Justiça (STJ). A ideia é inibir a chance de que em 2026 ocorram atos de lealdade a Bolsonaro. Mendonça, que será vice, já divergiu de Moraes em várias ações importantes, como aborto, arma de fogo e redes sociais.

A dança das cadeiras no TSE para 2026 já está em andamen-



**ANTONIO CARLOS
FERREIRA**

Ministro do STJ, entrou na Corte eleitoral em setembro do ano passado e vai concluir seu primeiro biênio antes do começo oficial das eleições — e não deve ser reconduzido ao cargo. Discreto e diplomático, foi advogado da CEF por quase três décadas antes de ir para o Judiciário

**2º MINISTRO
DO STJ**

Em novembro, o tribunal deve indicar um substituto para a vaga de Maria Isabel Galotti. O escolhido deverá ser o ministro Ricardo Villas Bôas Cueva, que entrou como substituto no TSE em fevereiro do ano passado. Antes de ir para o STJ, em 2011, era procurador da Fazenda Nacional

to. A Corte tem sete cadeiras (*veja o quadro abaixo*), que são rotativas. Três são de ministros do STF (o terceiro será Dias Toffoli), duas de ministros do STJ e duas de juristas nomeados pelo presidente da República. Da cota do STJ, quem deve continuar é o ministro Antonio Carlos Ferreira, que é tido nos bastidores do Judiciário como uma pessoa de posicionamento mais progressista — prova disso é o endosso que tem do Prerrogativas, grupo de advogados ligado a Lula e ao PT. Outras fontes observam, porém, que, desde que passou a integrar o TSE, Ferreira se aproximou de magistrados mais conservadores. A segunda cadeira do STJ está ocupada por Maria Isabel Galotti, que em novembro deverá dar lugar a Ricardo Villas Bôas Cueva, que é ministro substituto e tido como favorito. Pelo tom das suas decisões, é visto como uma pessoa de perfil técnico, que dificilmente faria algo inusitado para ajudar o ex-presidente.

1º JURISTA

Os mandatos de Floriano de Azevedo Marques e André Ramos Tavares terminaram em maio, mas podem ser renovados por mais dois anos. Como ambos, porém, foram incluídos pela presidente Cármen Lúcia na mesma lista tríplice, apenas um será reconduzido por Lula

2º JURISTA

A outra lista tem três mulheres — a mais votada é Estela Aranha, que trabalhou no Ministério da Justiça com Flávio Dino. A advogada Cristina Maria Gama Neves da Silva e a ministra substituta Vera Lúcia Araújo, que completam a lista, também tendem a votar contra Bolsonaro

O grande “x” sobre a composição do TSE em agosto do ano que vem, quando encerrar o prazo de registro das candidaturas, está nas duas vagas de juristas. Hoje, elas são ocupadas por ministros que são da “cozinha” de Alexandre de Moraes — Floriano de Azevedo Marques Neto e André Ramos Tavares. Os dois entraram na Corte juntos, em 2023, e votaram para Bolsonaro ficar inelegível. O biênio da dupla terminou em maio e, para que as vagas deles sejam preenchidas, Lula precisa escolher dois nomes a partir de duas listas tríplexes que a atual presidente do TSE, Cármen Lúcia, elaborou. Lula deve bater o martelo até o começo da semana que vem, mas o clima não está dos melhores. Cármen colocou Azevedo e Tavares na mesma lista, e deixou a segunda apenas com mulheres, obrigando o presidente a ficar com um ou outro. O argumento dela foi a necessidade de aumentar a quantidade de mulheres na Corte, mas o gesto foi interpretado como uma tentativa de diluir a influência de Moraes no TSE. Na segunda lista tríplex, as maiores chances estão com a advogada Vera Lúcia Santana Araújo, que tem um histórico de proximidade com o PT e já ocupa uma das cadeiras de substituta.

Ainda que a composição do TSE em 2026 tenda a não repetir o perfil combativo da gestão de Moraes, a perspectiva está longe de favorecer Bolsonaro. O pedido de registro de candidatura, que dá origem a um processo judicial, não tem chances de ir para Nunes Marques. Como presi-



PALCO Plenário do TSE: com três vagas abertas neste ano, a dança das cadeiras para nova formação do tribunal já começou

dente, ele não entra no sorteio de processos. A possibilidade de o pedido cair na mesa de Mendonça é de 1 para 6. O relator é quem analisa o processo e submete a sua conclusão ao plenário.

Se não tiver sucesso na tentativa de recuperar seus direitos políticos e os casos transitarem em julgado, Bolsonaro poderá ainda tentar uma ação rescisória no TSE. “Pode ser deferida uma liminar com efeito suspensivo sobre a decisão que o tornou inelegível”, explica o advogado Samuel Falavinha. Na última guerra judicial que se trava antes da eleição, muita coisa pode ser tentada. Em 2018 Lula lançou mão até de uma medida cautelar concedida pelo Comitê de Direitos Humanos da ONU para tentar garantir o registro — Edson



PRECEDENTE Ato pró-Lula no tribunal,
em 2018: inspiração para Bolsonaro

Fachin concordou com a tese, mas o petista teve o pedido negado por 6 votos a 1.

A atuação do TSE sob a guarda de Moraes foi fundamental para garantir o processo democrático. Antes do 8 de Janeiro, em dezembro de 2022, em um momento de muita tensão, a Corte garantiu a diplomação do presidente eleito enquanto bolsonaristas ateavam fogo em ônibus e tentavam invadir a sede da PF. Tanto em 2022 quanto em 2024, o tribunal foi firme na defesa da lisura do sistema de votação e no combate à desinformação. O que o país espera é que, independentemente de quem esteja envergando a toga, a Corte siga atuando para garantir a legalidade. Mesmo com as mudanças de composição no TSE, não será fácil para Bolsonaro voltar ao jogo eleitoral. ■



CRISTOVAM BUARQUE

CONSENSO E DISCORDÂNCIAS

A tragédia educacional é um fato.
O difícil é atacá-la com eficácia

O BRASIL tem um consenso sobre a tragédia de sua educação, mas ainda enfrenta quatro grandes discordâncias: sobre as causas desse estrago; suas consequências; as metas que devemos perseguir; e os caminhos para atingi-las. A Unesco nos instala em 72º lugar entre 125 países avaliados; o Pisa, em 57º entre 79 participantes. O país tem cerca de 10 milhões de adultos incapazes de ler. Entre os que leem, a maioria não compreende, interpreta ou analisa o que lê. Cerca de 100 milhões de brasileiros estão despreparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Soma-se a isso o genocídio intelectual provocado pela brutal desigualdade de oportunidades conforme a renda e o endereço do indivíduo. Não há polêmica quanto ao reconhecimento desse quadro.

Mas, para muitos, o horror é resultado natural da história e das características da população. Outros tratam como conspiração de nossas elites. Há quem considere o drama educacional uma questão social. Sim, é, mas enxergá-

-lo apenas sob esse ponto de vista turva a visão, porque deixamos de perceber que a educação ferida é o pântano que nos impede de chegar ao futuro desejado. Direto ao ponto, e é crucial tê-lo em perspectiva: os problemas estruturais do Brasil — baixa produtividade, pobreza, desigualdade, violência, racismo — são causados, em grande parte, pela baixa qualidade e pela desigualdade da educação de base.

Mesmo entre os que já se espantaram com o estado da educação e se aterrorizam com suas consequências, há discordância sobre as metas necessárias para assegurar educação de qualidade para todos. Poucos acreditam ser possível colocar a educação brasileira entre as melhores do mundo. Falta adesão a uma meta ambiciosa que contemple aprender a ler e escrever com rigor; que faça os jovens fluentes em pelo menos um idioma estrangeiro; que auto-

**“Temos 10 milhões de
adultos incapazes de ler.
Entre os que leem, a
maioria não entende o
que lê”**

rize o encantamento com as artes e o debate rico em torno de temas de filosofia, política, história e geopolítica. A educação, desde o início, enfim, é o que nos permite indignar-nos diante da pobreza, da desigualdade, do autoritarismo e dos preconceitos; usar com competência as ferramentas digitais; formar-nos em ao menos um ofício; praticar a solidariedade entre os seres humanos e com a natureza; respeitar os patrimônios cultural e ambiental; querer participar da construção de sociedades pacíficas, com desenvolvimento sustentável, democrático e justo; continuar aprendendo ao longo da vida; e ter a base para disputar as melhores vagas do ensino superior.

Além do consenso com a tragédia, as causas, as consequências, além dos objetivos a serem perseguidos, é preciso superar as divergências sobre como alcançá-los. Muitos acreditam que o Brasil já está no caminho certo e que basta esperar os resultados dos tímidos passos dados ao longo de décadas, por meio de programas como o do Livro Didático, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Pé-de-Meia e a Base Nacional Comum Curricular, entre outros. Para boa parte, porém, os programas federais com execução municipal, embora tragam avanços, não promovem o salto de qualidade e equidade de que o país precisa. Para tanto, seria preciso nacionalizar a educação de base, com a criação de um sistema nacional federal, no qual todas as escolas públicas ofereçam a mesma elevada qualidade — como nas escolas federais já existentes. Os desafios são imensos. ■

O PARADOXO ELEITORAL

Lula e Bolsonaro seguem firmes na liderança à esquerda e à direita, mas a maioria dos brasileiros quer ambos longe das urnas e distância da polarização **LAÍSA DALL'AGNOL**



DE OLHO Zema, Caiado e Ratinho Jr.:
candidatos a herdar eleitores à direita

EM QUE PESEM as dificuldades crescentes que enfrentam, Lula e Bolsonaro vêm reafirmando, com palavras e ações, que pretendem disputar a eleição no ano que vem. O voluntarismo com que se articulam para isso, no entanto, contrasta com a vontade do eleitorado, que exhibe sinais cada vez mais claros de que é crescente a fadiga com os dois políticos que lideraram a polarização recente no país. Segundo pesquisa Quaest de junho, dois em cada três brasileiros defendem que nem o presidente nem o ex-presidente devem se candidatar novamente (*veja o quadro ao lado*).



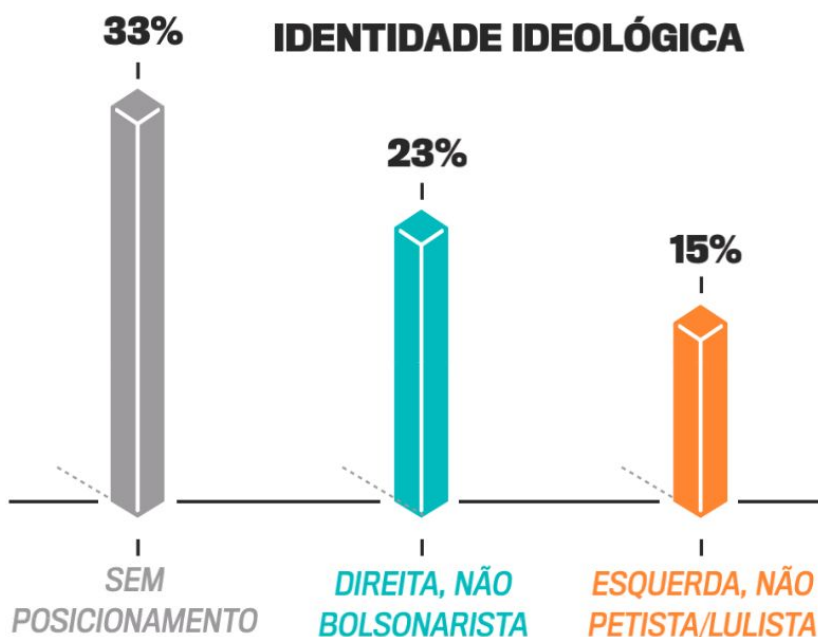
APOSTA Michelle: segundo Bolsonaro, ex-primeira-dama “não é bolsonarista”

O levantamento mostra ainda uma fragmentação ideológica do eleitorado, mas chama atenção para o fato de que mais de um terço não se identifica nem com o petismo nem com o bolsonarismo. Entre os que admitem ter posicionamento ideológico, 38% afirmam que são de direita ou de esquerda, mas nem lulistas nem bolsonaristas — um contingente que abre caminho para alternativas, tanto à direita quanto à esquerda.

No campo da direita, a crescente pulverização do eleitorado é vista com otimismo misturado com cautela. A mes-

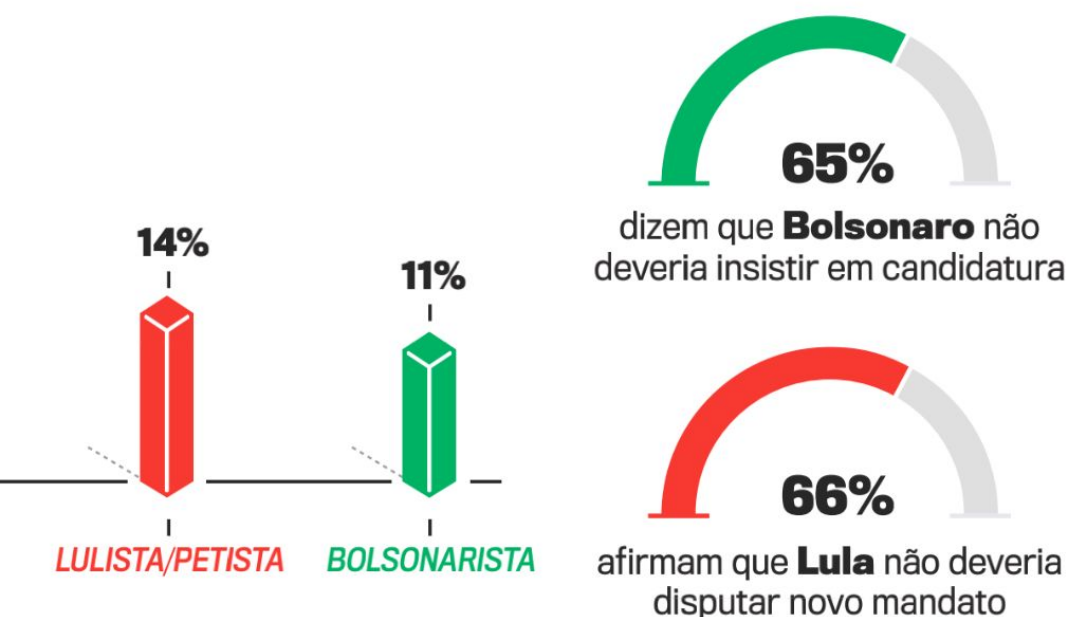
FADIGA DE MATERIAL

Lulismo e bolsonarismo perdem força no eleitorado



ma Quaest animou os possíveis presidenciais ao mostrar que todos cresceram, em relação à rodada anterior, como opções caso Bolsonaro não seja candidato — hoje ele está inelegível. Três deles aparecem empatados tecnicamente com Lula em um eventual segundo turno: os governadores Tarcísio de Freitas (São Paulo), Ratinho Jr. (Paraná) e Eduardo Leite (Rio Grande do Sul). Outros dois governadores, Ronaldo Caiado (Goiás) e Romeu Zema (Minas Gerais), se mostraram competitivos contra o petista.

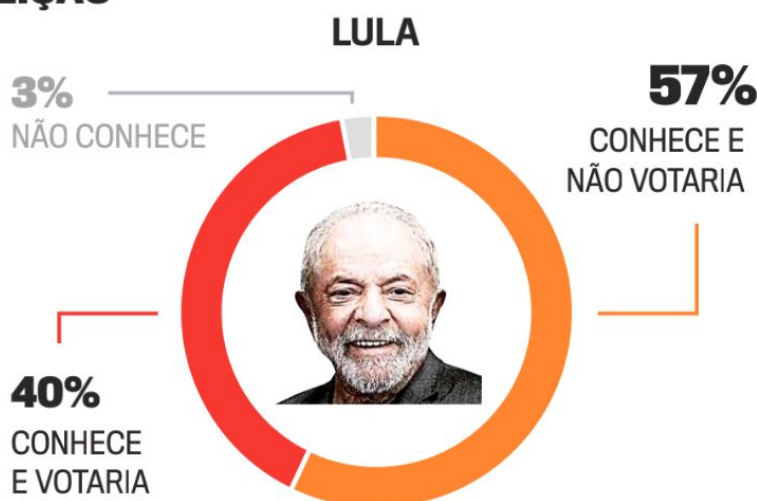
A movimentação desse grupo, embora ainda discreta, é crescente. O que impede esses postulantes de avançarem, por enquanto, é justamente a advertência do ex-presidente de que é ele o candidato — com isso, nenhum pos-



tulante a herdeiro dos votos da direita se animou a comprar briga com o seu maior representante. Mesmo com a restrição, o fato de a maior fatia do eleitorado não querer Bolsonaro candidato foi vista como mais uma sinalização de que a largada poderá ser dada em breve. Talvez em razão desse cenário, Bolsonaro causou uma certa surpresa na semana passada ao dizer que a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que pode ser apoiada por ele ao Planalto, “não é bolsonarista”. “Não existe bolsonarista. Tem conservador, direita. Sempre existiu, mas não tinha uma forma. Nós demos uma forma a esse pessoal”, afirmou.

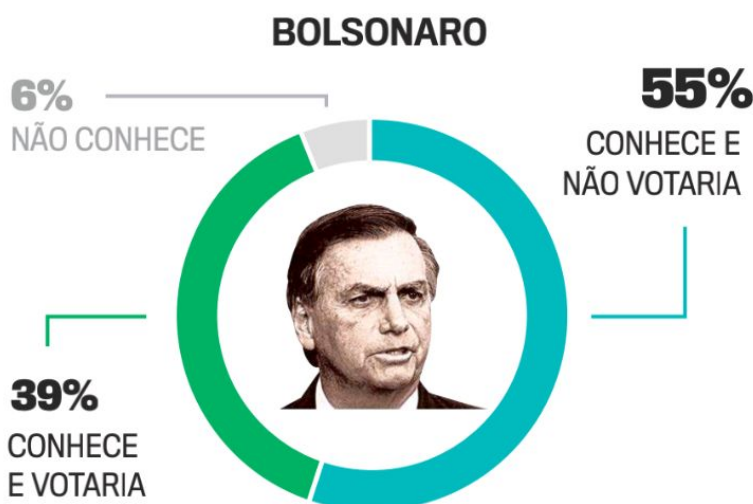
Se no campo da direita os grandes motivos para o eleitor descartar Bolsonaro talvez sejam a sua inelegibilidade

REJEIÇÃO



de e os seus problemas com a Justiça, à esquerda o problema é o próprio desempenho de Lula em seu terceiro mandato. A desaprovação ao seu governo chegou a 57% em maio, o maior índice do atual governo. Escândalos como o do INSS não ajudam, reconhecem aliados, que avaliam, no entanto, que ainda há muito que pode ser feito para mudar a imagem da gestão, sobretudo em um contexto em que não há nomes competitivos na esquerda.

O cenário atual lembra um pouco o que se viu em 2022, quando se apostou na chamada “terceira via”. Nomes como João Doria, Sergio Moro e Ciro Gomes tentaram se viabilizar batendo na tecla “nem Lula, nem Bolsonaro”, mas não conseguiram — Simone Tebet foi a melhor



Fonte: pesquisa Genial/Quaest com 2 004 entrevistados, feita entre os dias 29/mai e 19/jun. A margem de erro é de 2 pontos percentuais

do centro no primeiro turno, com 4% dos votos. Até por isso, as simulações de segundo turno da última pesquisa precisam ser vistas com cautela. A leitura é a de que o desempenho de um candidato no embate direto na rodada final de votação não demonstra seu próprio potencial, mas é fruto da rejeição ao outro. “O eleitor não quer Lula nem Bolsonaro, mas não existe príncipe encantado”, avalia Murilo Hidalgo, diretor do Paraná Pesquisas. É verdade que as sondagens recentes mostram a insatisfação com a polarização e o desgaste dessas lideranças, mas será enorme o desafio dos postulantes em se viabilizar politicamente e, sobretudo, convencer o eleitorado a testar outras alternativas à direita ou à esquerda. ■

ALIANÇA CONSERVADORA

Encabeçada pelo clã Bolsonaro, a direita fluminense se uniu em torno de Rodrigo Bacellar, que tentará desafiar o favoritismo de Eduardo Paes ao governo em 2026 **LUDMILLA DE LIMA**



NA LARGADA Castro com o presidente da Assembleia: aspirante ao Guanabara tem hoje apenas 10% nas pesquisas

A POUCO MAIS de um ano do início da campanha eleitoral de 2026, as peças parecem deslizar com cautela sobre o tabuleiro de xadrez no qual a disputa vai se desenrolar. Movimentos mais bruscos são evitados enquanto o destino de Jair Bolsonaro, figura central em qualquer cenário, segue indefinido. A exceção se dá justamente no berço político do ex-presidente, o Rio de Janeiro, onde as articulações para o pleito estadual caminham a pleno vapor. O quadro foi antecipado em razão de uma particularidade que anda atormentando as fileiras à direita: nesse que é um dos maiores colégios eleitorais do país, um aliado de primeira ordem do presidente Lula vem liderando a corrida com folga, segundo as últimas aferições.

O prefeito carioca Eduardo Paes (PSD) tem 57% das intenções de voto, de acordo com levantamento do instituto Paraná Pesquisas. E ele, assim como o PT, aposta em mais. “Só no Rio podemos ampliar a votação do Lula de forma relevante”, avalia Washington Quaquá, prefeito de Maricá e vice-presidente do partido, com um olho no duelo para o governo e outro na corrida ao Palácio do Planalto. “Em São Paulo e Minas, a situação é bem mais consolidada e favorável à oposição”, diz.

Tudo indica que será uma batalha daquelas, com direito a muita polarização, e por isso a direita viu-se obrigada a se mexer para se unir em torno de um único candidato. Em meio a interesses díspares, emergiu o nome do todo-poderoso presidente da Assembleia Legislativa fluminense (Alerj), Rodrigo Bacellar, do União Brasil, hoje no patamar de uns 10% nas preferências. A desvantagem, apostam seus agora apoiadores,



À FRENTE Flávio Bolsonaro: costuras para acomodar interesses variados

incluindo aí o clã Bolsonaro, pode ser estreitada com um empurrão de poderosos aliados, como o governador Cláudio Castro (PL). O ocupante do Palácio Guanabara já teceu suas costuras para acomodar seu vice, Thiago Pampolha (MDB), no cargo de conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, tirando-o do futuro páreo, e agora, de férias com a família, cedeu a caneta a Bacellar durante o período em que estará fora. Nos próximos dias, o interino pretende se lançar em um périplo firmando alianças pelo interior do estado, o calcanhar de aquiles de Paes, e distribuir verbas às prefeituras. “Toda agenda importante do governo hoje é calculada e passa pelo presidente da Alerj. Castro e Bacellar se falam todo dia”, conta um aliado do núcleo duro do Guanabara.

Nada no jogo político fluminense ocorre, porém, sem combinar com os Bolsonaro, sobretudo com Jair — e Bacellar está bem ciente dos códigos locais. No Carnaval, encon-

trou-se com o ex-presidente em Angra dos Reis, seu reduto praiano. Mais recentemente, foi o capitão que ligou e apresentou suas condições para uma aliança: “O vice é meu”, esclareceu, sem rodeios. Exigência aceita. Até o momento, um dos nomes à mesa é o do empresário Renato Araújo, do PL, amigo pessoal do ex-presidente que disputou (e perdeu) a prefeitura do balneário encravado na Costa Verde. Mas a exigência não é tão simples assim. No amplo arco de direita posto de pé para brigar com Paes, o PL já conta com as duas vagas para candidaturas ao Senado. A primeira, não há dúvida, caberá a Flávio Bolsonaro, cuja vitória é tida como quase certa, e a segunda será do próprio Castro, que sonha em saltar para a arena nacional. A solução para o impasse, palpita um integrante do séquito bolsonarista, seria a indicação de alguém de confiança fora do PL. “O essencial é o grupo estar junto para não permitir que o Rio se torne um quartel-general do PT, como Lula quer”, disse Flávio a VEJA.

Do outro lado da trincheira, Paes se esforça justamente para escapar do rótulo de candidato da esquerda, o que acaba por estreitar sua via eleitoral. O prefeito não se cansa de repetir nos bastidores que é aliado de Lula, sim, mas não do PT fluminense. Ele não disfarça a irritação com correligionários do presidente que, embora integrantes da base aliada na administração municipal, não se acanham em comportar-se como oposição. Em suas conversas aqui e ali, ainda preliminares frente à vasta vantagem que o deixa em posição confortável, o alcaide busca ampliar o perfil de seu elei-

torado, majoritariamente concentrado na capital. A palavra de ordem entre seus apoiadores é quebrar a hegemonia do leque à direita nos demais 91 municípios, onde a imensa maioria foi de Bolsonaro no pleito presidencial de 2022. O deputado Pedro Paulo, presidente estadual do PSD e fiel escudeiro de Paes, tenta a todo custo romper a resistência dos prefeitos e passou a cortejar nomes que até outro dia estavam no campo oposto do ringue.

A situação no Rio tem ainda potencial para transbordar para o pleito nacional. É que uma ala do PT, capitaneada por Quaqué, anda semeando a ideia e movendo peças para tentar atrair o PSD de Gilberto Kassab para a chapa lulista — cenário em que Paes poderia até ocupar o posto de vice, segundo o próprio Lula já fez ventilar. A iniciativa, por ora, não deslanchou, mas já alimenta animadas conversas de bastidor. Bacellar, por sua vez, trabalha duro para atrair outras siglas do centrão, como o MDB e o Republicanos. Em fevereiro, foi reeleito para comandar o Legislativo estadual por unanimidade, contando com votos de todos os naipes ideológicos, até do PSOL. Bom de aliança, o candidato da direita já mostrou que é. Resta saber se será também bom de urna. ■



ERICA MARTIN/THENEWS/21UMA/ALAMY/FOOTRENA

VANTAGEM Paes:

o prefeito sabe que não pode jogar parado e precisa tecer mais alianças pelo estado

SEM COMBUSTÍVEL

Militares reclamam de cortes no orçamento, dizem que recursos para este ano estão no fim e que serviços, como o transporte aéreo de autoridades, podem parar

MARCELA MATTOS



PANE SECA Frota oficial: aviões executivos poderão ter de ficar estacionados por falta de dinheiro

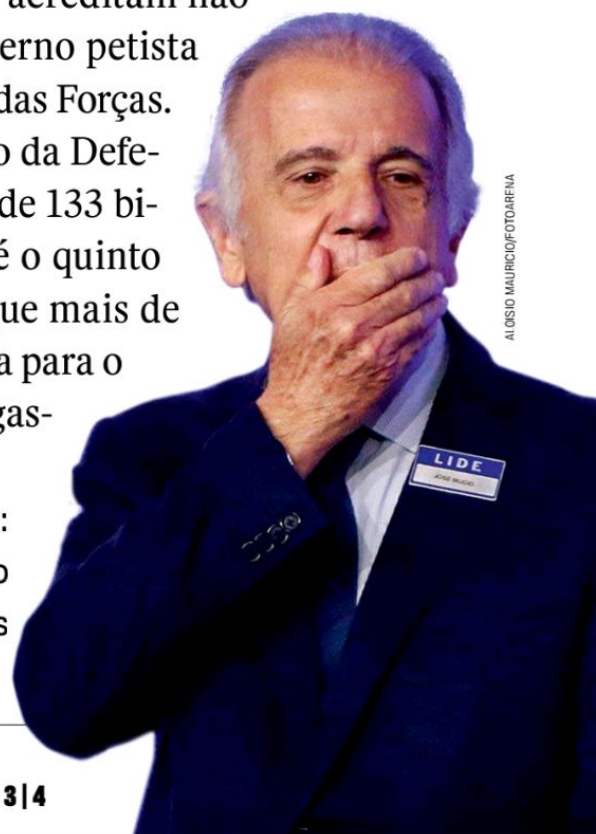
TODOS OS DIAS, aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) carregam as principais autoridades nacionais em viagens dentro e fora do país. O benefício pode ser usufruído pelo vice-presidente da República, pelos chefes do Legislativo e do Judiciário, pelos comandantes das Forças Armadas e por ministros de Estado, que recorrem aos jatinhos, com base na lei, para o cumprimento de agendas oficiais ou por questões de segurança. Não são raras, entretanto, situações em que os voos são estendidos a casos que não estão previstos na legislação, como aos ministros do Supremo Tribunal Federal ou a que passageiros estiquem viagens de interesse meramente pessoal. O transporte, gratuito, é autorizado após uma solicitação ao Comando da Aeronáutica ou por meio da concessão do Ministério da Defesa. É em geral um processo descomplicado e sem burocracia, mas esse cenário pode mudar. Em meio à disputa em torno do Orçamento, militares avisaram a membros do governo que, em breve, os aviões poderão ter de ficar estacionados. Motivo: falta dinheiro até para a aquisição de combustível.

O alerta de que os tanques estão na reserva foi feito algumas vezes e já chegou ao conhecimento do presidente Lula. No final de maio, assessores do Planalto receberam um pedido dos militares de liberação de 1 bilhão de reais extras para suprir o desfalque no abastecimento e para a manutenção de equipamentos parados por falta de peças básicas. Estima-se, por exemplo, que metade dos sessenta aviões Super Tucano — destinados, entre outras finalidades, para missões na Amazônia — estejam parados. Apesar do apelo, o governo anun-

ciou dias depois um corte de 31 bilhões de reais no Orçamento para que as contas caibam dentro da meta fiscal do ano (*leia a matéria “Mira errada”*). A Defesa foi a segunda pasta mais atingida, com uma tesourada de 2,6 bilhões de reais. Interlocutores das Forças Armadas passaram, então, a traçar um cenário bem mais catastrófico do que apenas deixar os aviões na garagem. Eles afirmam que os militares estão em “estado vegetativo”, a ponto de não conseguir arcar com contas de luz e de água. Na prática, dizem, a falta de recursos pode impactar operações que exijam uma pronta resposta para uma situação de calamidade, a exemplo do que ocorreu no resgate às vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul.

Há um componente político que complica a situação atual. No centro das investigações por uma suposta tentativa de golpe, os fardados acreditam não haver boa vontade do governo petista em melhorar as condições das Forças. O orçamento do Ministério da Defesa, que antes do corte era de 133 bilhões de reais neste ano, é o quinto maior da Esplanada. Só que mais de 80% da verba é direcionada para o pagamento de pessoal. Os gas-

BLINDAGEM Múcio:
defesa de um valor mínimo
para o orçamento das Forças



ALCÍDIO MAURICIO/FOTORENA

tos com militares da ativa e da reserva são na mesma proporção, de cerca de 30 bilhões para cada, e há também os dispêndios com os pensionistas. Sobra, portanto, uma parte minoritária para os investimentos, que chegaram à menor proporção da última década.

Há outro complicador. No fim de 2024, o Ministério da Fazenda encaminhou ao Congresso um projeto de lei que estabelece novas regras para a Previdência dos integrantes das Forças Armadas. O texto prevê uma idade mínima de 55 anos para a transferência à reserva e acaba com as pensões dos beneficiários de quem for preso e perder a patente, a chamada “morte ficta”. Ninguém quer cortar na própria carne. O projeto que altera as regras de aposentadoria está há seis meses parado.

Em meio ao embate que se avizinha, o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, sonha em deixar como legado outra proposta, que fixa na Constituição um valor mínimo para o orçamento das Forças Armadas. Seria, defende ele, uma forma de blindar os recursos da interferência dos humores políticos e de garantir uma previsão para investimentos de longo prazo. O tema, porém, também está engavetado no Congresso. No início deste ano, Múcio avisou a Lula que sua temporada no governo estava chegando ao fim e que considerava a sua missão cumprida. A pedido do presidente, ele aceitou fazer hora extra na Esplanada. Só não se sabe até quando o combustível do ministro, queimado em assuntos espinhosos, vai durar. ■



MURILLO DE ARAGÃO

CENÁRIO DESALENTADOR

Vácuo de lideranças inviabiliza
qualquer projeto de renovação

ENQUANTO o governo parece jogar com empenho para perder as eleições presidenciais de 2026, a oposição, pelo seu lado, também não demonstra maior preparo para vencer. O país assiste, atônito, a um tabuleiro político em que sobressaem a confusão governamental e a desarticulação oposicionista — um vácuo de liderança que compromete qualquer expectativa de renovação consistente no cenário eleitoral.

Do lado governista, o retrato é de desorientação. O ministério é marcado não apenas por idas e vindas em decisões estratégicas, como tropeça diante da deterioração fiscal e se submete a um Congresso cada vez mais autônomo e assertivo. A condução política carece de coesão e propósito, enquanto pesquisas revelam uma desaprovação crescente que corrói a base de sustentação do governo.

A aliança governista, desmotivada e fragmentada, cobra espaços e favores. A impopularidade obriga o Palácio do Planalto a ensaiar uma série de “pacotes de bondades” com recursos escassos e efeitos eleitorais duvidosos.

Na oposição, a situação não é mais alentadora. O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) segue como o grande fiador da direita, mas desenvolve uma estratégia clara: alongar artificialmente até o limite do calendário uma candidatura que sabe ser irrealizável para poder aparecer como vítima do sistema. O drama da perseguição pode, eventualmente, se converter em capital político. Mas tampouco é um movimento garantido.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), nome que se apresenta com o maior potencial competitivo do centro e da direita, aparentemente demonstra mais interesse em consolidar sua reeleição do que em entrar na disputa nacional. Sua postura cautelosa mantém o campo da oposição órfão de uma liderança

**“O Brasil pode estar
caminhando para uma
eleição marcada pela
negação do presente e
pela ausência de um
projeto de futuro”**

eleitoralmente viável. Outros nomes, como o dos também governadores Ratinho Jr. (Paraná) e Romeu Zema (Minas Gerais), circulam nos bastidores, mas nenhum, até agora, demonstrou ter uma densidade política comparável. A velha máxima se impõe: quando há muitos candidatos, é sinal de que ainda não há nenhum de fato.

O cenário que se desenha é o de uma pré-campanha caracterizada por atropelos. Tal situação reflete uma crise mais profunda no sistema político brasileiro, onde o personalismo prevalece sobre a construção programática e o imediatismo eleitoral se sobrepõe ao planejamento estratégico.

O que está em jogo transcende a mera sucessão presidencial — trata-se da demonstração de uma elite política esgotada, incapaz de oferecer alternativas consistentes diante dos desafios nacionais. O Brasil pode estar caminhando, mais uma vez, para uma eleição marcada pela negação do presente e pela ausência de um projeto de futuro. Espero estar errado. ■

TRÁFICO SUBMARINO

Agentes públicos de Portugal e Brasil investigam a atuação do crime organizado no uso de submersíveis para transporte de drogas da América do Sul para a Europa

HEITOR MAZZOCO



POR BAIXO D'ÁGUA Submersível apreendido na Ilha de Marajó, no Pará: embarcação seria usada para levar drogas à Europa

ENTRE AS autoridades que lidam com a questão da segurança pública, há uma constatação repetida com uma frequência incômoda nos últimos tempos: a de que o crime está sempre um passo à frente, movido pela necessidade de produzir novos meios de burlar a repressão. Mais um exemplo desse dinamismo do mundo do crime veio à tona há dois meses, quando a Polícia Judiciária de Portugal interceptou um pequeno submersível nas proximidades das ilhas dos Açores. Na embarcação, que havia saído do norte do Brasil, encontraram três brasileiros, um colombiano, um espanhol e 6,5 toneladas de cocaína. A partir da Península Ibérica, essa carga seria distribuída por vários países da Europa, de acordo com a polícia, que classificou a ação de o maior confisco marítimo de drogas no Velho Continente.

A apreensão foi fruto de uma conexão investigativa entre Europa e Brasil, que já produz outros resultados. No dia 31 de maio, homens da Marinha, Força Área Brasileira (FAB) e Polícia Federal encontraram um submarino clandestino na cidade de Chaves, no arquipélago de Marajó, no Pará. Ninguém foi preso. “É uma embarcação rudimentar, com poucos recursos, basicamente um equipamento de propulsão”, diz o capitão de Guerra e Mar da Marinha Guilherme Barros Moreira. A despeito disso, parecia estar preparada para cruzar o Oceano Atlântico. Com 18 metros de comprimento e 25 toneladas de peso, o barco não tinha carregamento de drogas, mas era bastante semelhante ao interceptado em águas portuguesas. “Pelas características,



tudo indica que seria usado no transporte de cocaína do Brasil para a Europa ou para a costa norte da África”, diz o delegado da PF Fernando Casarin.

Em fevereiro de 2024, pescadores de São Caetano de Odivelas, também no Pará, já haviam encontrado uma embarcação abandonada com as mesmas características. Um traço em comum entre esses novos veículos do tráfico é a precariedade. No caso da embarcação apreendida nas redondezas de Açores, fotos e vídeos divulgados por agentes lusitanos mostram pouco espaço para pessoas e itens essenciais, como colchões. Segundo a Marinha, os dados disponíveis não permitem estabelecer, com precisão, informações sobre autonomia, capacidade de armazenamento de carga e quantidade de tripulantes desse tipo de barco, chamado de “semisubmersível” por especialistas.



SEGURANÇA PORTUÁRIA EM FOCO

AÇÃO Polícia aborda barco do Brasil em Portugal:
6,5 toneladas de cocaína

Após as apreensões recentes, investigadores brasileiros tentam identificar qual é o grupo criminoso que passou a investir nessa estratégia. Uma certeza é que, apesar do acabamento espartano, a construção desses veículos exige algum conhecimento de profissionais da área. A suspeita é de atuação do Primeiro Comando da Capital (PCC), em parceria com grupos da Europa, como a italiana ‘Ndrangheta, máfia da Calábria especializada em distribuir droga pelo continente europeu e que tem uma parceria afinada com a facção brasileira. A Câmara dos Deputados, por meio da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, pediu informações ao governo português, que batizou de “Nautilus” a investigação sobre esses veículos, nome do submarino comandado pelo Capitão Nemo no clássico romance *Vinte Mil Léguas Submarinas*, do francês Júlio Verne.

Os submersíveis do tráfico não chegam a tanto. Embora haja ainda poucas informações, é certo que navegam em águas logo abaixo da superfície, o que os torna difíceis de ser captados por radares, assim como pela vigilância ostensiva (a coloração azulada dificulta a detecção visual). Também são úteis pela facilidade de atracar em qualquer lugar, ainda mais em um momento em que os principais portos da Europa são cada vez mais vigiados.

O uso de submarinos pelas organizações criminosas brasileiras é uma atividade recente — a apreensão de Marajó foi a primeira feita pela PF —, mas ela tem onde se inspirar. A prática é considerada comum em países como a Colômbia, especialmente no Oceano Pacífico. Um dos adeptos era o célebre traficante colombiano Pablo Escobar, que chegou a se valer desse modelo para levar drogas aos Estados Unidos. Cartéis mexicanos também usam o meio de transporte — no segundo semestre de 2024, a Guarda Costeira americana interceptou uma embarcação do tipo carregada com 2 toneladas de cocaína, em carga avaliada em 50 milhões de dólares. Um dos objetivos do pedido da Câmara ao governo português é apurar o “grau de cooperação internacional do país no enfrentamento ao crime organizado” e “eventuais lacunas que possam comprometer a efetividade das medidas de combate ao tráfico transnacional”. O dinamismo exibido pelas falanges criminosas no Brasil, de fato, historicamente contrasta com uma certa inércia do poder público. A descoberta do primeiro caso de tráfico submarino transatlântico não deixa de ser mais um alerta nesse sentido. ■



Expansão saudável

Presidente e sócio da rede mineira de hospitais Mater Dei, **José Henrique Salvador** não poderia estar mais feliz com a parceria firmada com a Bradesco Saúde para a construção de sua primeira unidade em São Paulo. O hospital terá 270 leitos e demandará 500 milhões de reais em investimentos. Desse montante, apenas 100 milhões de reais sairão do caixa da Mater Dei. Os outros 400 milhões de reais serão bancados pela Bradesco Saúde.

De volta à Região Norte

A parceria entre a Mater Dei e a Bradesco Saúde deverá ser estendida para outras regiões do país. Com nove hospitais e 2,2 bilhões de reais de faturamento, a rede ven-



SAMUEL GEDVILGAÇÃO

INVESTIMENTO Salvador: a rede mineira Mater Dei terá hospital em São Paulo

deu recentemente uma unidade em Belém por 410 milhões de reais. Agora, quer voltar ao Pará. Um terreno no sul do estado já está reservado para a construção.

Preparando o terreno

Antiga Americas Trading Group e responsável pela

gestão da futura Bolsa do Rio de Janeiro, a Flowa Technologies está em expansão. A companhia comandada por Claudio Pracownik pretende encerrar o ano com 190 funcionários — atualmente são 140. Para isso, ampliará seu escritório no bairro do Catete, na zona sul da cidade.

Dinheiro árabe

A Flowa é investida do Mubadala Capital, fundo de investimentos de Abu Dhabi com mais de 30 bilhões de dólares em ativos sob gestão. Segundo fontes próximas à operação, o fundo vem desembolsando “alguns milhões” de reais por mês para preparar o lançamento oficial da nova bolsa, previsto para o primeiro trimestre de 2026.

Saída da bolsa?

A Iberdrola, multinacional espanhola do setor de energia elétrica, avalia fechar o capital da controlada Neoenergia no Brasil. Desde o IPO (oferta pública inicial de ações, na sigla em inglês), em 2019, os papéis da empresa tiveram valorização de quase 60%.

Cabo de guerra

Dona de 53% do capital da Neoenergia, a Iberdrola tem o controle da companhia, mas um eventual programa de recompra de ações encontra resistência dentro da Previ — o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, detentora de 30% de participação. Procuradas por VEJA, tanto a Neoenergia quanto a Previ preferiram não se manifestar.

Gestão estendida

A segunda convocação da Assembleia Geral de Credores do estaleiro OSX, do empresário Eike Batista, realizada no último dia 29 de maio, resolveu manter o administrador judicial Gustavo Licks por mais 45 dias na gestão da companhia.

Faltam candidatos

O encontro tinha como objetivo escolher um novo gestor, mas ninguém se candidatou ao cargo. A OSX está em sua segunda recuperação judicial. Eike foi afastado do comando da empresa em novembro do ano passado.

Mais espaço

Com receita anual de 800 milhões de reais, a Movecta, especializada na gestão

de galpões alfandegários, vai investir 100 milhões de reais até 2026. Os recursos serão destinados à modernização tecnológica, compra de equipamentos e ampliação de áreas. A empresa atua nos portos de Santos (SP), Itajaí (SC) e Suape (PE).

Efeito Trump

A Movecta afirma que o tarifaço imposto pelo presidente americano Donald Trump causou um desabastecimento de contêineres em suas operações. Apesar do impacto, a empresa mantém planos de expansão e agora mira aquisições no Ceará, na Bahia, no Espírito Santo e no Paraná. A companhia também estuda a entrada em novos segmentos, como o de transporte. ■



APRESENTA

prêmio

melhores empresas para (se) bem-estar

VOCÊRH

2025

**A VOCÊ RH lança um
novo prêmio para
reconhecer as empresas
que se destacam na
promoção do bem-estar
de seus colaboradores.**

Vamos valorizar iniciativas que criam
ambientes de trabalho positivos,
acolhedores e que, ao mesmo tempo,
impulsionam os resultados do negócio.

Participe e mostre como sua empresa
coloca as pessoas no centro da
estratégia, promovendo saúde, equilíbrio
e satisfação no ambiente corporativo.



**Saiba como
participar!**

Prazo para participação: 2 a 30/06



MIRA ERRADA

Ao insistir no aumento de impostos e ignorar o corte de gastos, o governo frustra as expectativas de promoção das reformas estruturais tão necessárias para o país

MÁRCIO JULIBONI E FELIPE ERLICH



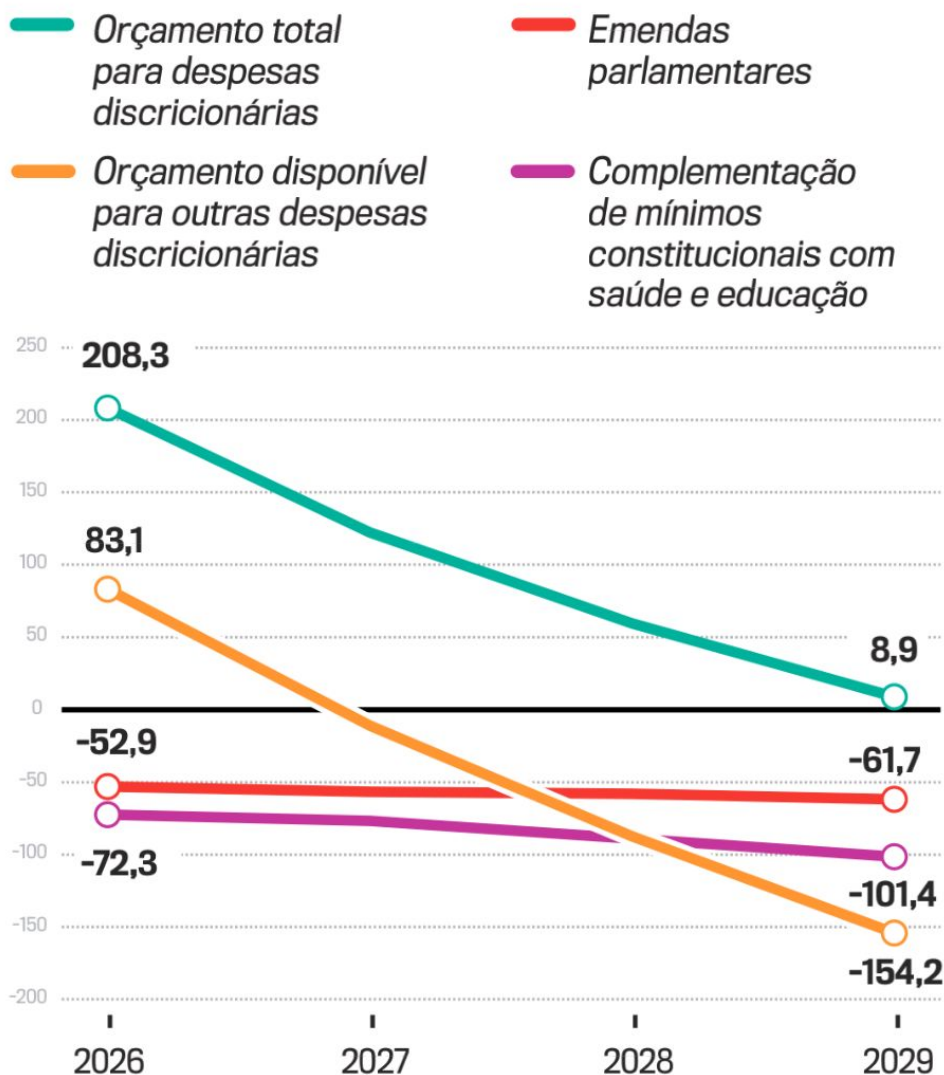
FRUSTRAÇÃO Motta, Haddad e Alcolumbre:
pacto pelo equilíbrio ficou pelo caminho



No encontro com líderes do Congresso realizado na noite de domingo, 8, para discutir as medidas necessárias para reverter a deterioração das contas públicas, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, propôs o que chamou de “pacto pelo equilíbrio fiscal do Brasil”. O acordo seria sustentado por três pilares, sendo o primeiro deles a revisão do Decreto nº 12.466. Assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no fim de maio, o texto aumentou o imposto sobre operações financeiras (IOF) e provocou uma forte e justa oposição de parlamentares, empresas e mercado financeiro. O segundo ponto de sustentação seria a aprovação de uma medida provisória elevando outros tributos para compensar as perdas com a revisão do IOF. Para arrematar, o pacto envolveria um corte de incentivos fiscais. Ao término da reunião, de quase cinco horas, a frustração dos presentes era visível. Haddad pouco tocou no que deveria ser o tema principal da conversa: as medidas estruturais solicitadas pelo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), anfitrião do encontro. Sem elas, a boa vontade dos parlamentares com o governo minguou. “O clima no Congresso em relação às propostas é muito ruim”, afirmou a VEJA o deputado federal Pedro Paulo (PSD-RJ), que participou da reunião e é o responsável pelo grupo de trabalho da reforma administrativa na Câmara. “Só vemos aumento de tributos, sem ajuste de despesas.”

RUMO AO VERMELHO?

Ao enviar o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2026 ao Congresso, o governo admitiu que, após as despesas com emendas e complementações, pode faltar dinheiro para gastos discricionários a partir de 2027, paralisando a máquina pública (em bilhões de reais)



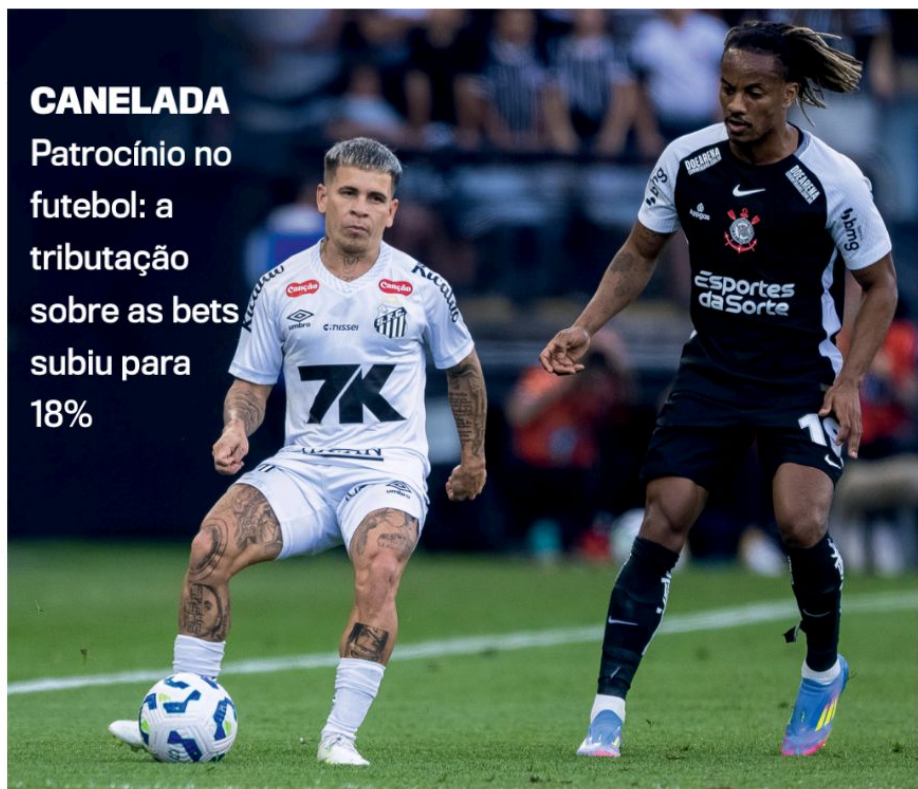
Fonte: Ministério do Planejamento e Orçamento

Insatisfeitos com a posição de Haddad, os congressistas partiram para o ataque. Na terça-feira 10, uma coalizão representando 469 deputados e 79 senadores emitiu uma nota rechaçando qualquer plano para taxar mais empresas e cidadãos. No dia seguinte, a federação formada por União Brasil e Partido Progressistas, com quatro ministérios na Esplanada, também se posicionou contra novos encargos. “Ninguém aceita mais a pauta do aumento de impostos”, diz o deputado Cláudio Cajado (PP-BA), que foi o relator do arcabouço fiscal na Câmara. Tamanha mobilização do Parlamento pretendia pressionar Lula e a equipe econômica a promoverem um ajuste fiscal baseado em corte de gastos, para cumprir as metas fiscais de curto prazo, e em reformas estruturais para estancar, no longo prazo, o crescimento das despesas e reverter a trajetória da dívida pública, que disparou após o retorno do PT ao poder. Em nova demonstração de chance desperdiçada para um debate de alto nível sobre um assunto crucial, o governo resolveu tentar o método de persuasão mais simples e direto: o de acelerar a liberação de emendas parlamentares para conter a revolta no Congresso.

O imbróglio do ajuste fiscal promete render novas rodadas de polêmicas. A Medida Provisória nº 1.303 e o Decreto nº 12.499, publicados em uma edição extra do *Diário Oficial da União* na noite de quarta-feira, 11, irritaram ainda o Legislativo ao confirmar que, mais uma vez, Lula insiste em mirar no alvo errado — o bolso dos brasileiros —

CANELADA

Patrocínio no
futebol: a
tributação
sobre as bets
subiu para
18%



ALFESSANIRO BRITO/FILASIA SPORT IMAGES/GIFTY IMAGES

para cobrir o déficit. Sob o pretexto de corrigir distorções, a MP e o decreto elevam, na prática, a carga tributária. Os títulos de investimento incentivados, antes isentos, pagarão 5% de IR. A medida atinge importantes instrumentos de financiamento da construção civil, como as Letras de Crédito Imobiliário, e da agricultura, como os Certificados de Recebíveis do Agronegócio. O imposto sobre as bets subirá de 12% para 18% da receita. A alíquota de 9% da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido cobrada das fintechs foi extinta, e as instituições passam a pagar 15%, como os bancos. O mesmo esmero do Planalto em ampliar receitas

não foi visto no corte de gastos. A MP contém medidas genéricas para endurecer o acesso a alguns benefícios, como o seguro-defeso, pago aos pescadores, e o auxílio a quem se afasta por um tempo do trabalho por motivos de saúde.

Para complicar ainda mais a tarefa de Haddad, o plano do governo deve causar mais barulho do que resultados. A corretora Warren Rena estima que o novo pacote gerará 30 bilhões de reais em 2026. A cifra já seria insuficiente para cobrir o déficit de 52 bilhões de reais previsto para este ano. Mas o cenário do ano que vem é ainda pior. “Mesmo se essas medidas forem adiante, seria preciso bloquear 50 bilhões no ano que vem para cumprir a meta”, estima o economista Felipe Salto, da Warren Rena. “Mas o Orçamento já estará engessado demais para permitir isso.” A razão é que os gastos obrigatórios, tais como o pagamento de aposentadorias e o Benefício de Prestação Continuada, representarão 92% do total de despesas em 2026.

Restarão apenas 8% do Orçamento para os gastos discricionários — a margem de manobra à disposição do governo —, que envolvem de investimentos em obras a manutenção de prédios públicos. Mesmo a destinação desses recursos está cada vez mais rígida. Ao enviar o projeto de Orçamento de 2026 ao Congresso, em abril, o Ministério do Planejamento previu 208 bilhões de reais para gastos discricionários. A maior parte do dinheiro, porém, já tem destinação certa: o pagamento de emendas parlamentares e a complementação dos desembolsos mínimos com saúde



RISCO Edifício em obras: taxar LCIs e CRIs ameaça crédito à construção

e educação fixados pela Constituição. Essas despesas “carimbadas” consumirão 125 bilhões. Em 2027, o governo antevê um cenário ainda pior. De um lado, o aumento dos gastos obrigatórios reduzirá a verba para outros fins. Ao mesmo tempo, as emendas parlamentares e os gastos com saúde e educação consumirão 133 bilhões. Faltarão 11 bilhões apenas para cobrir essas despesas — sem contar o dinheiro necessário para todo o resto. Em outras palavras: a máquina federal pode parar em dois anos.



INEVITÁVEL Agência do INSS: ajuste passa por reforma da Previdência

O peso que as emendas parlamentares ganharam no Orçamento não passa despercebido. Somente neste ano, elas somarão 50 bilhões de reais. Muita gente espera que o Congresso assuma sua parcela de responsabilidade pelo rombo nas contas e modere o apetite. Enquanto surgiam os primeiros sinais de recuo no apoio ao pacote de Haddad, o ministro do Supremo Tribunal Federal Flávio Dino, relator do processo sobre emendas parlamentares, deu um prazo de dez dias para o Congresso explicar a criação de um “novo Orçamento Secreto no Ministério da Saúde”. Para grande parte dos congressistas, não foi mera coincidência a ordem de Dino no momento de impasse entre Execu-

O CONTRIBUINTE PAGA



Veja os principais pontos da **Medida Provisória nº 1303** e do **Decreto nº 12499**, publicados pelo governo na quarta-feira 11 para substituir o polêmico aumento do imposto sobre operações financeiras (IOF)

> CRÉDITO A EMPRESAS

A alíquota fixa do IOF cai de **0,95%** para **0,38%**

> RISCO SACADO

Pressionado por bancos e empresas, o governo aboliu a alíquota fixa de IOF e manteve apenas a diária, de **0,0082%**

> FDICs

Será cobrado **0,38%** de IOF na compra de cotas de fundos de investimento em direito creditório

> VGBL

Até 31 de dezembro de 2025, os planos de previdência privada do tipo VGBL pagarão IOF sobre aportes superiores a **300 000 reais** feitos em uma única seguradora. A partir de 2026, a incidência recai sobre aportes acima de **600 000 reais**, mesmo que representem a soma de depósitos em várias seguradoras

> TÍTULOS INCENTIVADOS

Até então isentos, esses investimentos pagarão **5%** de imposto de renda sobre os ganhos. É o caso das LCIs, LCAs, CRIs e CRAs

> DEMAIS INVESTIMENTOS

Passa a valer uma alíquota de imposto de renda de **17,5%**, independentemente do tipo de aplicação financeira

> SITES DE APOSTAS

O imposto sobre o faturamento das bets sobe de **12%** para **18%**

tivo e Legislativo sobre o ajuste fiscal. “O Congresso quer corte de gastos, mas, com as emendas, isso é quase impossível”, afirma Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e colunista de VEJA.

Caberia a Lula resolver o impasse, assumindo o ônus político de propor as impopulares, mas necessárias, medidas que evitem o desastre fiscal que já se avista, como uma revisão de programas assistenciais, uma reforma administrativa e uma nova reforma da Previdência. Somente assim poderá cobrar que os demais poderes cortem gastos. “Se o presidente não liderar esse processo, é muito difícil que o Congresso o faça”, diz o economista Samuel Pessôa, referindo-se às propostas de corte de gastos engavetadas no Parlamento. “Mas Lula lavou as mãos.” Considerando-se a fase de impopularidade do governo e os planos do petista para a reeleição, poucos apostam que o bom senso vai prevalecer para evitar a bomba fiscal. O país inteiro espera que essa previsão pessimista não se concretize, pois a conta dessa omissão será paga por todos os brasileiros. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

O ETERNO RETORNO

O governo promete cortar onde
não pretende tocar

MAIS UMA VEZ, carente de receitas para bancar gastos crescentes — e sobre os quais não quer se debruçar —, o governo promete atacar as renúncias fiscais, propondo redução de 10% em seu total. Como, de acordo com o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias enviado ao Congresso em abril, o montante orçado para 2026 chega a 621 bilhões de reais (4,5% do PIB), a economia seria de 62 bilhões, dinheiro grosso, se não relativo à receita total, certamente comparado ao tamanho do buraco orçamentário previsto para o ano que vem.

Parece bom demais para ser verdade, e, claro, é. No minuto zero de jogo já se deixou claro que estão fora do plano de ação do governo o Simples Nacional, a desoneração da cesta básica e — preciso dizer? — a Zona Franca de Manaus, que, em conjunto, representam nada menos que 224 bilhões. Falamos, portanto, de algo como 36% da dita renúncia tributária, ou 1,6% do PIB.

Podemos incluir fora disso também rubricas como ren-

dimentos isentos e não tributáveis (dividendos, em sua maior parte), assim como as deduções do rendimento tributável (tipicamente despesas de saúde e educação), e, por fim, as entidades sem fins lucrativos, que adicionam outros 165 bilhões de reais ao rol dos intocáveis. Não por acaso, são seis das sete maiores renúncias fiscais. A sétima, a propósito, é a isenção da caderneta de poupança (um vespeiro) e dos títulos imobiliários e do agronegócio, outra luta ladeira acima, como veremos nos próximos dias.

Isso dito, lembremos também que o histórico de promessas de redução dos gastos tributários não é exatamente o que se poderia chamar de impecável. O artigo IV da chamada PEC dos Precatórios (EC 109/2021) estabeleceu que o Executivo enviaria ao Congresso um projeto de lei complementar (PLC) para reduzir as renúncias a não mais que

**“A chance de avançar
é bastante baixa porque
o governo não perde
oportunidade de
ampliar gastos”**

2% do PIB no prazo de oito anos. O PLC foi submetido ao Congresso e deu em nada, o que não é surpresa. Como também não é, ou não deveria ser, surpreendente que o atual governo não tenha feito qualquer esforço para avançar esse PLC (ou outra versão dele) no Congresso para limitar o gasto tributário, apesar da retórica a respeito.

Afinal de contas, é sempre bom recordar, a renúncia fiscal em 2003-2004 equivalia a 2% do PIB, segundo estudo da FGV. Em 2015, depois de três governos petistas, havia mais que dobrado, chegando à marca de 4,5% do PIB, na qual permanece até hoje. Guido Mantega, ministro da Fazenda durante a maior parte desse período, mais de uma vez se vangloriou da política, embora não faltassem vozes à época alertando para os riscos dessa abordagem.

As chances, portanto, de avançar nessa frente são bastante baixas, não apenas porque os interesses corporativos no Congresso são obstáculos consideráveis, mas, ousaria dizer, também porque o atual governo — de novo, a despeito da retórica inflamada — não perde oportunidade de ampliar o leque de gastos tributários, como foi o caso do programa Mover.

Como se depreende, não falamos de azar, mas de desígnio. Ao final das contas, sem um plano para conter o avanço inexorável dos gastos, não há remendo de receitas que possa dar um jeito no problema. Posso soar repetitivo, mas, se a realidade insiste em permanecer a mesma, como poderiam mudar as consequências? ■

A GUERRA DO DELIVERY

Novos investimentos de empresas são injetados no país para tentar desbancar o domínio do iFood, em movimento que pode reduzir preços e beneficiar o consumidor **MARCO DAMIANI**



APETITE Motoqueiros da 99Food: companhia pretende desembolsar 1 bilhão de reais para avançar no mercado nacional

OS MILHÕES de motociclistas deslizando rapidamente sobre duas rodas com suas mochilas térmicas nas costas representam o pelotão de frente de uma guerra bilionária. As multinacionais que fazem as entregas de refeições movimentaram 1,2 trilhão de dólares na economia global no ano passado — o equivalente a mais da metade do PIB brasileiro — e estão com apetite aberto para devorar concorrentes. O Brasil, com 178 milhões de pessoas vivendo em cidades, está no epicentro da disputa. Em 2024, conforme dados da empresa de pesquisa Statista Market Forecast, o delivery de alimentos gerou 21 bilhões de dólares em negócios no país, 7% mais que no ano anterior. Mas esse número é apenas um aperitivo do que está por vir.

Novos investimentos estão chegando ao país para tentar desbancar o domínio do iFood, líder do setor. Nesta semana, entrou em operação-piloto, em Goiânia (GO), a 99Food, aposta do grupo chinês Didi para invadir o território nacional. Braço da operadora de transportes urbanos 99, a 99Food terá o suporte de 1 bilhão de reais em investimentos. Sob a promessa de reduzir os preços dos pratos no delivery, que superam em até 27% os cobrados nos restaurantes, a companhia já distribuiu ao seu exército de 400 000 motociclistas jaquetas de couro, capacetes e mochilas térmicas com sua própria marca. A partir do Centro-Oeste, a intenção é chegar velozmente a São Paulo e Rio de Janeiro.

A chave da estratégia da 99Food é não cobrar taxas de entrega para os restaurantes por dois anos, além de garan-



AÇÃO GLOBAL Bloisi, da holandesa
Prosus: um dos maiores negócios do setor

tir diárias de 250 reais para os motoqueiros com alta produtividade. Os retornos dessa ofensiva estão previstos para o médio prazo. “O Brasil dará início ao nosso posicionamento global em entregas de refeições”, diz o presidente da 99 no Brasil, o chinês Simeng Wang. Sob sua gestão, a empresa saltou de 10 milhões para 58 milhões de clientes cadastrados. A companhia promete, para breve, um aplicativo no qual será possível pedir tanto um motorista para uma corrida quanto refeições para comer em casa. “O grande tráfego da 99 vai ajudar a alavancar a 99Food”, resume Wang. Igualmente de capital chinês, a Meituan anunciou a



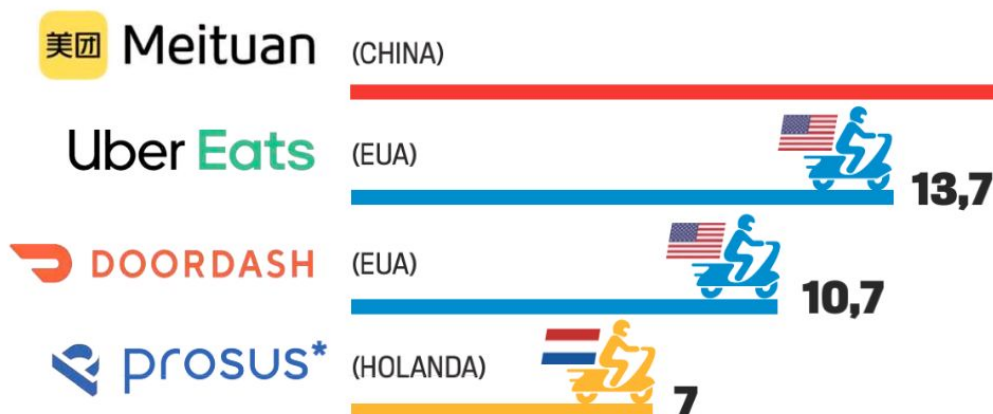
COMPETIÇÃO Keeta, marca da Meituan:
chegada iminente

sua entrada em operação no país no segundo semestre, com investimento de 5 bilhões de reais para implantar a marca global Keeta.

Segundo colocado no ranking brasileiro de delivery, atrás do iFood, o Rappi, de matriz colombiana, prepara suas defesas. No mês passado, o presidente Felipe Criniti anunciou a redução das taxas de até 18% cobradas dos restaurantes e a injeção de 1,4 bilhão de reais no negócio. A intenção é diversificar a base, passando a aglutinar farmácias, supermercados e petshops. “O Rappi quer ser uma solução completa de entregas, não importa o que o cliente

AS MAIORES DO MUNDO

Quem são os líderes globais do mercado de entrega de comida (faturamento em bilhões de dólares, em 2024)



precise”, diz Criniti. Titular da Agilizone, empresa de tecnologia de gestão do fluxo de motoboys, Cecília Farias prevê que a reestruturação do setor em todo o mundo está apenas começando. “Com a inteligência artificial, a interação com os hábitos e desejos do público será cada vez maior”, afirma ela.

A guerra global no mercado de entregas está esquentando. No primeiro trimestre, o empresário baiano Fabrício Bloisi, hoje presidente do gigante holandês Prosus — quarta maior companhia de delivery do mundo —, assinou a compra da plataforma europeia Just Eat Takeaway por 4,1 bilhões de euros, cerca de 26 bilhões de reais. Trata-se de uma das maiores transações já registradas no setor. Ex-comandante do iFood no Brasil, Bloisi lidera agora um con-



*iFood e Just Eat

Fontes: balanços das empresas

glomerado avaliado em 554 bilhões de reais, com participações em uma centena de empresas de tecnologia, entre elas a OLX e o próprio iFood, criado com capital nacional. “O foco é crescimento e, com isso, esperamos gerar mais empregos e receitas em muitas dimensões”, afirma. No Brasil, sob pressão dos investimentos agressivos dos rivais, o iFood anunciou recentemente uma aliança com a Uber, líder entre os apps de transporte no país. A ideia é formar uma poderosa simbiose entre as duas marcas. Com 400 000 estabelecimentos cadastrados em 1 500 cidades e 120 milhões de entregas mensais, o iFood aposta na força dos pequenos e médios negócios para continuar expandindo. Se a guerra do delivery entregar comida mais barata, o consumidor poderá saborear a vitória. ■



REVOLTA Tumulto na “Cidade dos Anjos”: apoio a mexicanos e a outros que vêm sendo perseguidos pelo presidente

TROPA NA RUA

Protestos que começaram em Los Angeles e agora se espalham pelo país são oportunidade para Trump destratar adversários, agitar a bandeira anti-imigração e dar demonstração de força

AMANDA PÉCHY

Oroteiro parecia sob medida para Donald Trump. No último dia 6, o ICE, temida polícia migratória dos Estados Unidos, seguiu com sua política linha-dura e colocou atrás das grades, em Los Angeles, quarenta estrangeiros sob suspeita de viverem na ilegalidade no país. Logo uma fatia da população, que andava algo apática em relação às frequentes investidas dos agentes, que têm batido de porta em porta em cadaçada sem precedentes aos imigrantes, tomou as ruas em protesto. Como em quase toda manifestação, essa nasceu com feições pacíficas, mas um grupo minoritário partiu para a violência, entrando em colisão com os policiais, saqueando lojas e ateando fogo em carros. E não deu outra: na mesma hora, alegando completo descontrole da situação — versão que tanto autoridades locais como os observadores de plantão negam —, Trump, em iniciativa raríssima e muito questionável, acionou a Guarda Nacional e fuzileiros, um contingente total de 5 000 militares, sem consultar o governador da Califórnia, Gavin Newsom, o democrata que nunca lhe passou pela garganta.

Foi uma demonstração de força bem ao estilo Trump, que embutiu vários propósitos numa só tacada. Primeiro, direcionou-se contra a Califórnia, um estado que consta no rol dos “deep blue” — mais azul, ou democrata, impossível. É também comandado por Newsom, cujo nome circulou no último pleito presidencial e tem tudo para ser posto à mesa no próximo embate eleitoral, em 2028. Para



PALANQUE Newsom: o governador ganhou os holofotes

completar, o assunto em questão — a imigração — é das bandeiras mais caras à Casa Branca, decisiva para mobilizar a turma trumpista, e qualquer brecha para lhe dar visibilidade é bem-vinda. Ir atrás dos estrangeiros em solo californiano, onde moram hoje 10,6 milhões deles com status variados, fez portanto sentido, sob vários ângulos, aos olhos do governo. “O presidente não tolera centros de poder antagonistas e se desdobra para controlá-los. A Califórnia é a Harvard da vez”, analisa o cientista político americano Henry Brady, em alusão à prestigiada universidade que virou saco de pancadas de Trump.

A chegada das tropas a Los Angeles só fez inflar as insatisfações e alimentar os protestos, que se espalharam por



CAÇADA Detenções: implementação da política radical

mais de vinte cidades do país, entre elas Nova York, Chicago e Seattle. Pelos contornos que as manifestações tomaram, já dá para dizer que, mesmo que percam o ímpeto, são as mais contundentes contra o governo desde a posse de Trump, em janeiro. A tensão estava instaurada antes de a Guarda Nacional e os fuzileiros entrarem em cena, mas certamente escalou depois que se incorporaram à paisagem de Los Angeles. Aquela fatia mais estridente dos insurgentes arremessou pedras contra os agentes federais e vandalizou o comércio, e as forças de segurança revidaram de cima de cavalos, que pisotearam pessoas, e atingiram dezenas com balas de borracha, inclusive uma jornalista australiana, imagem que viralizou, uma vez que ela

estava no ar. A prefeita democrata Karen Bass, que como o governador também repudiou a tática trumpista, falou à população: “Todos têm o direito de protestar pacificamente, mas deixe-me ser clara: violência e destruição são inaceitáveis”. Depois, na terça-feira 10, decretou toque de recolher, fechando o centro da cidade durante a noite.

Para conseguir acionar tamanho pelotão sem o aval de Newsom, Trump alegou que a rebelião em curso era uma afronta “à autoridade dos Estados Unidos” e que precisava proteger agentes e edifícios federais. A manobra é permitida por lei, mas, por seu teor extremado, foi posta em prática uma única vez, em 1965, quando o então presidente Lyndon Johnson acionou os militares com objetivo bem distinto do de agora — queria justamente proteger protestos em prol dos direitos civis no estado sulista do Alabama. “Trump agravou deliberadamente situação já complexa, uma jogada para justificar o uso de mais repressão e exibir poder”, afirmou a VEJA a socióloga Caitlin Patler, da Universidade da Califórnia em Berkeley. Nos últimos dias, em mais um aceso à sua base eleitoral fiel, o presidente vem flertando inclusive com a ideia de invocar a Lei da Insurreição, do século XIX, que permitiria o uso do Exército para reprimir a “revolta doméstica”, concedendo à tropa o direito de efetuar prisões, o que ela não pode fazer até este momento.

Não à toa, Stephen Miller, vice-chefe de gabinete de Trump e um dos arquitetos de sua draconiana política imigratória, começou a classificar os protestos de “insurreição



É NACIONAL Manifestação em Nova York: a onda cresce país afora

violenta” e adotou tom épico: o que se desenrola hoje na mais populosa cidade da Califórnia seria “uma luta para salvar a civilização”. Outros integrantes do governo insistem que as batidas do ICE miram criminosos e que são os radicais de esquerda, agindo contra a “detenção de gente perigosa”, os cabeças da agitação que tomou as ruas. Há tempos Trump desdenha da Califórnia por sua suposta leniência com estrangeiros ilegais e por ser, segundo ele, o mais fértil terreno para a disseminação da cultura woke, o exagero do politicamente correto que o presidente não cansa de atacar.

Para Trump, fazer da Califórnia um alvo tem também objetivo eleitoral. É uma chance de começar a fincar os pés num estado que, após quatro décadas de supremacia democrata,



DUELO DE GIGANTES Trump e Musk: xingamentos cederam lugar ao silêncio

encara seus dilemas, alguns deles produto do progressismo extremo ali implantado. Com uma política mais permissiva em relação a drogas, por exemplo, as cidades registraram seu acelerado crescimento, sobretudo nas prateleiras dos opioides, uma epidemia letal nos Estados Unidos. Outro calcanhar de aquiles é a população de rua, que se multiplicou à vontade até o próprio Newsom liderar o desmonte de acampamentos de sem-teto que lotavam as ladeiras de São Francisco. Em mais uma medida para se descolar do rótulo woke e se posicionar ao centro, o governador supervisionou pessoalmente medidas de endurecimento contra manifestações pró-Palestina que ultrapassaram limites em várias universidades e chegou a criar um podcast em que recebeu figuras como Steve Bannon, gu-

ru do trumpismo, além de romper com colegas de partido ao chamar de “injusta” a participação de atletas trans em esportes femininos — bandeira, aliás, abraçada por Trump.

Diante dos protestos em Los Angeles, Newsom vem demarcando terreno de forma eficiente, já com postura de candidato. “O destacamento da Guarda Nacional concretiza a fantasia perturbada de um presidente ditatorial”, disparou ele, ao avisar que levaria a Casa Branca à Justiça, acusando o presidente de “fabricar medo e terror” em seu estado. O desfecho do processo pode se arrastar por meses, mas o xadrez da política está sendo jogado a cada minuto. Os americanos, em geral, se opõem ao emprego da força nacional, mas 54% deles são favoráveis às medidas imigratórias do governo. O que Trump quer é colocar os democratas californianos no papel de defensores dos “estrangeiros infratores” e despachar para casa “20 milhões de indocumentados” (ou 11 milhões, de acordo com dados de institutos independentes). De um modo ou de outro, é uma multidão que, de acordo com especialistas, torna inexequível a meta de detenções e expulsões.

Até agora, os protestos em Los Angeles são pequenos em comparação com outros que se espalharam pela cidade no passado. Mais de 12 000 pessoas foram presas durante os levantes de 1992 (contra as cerca de duzentas de hoje), desencadeados pela absolvição de policiais acusados de espancar até a morte um homem negro parado em uma blitz. Mas a situação ainda pode piorar, dado que a polícia americana é notoriamente truculenta na repressão a manifestações. E



ANTECEDENTE Lyndon Johnson: Guarda Nacional
foi acionada em 1965

Trump parece disposto a seguir demonstrando força, no que faz também pela retórica mordaz.

Se nestes dias o governador da Califórnia vem sendo repetidamente chamado por ele de “Newscum” (trocadilho que faz alusão ao vocábulo escória, em inglês), na semana passada foi o ex-parceiro Elon Musk, o homem mais rico do planeta, que ficou na mira. Trump chegou a ameaçar cortar todos os vultosos contratos do bilionário com o governo, mas o tempo tratou de dar uma amainada no duelo de gigantes. O reality show presidencial terá novo capítulo no sábado 14, em Washington, quando o Exército completa 250 anos e Trump, 79. Mais uma oportunidade de ostentar poder, com desfile de tanques, aviões e milhares de soldados na rua. ■



QUE NOVATA, QUE NADA

Quando **CLARA MONEKE** foi anunciada protagonista de *Dona de Mim*, a trama global das 7, houve certo espanto, dada sua rápida ascensão televisiva. A primeira incursão da atriz de 26 anos nas telas deu-se apenas em 2023, em folhetim da mesma autora, Rosane Svartman. Clara explica por que custou tanto a encarar a TV: “Simplesmente não gostava. Vim do teatro, tenho forte relação com o tablado, adoro aquela adrenalina”, conta ela, dizendo-se agora mais à vontade no seu novo meio. Com o sucesso da novela, que já encosta na audiência de *Vale Tudo*, a quase novata envereda por fala engajada. “É a oportunidade de contar histórias de um Brasil em que eu acredito. A gente precisa cada vez mais de exemplos de mulheres que vencem”, afirma a intérprete de Leona, que começa a trabalhar de babá após um trauma do passado e, tal como ela, briga para se firmar na carreira.



INSTAGRAM @CLARAMONEKE

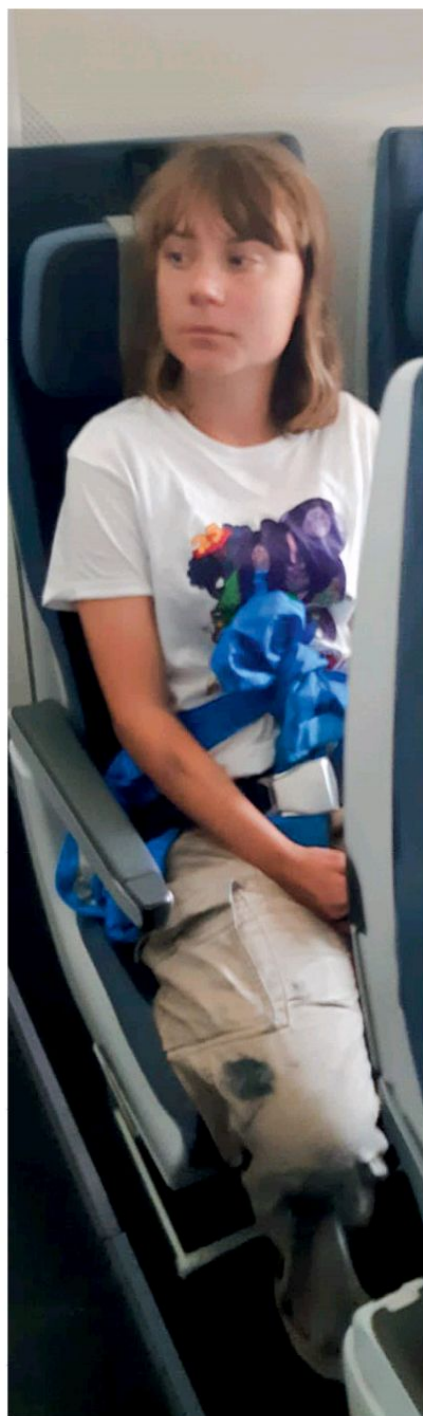
NA MIRA WOKE

Nos anos 1990, poucas personagens eram tão conhecidas na TV quanto a Carrie Bradshaw da série *Sex and the City*, vivida por **SARAH JESSICA PARKER**, símbolo do afortunado estilo de vida nova-iorquino. Naquela época, a geração Z estava apenas engatinhando, tal qual o universo das redes, que agora deram de apontar o dedo para Carrie – tudo com aquela fúria de quem está pronto para



AEON/IGC IMAGES/BETTY IMAGES

cancelar alguém. A razão seria o fato de ela ser “tóxica”, disseminadora de padrões de beleza e de consumo que por nada sobrevivem ao filtro do politicamente correto. Aí a própria Sarah, hoje com 60 anos, entrou em cena para tentar se livrar do carimbo woke. “Carrie é uma anti-heroína moderna. Prefiro essa descrição a qualquer outra, porque permite que mulheres sejam tão masculinas quanto os homens já foram”, pronunciou-se. Suas jovens detratoras, porém, não se sensibilizaram e seguem a toda, na terrível roda do cancelamento.



X @ISRAEL FOREIGN M N STRY

UM RETORNO INDIGESTO

Quando o barco Madleen zarpou do sul da Itália rumo à Faixa de Gaza, a sueca **GRETA THUNBERG**, 22 anos, e outros dez tripulantes, incluindo o brasileiro Thiago Ávila, 38, já sabiam que seria quase impossível romper o bloqueio israelense à entrada de ajuda humanitária no enclave. Era missão perigosa. “Estamos preparados para o pior”, disse Thiago a VEJA antes de o grupo ser interceptado, no domingo 8, pelas forças do país comandado por Benjamin Netanyahu. Do mar aberto, foram levados a solo só para aguardar deportação. Teriam sido forçados, no meio-tempo, a assistir a um vídeo com os ataques do Hamas no fatídico 7 de outubro, numa espécie de catequese. Autoridades locais debocharam da empreitada, apelidando a embarcação de “iate da selfie”. Greta, que evita ao máximo andar de avião por razões ambientais, precisou cruzar os céus do Oriente Médio para retornar à Suécia. Ao menos um motivo ela tinha para desfranzir o cenho: a tragédia humanitária em Gaza voltou com tudo aos holofotes.



ENTRE MARTÍNIS E TERAPIA

Não é de hoje que pipocam rumores sobre a conturbada relação entre **JUSTIN BIEBER**, 31 anos, e **HAILEY**, 28, embalada por muita intriga e fofoca. O casal, que prefere silenciar (ou quase) sobre a vida a dois, tem dado lá munição, e não é pouca, aos que torcem contra. A cada nova postagem, seja dele, seja dela, a desarmonia fica evidente. Enquanto a influenciadora dispara publicações de biquíni em cenários praianos, toda sorrisos em meio a noites glamourosas e fazendo propaganda de sua linha de cuidados com a pele, recém-vendida por 1 bilhão de dólares, o cantor parece mergulhado em fase bem mais introspectiva, permeada de profundas reflexões. “Cansado de relacionamentos transacionais. Se eu tenho que fazer algo para ser amado, isso não é amor”, desabafou. Hailey não perdeu o pique, mas soltou uma frase que fornece uma pista da situação. “Martínis de limão e terapia o verão inteiro”, escreveu.



FAZENDO HISTÓRIA

Há pouco mais de uma década, ao fazer uma leitura de seu livro em badalada livraria de Londres, **BERNARDINE EVARISTO**, 66 anos, contou nos dedos as pessoas na plateia: seis. Ficou sabendo depois que eram moradores de rua que haviam aparecido por lá em busca de um lugar para pernoitar. Pois sua vida sofreu uma reviravolta daquelas. A escritora britânica acabou de faturar duas das mais relevantes láureas europeias – o Booker Prize e o Prêmio Feminino do Reino Unido. Este último lhe rendeu mais de 700 000 reais, os quais ela anunciou que doará a um projeto de apoio a escritores novatos. “Sinto que posso aproveitar os sucessos, mas sem guardá-los para mim”, diz, do alto da fama, a criadora de romances recheados de personagens negras e não binárias. Sua projeção foi tamanha que ultrapassou mais uma barreira ao se tornar a primeira mulher negra a presidir a prestigiada Royal Society of Literature e a segunda representante da ala feminina por lá em dois séculos. ■

DONOS DO TEMPO

Uma legião de brasileiros com mais de 50 anos esbanja mente e corpo sãos e atitudes desafiadoras para derrubar rótulos e preconceitos contra o avançar da idade

VALÉRIA FRANÇA E LIGIA MORAES



Em uma das obras clássicas da literatura mundial, *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, publicada em 1726, o envelhecimento e a imortalidade são a maldição de um grupo, os *struldbuggs*. No livro, eles nascem com uma pinta vermelha na testa, que os diferencia dos reles mortais, mas não dispõem do privilégio de permanecerem jovens para sempre. Seu organismo se desgasta continuamente, até que, aos 80 anos, quando perdem a capacidade mental, são exilados na ilha de Luggnagg. Guardadas as devidas proporções ficcionais, na vida real o destino dos mais velhos não foi tão diferente durante séculos. Salvo uma ou outra exceção, o degredo da aposentadoria sempre pairou no horizonte. Mas, com o avanço da medicina e do autocuidado, nos últimos anos há uma autêntica revolução. Hoje, idosos ativos e saudáveis disputam espaço com os mais jovens no mercado de trabalho, nas academias de ginástica e nos espaços culturais. A força corporal, somada a outros fatores demográficos, está alterando a pirâmide etária no Brasil: o grupo de cidadãos acima

QUE BELEZA!

A dentista é firme na batalha contra os desmanches do envelhecimento. Além de usar a indústria da beleza a seu favor, corre todos os dias. Não tem vergonha da idade. Pelo contrário. “Não me troco por nenhuma outra mulher mais jovem”, diz a paulistana, que se casou de novo em maio.

Maria Beatris, 64 anos

dos 64 anos mais que dobrou em quatro décadas, enquanto o número de crianças e adolescentes caiu pela metade. É uma transformação relativamente rápida, em comparação com a de nações europeias, e que põe em evidência um grande contingente de público maduro que vive mais e melhor, tem dinheiro no bolso, boa formação e não quer mais se submeter a rótulos e estigmas. Sim, eles são os donos de seu tempo.

Para combater inimigos etários como a natural perda muscular e a queda dos hormônios, essa crescente parcela da sociedade zela pelo corpo e pela mente e não abre mão do trabalho e dos prazeres da vida — com viagens e sexo incluídos no pacote. Em poucas palavras, eles estão redefinindo a ideia de aposentadoria, uma etapa da existência que demarcava o rumo à velhice. “A etimologia da palavra já tem um grande peso, pois significa o retorno ao aposento, onde moram a inatividade e a morte”, diz o consultor Edson Moraes, mestre em ciência do envelhecimento. Historicamente, a longevidade sempre esteve associada à falta de dignidade, propósito e vitalidade, apesar do desejo inerente do ser humano de querer viver sempre mais. E isso se intensificou com a consolidação da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, quando o indivíduo passou a ser valorizado pela sua capacidade produtiva. A linhagem deu lugar ao sobrenome empresarial. Deixar de produzir, nesse contexto, seria o mesmo que ser condenado à ilha de Luggnagg das peripécias de Gulliver. A aposentadoria, portanto, se tornava o reduto daqueles aniquilados pela idade, que perdem o direito de voz,



CLAUDIO GATTI

QUE DEDICAÇÃO!

Hilda faz musculação três vezes por semana, sempre com sorriso no rosto. Resultado: postura ereta e mobilidade perfeita. Nem sonha com bengala. Recentemente, foi morar com a filha, porque a família se preocupava com tanta independência. Quando mudou, ficou mais feliz. Na verdade, andava se sentindo meio solitária. Agora segue na ativa – e paparicada.

Hilda Abrão, 98 anos

convívio e até propriedade. É diante dessa visão de vida e mundo que o público maduro de hoje vem se rebelando mais intensamente na última década.

No período, a presença de gente com mais de 60 anos no mercado de trabalho decolou 63%, pelas contas do IBGE. Nessa altura da vida, com filhos criados e maior segurança financeira — ao menos para uma fatia dos brasileiros —, os idosos que não se sentem idosos se sentem livres para arriscar e aventurar-se. Foi nesse cenário de novas possibilidades que o funcionário público aposentado Edson Visockas, de 62 anos, decidiu mudar de profissão. Para a surpresa da família, fez um curso de formação para trabalhar como instrutor de paraquedismo. Era um desejo que guardava havia mais de dez anos, mas que não tinha realizado para não desagradar a esposa, mãe e filha. Veio então o divórcio, o que facilitou a virada de chave. Ele buscava outra ocupação para completar a renda da aposentadoria, mas não queria encarar algo burocrático. “Trabalho desde os 12 anos, não dava para ficar parado, porque o corpo padece”, diz o instrutor, que atua em Boituva, meca desse esporte no interior paulista. Pular de um avião a 12 000 pés de altura, em queda livre a 200 quilômetros por hora, é, aliás, uma ideia que seduz o público sênior. Na escola Skydive, de Boituva, dois de cada dez alunos têm mais de 60 anos. Há duas décadas, era raro encontrar gente com essa idade saltando.

Além da mudança de comportamento, nessa fase da vida há melhores condições para gastos com lazer do que na faixa dos



QUE FÔLEGO!

Depois dos 60, Nivaldo resolveu largar o sedentarismo e ter uma vida mais saudável. Começou pela caminhada, avançou na corrida e hoje chegou a provas de Ironman. “Ninguém acreditava que conseguiria correr 78 quilômetros, mas venci e, quando acabou a prova, fui para um churrasco”, diverte-se.

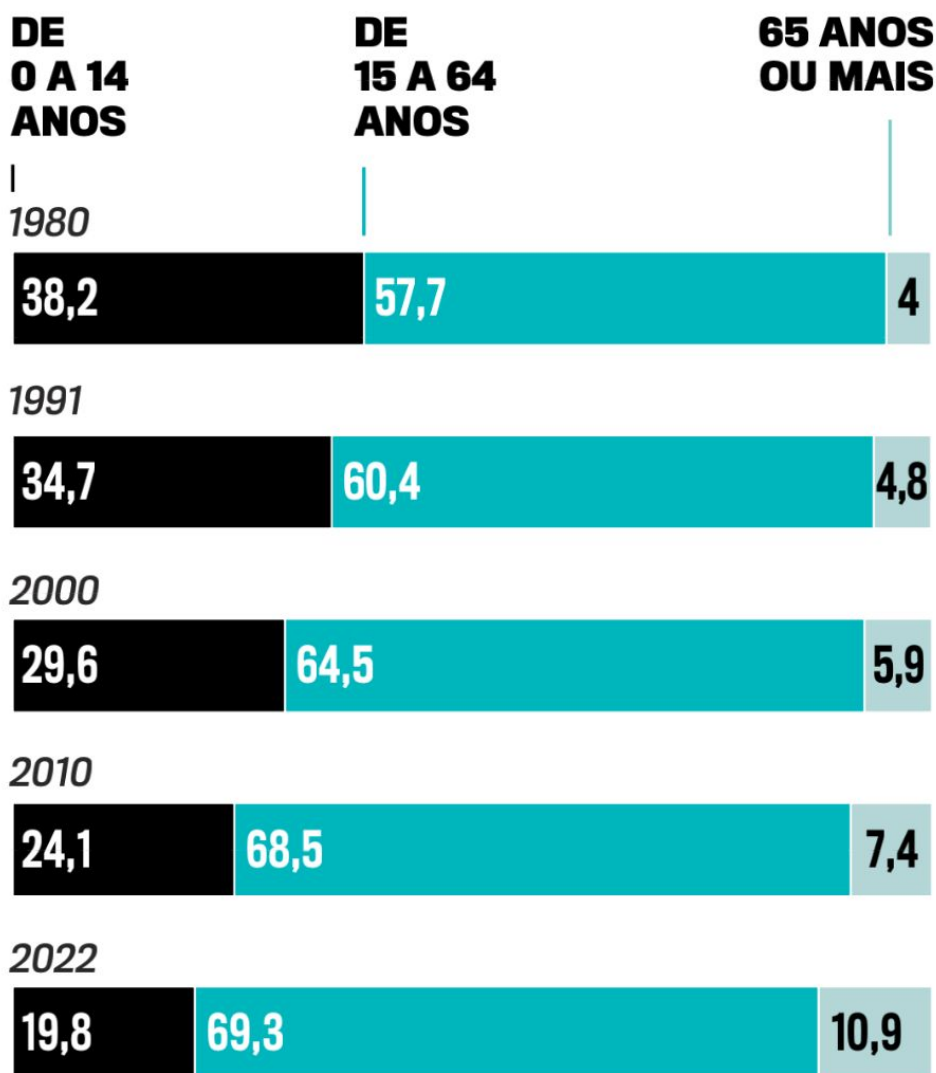
Nivaldo Galvão, 78 anos

30 aos 50, quando é preciso pagar escola, faculdade e carro novo para o filho. Para se ter uma noção do investimento em diversão, um salto de paraquedas custa mais de 500 reais, e um curso completo ultrapassa os 5 000 reais. Pois é, uma pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) aponta que 41% dos consumidores grisalhos gastam mais com produtos de desejo do que com necessidades básicas, e a maioria (66%) considera uma prioridade aproveitar a vida. Dinheiro, de fato, eles têm. Pessoas com mais de 65 anos representam 17% dos 5% mais ricos do Brasil, segundo cálculo da Fundação Getúlio Vargas. Não à toa, os “novos velhos” estão se tornando os queridinhos da chamada economia prateada, mercado responsável por movimentar 1,7 trilhão de reais por ano. As projeções indicam que esse montante deve chegar a 3 trilhões em 2030, quando o país passará a ter a quinta maior população de idosos do planeta.

Fora o investimento de cidadãos e empresas nos cuidados com a saúde, algo reforçado pela presença das doenças crônicas, mais comuns com o envelhecimento, há um pujante aumento dos serviços direcionados a estética, bem-estar e lazer nesse momento de vida. Espaços que já foram exclusivos de jovens sarados, as tradicionais academias hoje possuem programas específicos para os clientes maduros. É o caso da Bio Ritmo, que tem plano com ioga, pilates e reeducação postural, entre outras atividades para aumentar a força e o desempenho físico no cotidiano. “As academias de elite hoje possuem mais cabeças brancas do que jovens”, diz o personal trainer Gilson Lima, que atende principalmente alunos acima de 60 anos. Sua

O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Por grupos etários, em porcentagem do total



Fonte: IBGE/Censo Demográfico

pupila mais velha, Hilda Abrão, tem 98. É lúcida, aplicada e se diverte puxando ferro. “Faço para continuar andando sem precisar de bengala”, conta. “Eu sento e levanto do sofá rapidamente, sem esforço, porque faço agachamentos orientados pelo professor, três vezes na semana.” A musculação é considerada uma atividade crucial nesse período, quando tanto a densidade óssea como a massa muscular tendem a decair. O movimento também é um antídoto contra a solidão e o declínio mental.

A paulistana Hilda não está só nessa cruzada para não perder a vitalidade. O médico japonês Nobolo Mori, de 101 anos, joga golfe todos os dias em Mogi das Cruzes (SP), cidade onde passou a maior parte de sua vida. Fundador do Hospital e Maternidade Ipiranga, ele parou de trabalhar durante a pandemia, porque estava dentro do grupo de risco para covid. A partir daí, passou a se dedicar às tacadas no gramado. Recentemente, Nobolo foi homenageado pela antropóloga Mirian Goldenberg, autora do livro *Coroas: Corpo, Envelhecimento, Casamento e Infidelidade* (Record). A cerimônia teve como objetivo mostrar para a sociedade que é possível, sim, passar dos 100 sem abrir mão da saúde e da felicidade. “É a primeira vez na história que vemos bisavós casando e namorando”, diz a professora aposentada da UFRJ.

Não só: é a primeira vez que idosos cuidam de pessoas ainda mais velhas do que eles. Apesar de toda a autonomia do golfista, que mora sozinho, o filho, o médico Sidnei Mori, de 70 anos, supervisiona a casa e as empregadas para que não lhe falte nada. Mori visivelmente se inspira nos passos do pai.



INSTAGRAM @PATIPONTALTI

QUE CAUSA!

Jornalista e influenciadora das mulheres com mais de 45 anos, a gaúcha é uma das vozes mais ativas nas redes sociais contra o etarismo. Conectada com o mundo da moda, acredita que a roupa é uma ferramenta de autoestima e não uma prisão etária. Seu lema é: “Cada um veste o que quer, independentemente da idade”.

Pati Pontalti, 51 anos

Está na quarta profissão. Começou como ortopedista, migrou para a administração hospitalar, depois passou a empreender no ramo e atualmente é assessor de investimentos. Também colabora na Secretaria da Longevidade da prefeitura de Mogi das Cruzes. “Para manter o pique, faço aulas de crossfit todos os dias e mantenho uma alimentação à base de verduras, frutas e peixes”, relata.

A vida esportiva passa a ser ainda mais importante para quem resolve parar de trabalhar. A atividade resgata a autoestima e integra o indivíduo em um círculo social, que durante uma vida longa, muitas vezes, se perde. Primeiro, porque os amigos tomam outros rumos ou morrem. Segundo, porque a rotina e os interesses mudam. O empreendedor Nivaldo Galvão, de 78 anos, só deixou o sedentarismo quando virou um sexagenário. Na época, vendeu as empresas para se dedicar aos cuidados com a esposa, que tem um transtorno psíquico, e o cunhado, portador de necessidades especiais, que foi morar com a família. “Comecei a caminhar todos os dias para melhorar a saúde.” Da caminhada para a corrida foi um pulo. No início deste ano, ele participou do Ironman, prova extremamente difícil, onde correu 78 quilômetros pela costa do litoral norte paulista. “Dentro do esporte, um velho como eu é respeitado e admirado por pessoas bem mais jovens”, diz ele, que não nega convites para festas, chopes e churrascos.

Para as mulheres, o avançar da idade ainda traz o desafio das pressões estéticas e sociais. E isso é algo que a dentista Maria Beatris Rocha, de 64 anos, busca contornar, se preciso lançando



QUE HOBBY!

Nem a pandemia de covid-19 tirou o médico japonês de cena. Na época, como estava no grupo de risco, parou de trabalhar, mas trocou o consultório pelo campo de golfe. Joga todos os dias para se manter firme, ter contato com a natureza e encontrar os amigos. Segue morando sozinho – e nem imagina largar os gramados.

Nobolo Mori, 101 anos



QUE CORAGEM!

Funcionário público, ele se aposentou antes dos 50, mas precisou complementar a renda. Queria uma atividade que lhe desse liberdade e prazer. Então virou instrutor de paraquedismo, especializado em salto duplo. Hoje, tem até uma aluna nonagenária, que foi com a família saltar em Boituva (SP).

Edson Visockas, 62 anos

mão de procedimentos modernos. Para evitar as rugas e manter a firmeza do rosto, já colocou fios de ouro, fez preenchimentos e aplicações de Botox. Para manter o corpão, repõe hormônios, toma vitaminas e corre no Parque Ibirapuera. Seu objetivo? Envelhecer com beleza e dignidade. A jornalista gaúcha Pati Pontalti, de 51, é outra que esbanja autoestima, tanto que postou um vídeo nas redes sociais questionando: “Quem disse que mulher não pode usar biquíni acima dos 50?” Pati está na envelhecimento, época que antecede a velhice e vai dos 45 aos 60, e defende que a moda, com muito ou pouco pano, é coisa de gente madura.

Apesar de todos os progressos recentes, é natural que existam desafios à vista. Por um lado, os idosos controlam cada vez mais as rédeas de seu destino; por outro, viverão em estruturas familiares cada vez mais enxutas e às sombras de um sistema previdenciário sem fôlego. “Estamos diante de uma encruzilhada cultural, social e econômica, e tudo vai depender de como cada um vai se preparar para ela”, diz a historiadora Mary Del Priore, autora do recém-lançado *Uma História da Velhice no Brasil* (Vestígio). Ao menos ir para o exílio de Luggnagg não é mais uma opção. ■



PATROCÍNIO

REDE DOR SulAmérica

ILUSÃO À VISTA

A denúncia dos “cafés fake” – produtos que se passam pelos autênticos, mas não atendem aos requisitos da categoria – acende o alerta para uma série de alimentos que induzem o consumidor ao engano **PAULA FELIX**



DÚVIDA Produtos no limbo: nem tudo é adulterado, mas vende-se gato por lebre

NEM TUDO o que parece é: eis uma máxima que tem se tornado cada vez mais verdadeira e preocupante nas gôndolas dos supermercados. Não há exemplo mais fresco dessa constatação do que o café. Ou melhor, os pós que simulam uma das bebidas mais apreciadas e inflacionadas entre os brasileiros — popularmente chamados de “cafake”. Por irregularidades na composição do produto, algumas marcas foram notificadas por órgãos regulatórios e pelo próprio Ministério da Agricultura e Pecuária e começaram a ser recolhidas das prateleiras. Outras, mesmo em conformidade com o padrão estabelecido,



PÓ PARA PREPARO DE BEBIDA SAVOR CAFÉ TRADICIONAL
CONTÉM AROMATIZANTE SINTÉTICO IDÊNTICO AO NATURAL.

VARIAÇÃO “Preparo de bebida
sabor café”: atenção na embalagem

ficam em uma espécie de limbo e levam os consumidores ao erro. São preparos “sabor café”, sem a quantidade e a qualidade exigidas para os grãos torrados e moídos. O fenômeno não se restringe às xícaras que inauguram toda manhã. Abrange azeites, requeijões, iogurtes...

Para separar o joio do trigo, cabe esclarecer que um produto similar e mais barato não é sinônimo de algo adulterado. A recente caçada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a marcas de pó sabor café partiu de inspeções que identificaram matéria-prima contaminada, impurezas e menções no rótulo sobre ingrediente que não estava presente. No caso do azeite, o problema era a origem desconhecida por falta de registro na Receita Federal. Essas análises são fundamentais para manter o controle de qualidade e garantir que a população consuma alimentos seguros mesmo quando optar por produtos mais acessíveis. “No molho de tomate, por exemplo, é permitido ter resíduos, inclusive resquícios derivados de animais, mas tem um limite. Há indústrias que utilizam ingredientes que não deveriam estar ali”, afirma a nutricionista Camille Perella, pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Os produtos contrafeitos, digamos assim, não são, a rigor, novidade. Já faz tempo, por exemplo, que misturas de óleos dividem o espaço com azeites de oliva e que compostos lácteos que imitam leite em pó estão ao lado dos legítimos. Mas eles decolaram com a alta galopante nos preços dos alimentos — muito bem representada por pacotes de

DE OLHO NO RÓTULO

Observar o nome técnico do produto ajuda a evitar compra por engano



PÓ SABOR CAFÉ

O preparo não é sinônimo de café em pó, sendo mais barato e levando consumidores ao erro

ÓLEO COMPOSTO

Parece ser azeite de oliva, mas é feito com a mistura de óleos vegetais

COMPOSTO LÁCTEO

Contém substâncias lácteas, como soro do leite, e adoçantes, diferente do leite em pó, produto da desidratação da versão líquida

XAROPE DE GLICOSE

Extraído do milho, tem aspecto de mel apenas na aparência

MISTURA LÁCTEA

CONDENSADA

Já diz na embalagem que é feita com soro de leite, leite e gordura vegetal, ao contrário do leite condensado

Fontes: Anvisa; Conaq – Universidade Federal de Santa Catarina e Idec

café de 500 gramas e garrafas de 500 mililitros de azeite na faixa dos 40 reais cada. Nessa conjuntura, o “cafake” passou a ser opção para famílias diante de um produto cujo valor aumentou 82% no acumulado anual. O problema é que os nomes e os recipientes não deixam a diferença clara ao consumidor, muitas vezes emulando marcas e versões originais. “O similar não significa que é uma fraude. O principal ponto é usar imagens e embalagens que induzem as pessoas ao engano”, diz a nutricionista Mariana Ribeiro, do Programa de Alimentação Saudável e Sustentável do Instituto de Defesa de Consumidores (Idec).

Embora tenhamos visto avanços na rotulagem — como os símbolos de lupa que atestam alta presença de sódio, açúcar e gordura —, a identificação de um similar pode exigir mais atenção. “O segredo é procurar o nome técnico do produto, uma informação nem sempre falada”, orienta Ribeiro. Em algum lugar da embalagem, será possível ler algo como “sabor café”, “à base de requeijão”, “composto”, “mistura”... Na lista de ingredientes, a recomendação é observar se há grande quantidade de itens e se eles são familiares ou refletem muitas denominações químicas. “O primeiro da lista é o que vai em maior quantidade, e se tem algo que a pessoa não sabe o que significa, provavelmente sua finalidade é atender necessidades do próprio produto e da indústria, não do nosso corpo”, diz Perella.

Por mais que a meta seja sempre propiciar aquisições mais balanceadas no mercado, há que convir que os simila-



DETALHE Azeite de oliva: original não é composto de mistura de óleos vegetais

res refletem uma demanda econômica de parcela considerável da população. “Muitos brasileiros fazem suas escolhas alimentares com base no preço. É um fator decisivo na compra”, afirma a nutricionista Lara Natacci, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (Sban). “Mas o consumidor precisa ter clareza e a indústria tem de comunicar de forma transparente o que compõe o alimento.” A questão é que, com frequência, os produtos que imitam os originais não são tão nutritivos e equilibrados, podendo pecar pela carga de gordura ou aditivos, por exemplo. Esse é um detalhe que não pode escapar da atenção quando estivermos de cara com as ofertas — sob pena de levar gato por lebre, iludir o paladar e a saúde e cair no conto do vigário. Todo o cuidado é pouco. ■

ALONGAR É PRECISO

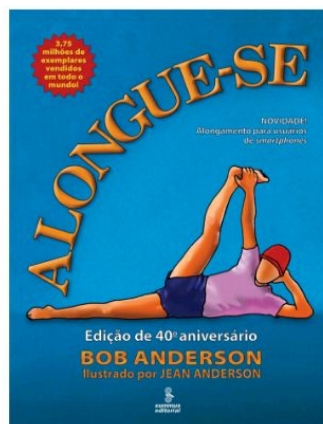
Os exercícios de flexibilidade, ignorados até por quem pratica esportes, podem fazer toda a diferença para prevenir dissabores em meio a uma vida entre telas

LUIZ PAULO SOUZA



PUXA E ESTICA Indicação: intervalos para esticar o corpo reduzem dores e facilitam movimentos rotineiros

O COMEÇO da história não é muito diferente do que acontece com um número gigantesco de pessoas. Em 1968, aos 23 anos, o americano Bob Anderson percebeu que estava bastante acima do peso e, incomodado, entrou para um programa de ginástica. O projeto deu resultado, mas, mesmo perdendo cerca de 20 quilos, ele reparou que ainda não estava 100%: faltava-lhe elasticidade para tocar a vida. Sem um manual disponível, o professor passou a se reunir com a mulher, Jean, e com amigos para realizar sessões de alongamento. Foi o movimento inicial para que ele desenvolvesse um método a fim de tornar mais acessível a prática de exercícios de flexibilidade. Anderson decidiu escrever um livro didático com uma variedade de alongamentos, devidamente ilustrados pela companheira, formada em artes. Quando a obra chegou ao público americano, o sucesso foi imediato. Alguns anos depois, *Alongue-se* tornava-se um best-seller global, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos em 24 idiomas. Agora, o guia chega ao seu 40º aniversário com uma edição atualizada e publicada no Brasil pela Summus Editorial. A principal novidade: suas páginas trazem sessões para desenferrujar o corpo na era digital.

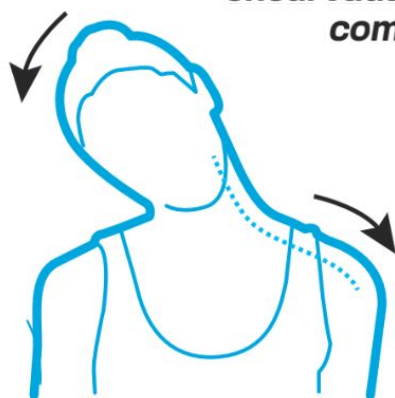


ALONGUE-SE,
de Bob Anderson
(Summus Editorial,
240 páginas, R\$ 120,80
e R\$ 72,50 o e-book)

ALÉM DA GINÁSTICA

*Três exemplos de alongamento
para quem passa o dia entre telas*

***Para evitar o “pescoço de celular”,
postura em que mantemos a nuca
encurvada para interagir
com o smartphone***



Alongamento:

deixe o
tronco parado,
movimente a
cabeça para
alongar o
pescoço

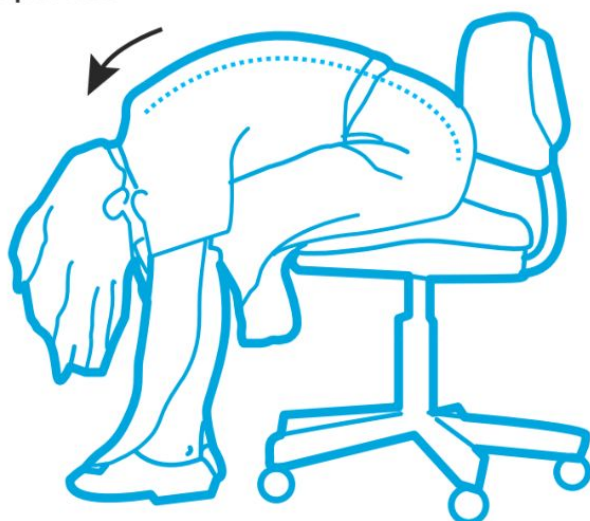
**Tempo: 5 segundos para cada lado,
duas vezes**

A proposta chega em boa hora. Enquanto os smartphones nos forçam a passar horas olhando para baixo, aumentando a tensão sobre os ombros e o pescoço, longos dias de trabalho em frente ao computador sobrecarregam as costas e as pernas. Para evitar que isso desgoverne a saúde, Anderson, que aos 80 anos mantém uma rotina de corridas e pedaladas, tem um conselho. “Se você está ficando menos flexível com o tempo, alongar-se regularmente será de grande ajuda”, disse a VEJA.

Suas recomendações são respaldadas pela ciência. As atividades físicas aeróbicas e resistidas — a base dos trei-

Para quem vive muito tempo sentado, no trabalho ou em casa

Alongamento: ainda sentado, flexione o tronco até que seja possível abraçar as pernas



Tempo: 5 segundos, duas vezes

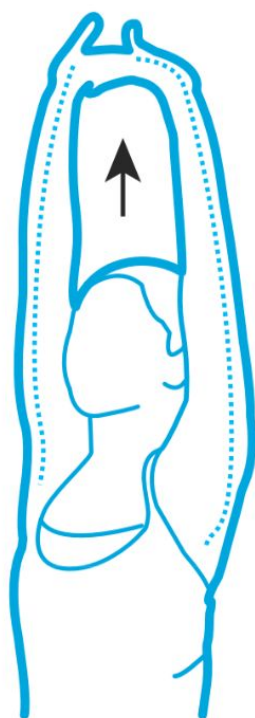
nos de academia — são ideais para trabalhar o condicionamento cardiorrespiratório e fortalecer os músculos, respectivamente. Mas, se a gente não se alonga, perde pontos na recuperação do organismo e deixa as articulações mais travadas. As práticas que visam à elasticidade corporal, aliás, não devem se restringir a esportistas. “As tensões acumuladas no dia a dia aumentam dores e limitam a funcionalidade para todos nós”, afirma o fisioterapeuta Maurício Ormachea, do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Para quem trabalha entre computadores ou passa muito tempo escrevendo

Alongamento:

com as palmas das mãos para fora, cruze os dedos acima da cabeça e estique os braços o máximo possível

Tempo: 10 segundos, duas vezes



Fonte: *Alongue-se* (Summus Editorial), de Bob Anderson

E digamos que a rotina entre telas tem contribuído para tamanha tensão, a ponto de especialistas já falarem em “pescoço de celular”, uma situação incômoda provocada pelo hábito de se encurvar para ver vídeos ou mensagens — e para a qual Anderson prescreve um exercício certo (*veja quadro*). Os alongamentos também ganham relevância à medida que envelhecemos: com o avanço da idade, é natural que as juntas fiquem menos lubrificadas, um processo que é acelerado pelo sedentarismo. Essa é uma das principais causas de dores e fraquezas, que limitam ou atrapalham gestos



PESCOÇO DE CELULAR Hábito moderno: postura prejudica até os jovens

banais no cotidiano, como pegar um objeto que caiu no chão ou alcançar um prato no armário.

Para não travar, os especialistas recomendam doses diárias de alongamento. “Se o movimento das articulações for melhor, concluir qualquer tarefa será mais fácil”, diz Claudio Gil Araújo, diretor de pesquisa da Clínica de Medicina do Exercício (Clinimex) do Rio de Janeiro. Uma pesquisa conduzida pelo seu grupo com centenas de pacientes demonstrou que a flexibilidade está diretamente associada a um maior tempo de vida pela frente. Convém reservar até 20 minutos por dia, de preferência pela manhã, para espichar o corpo todo, e incluir alongamentos nos intervalos no trabalho ou em casa, mesmo que você parcele as áreas do corpo mobilizadas — braços, pernas, pescoço... É um investimento. Ao qual Anderson atribui sua disposição quase 50 anos depois de decidir seguir essa regra. ■

ORDEM NA AREIA

Um novo decreto que impõe regras básicas em praias cariocas, tal qual se começa a ver em outros cantos do país, é medida salutar para o convívio em sociedade

ANITA PRADO E VALENTINA ROCHA

FABIO COSTA/SEOP



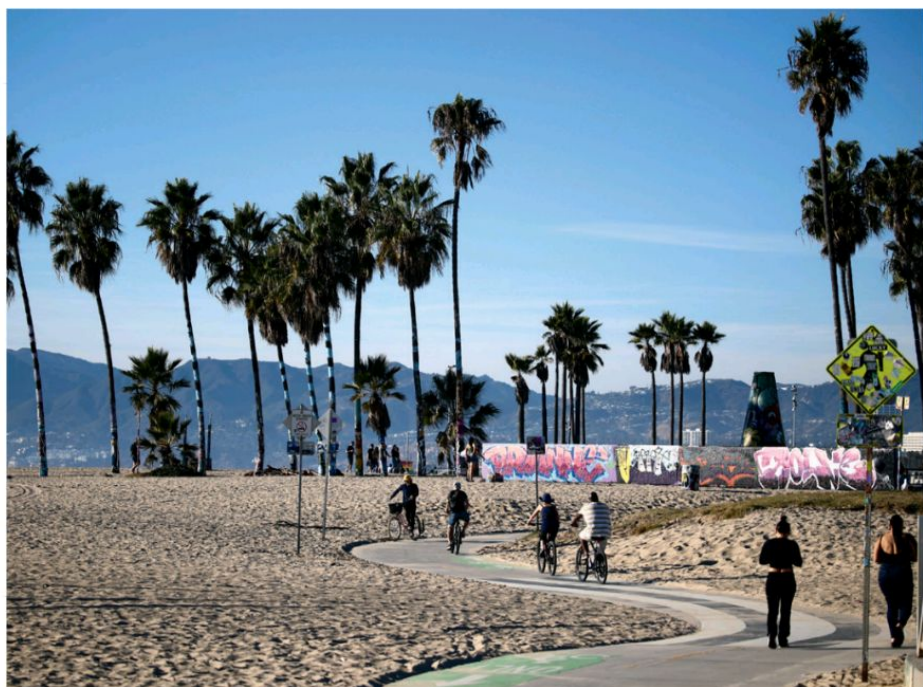
VALENTINA ROCHA

DOMINGO DE SOL

Copacabana: agentes da prefeitura tentam fazer valer a lei, mas a carrocinha no Calçadão (à esq.) mostra quão duro é

NA GENEROSA faixa de areia em frente ao Copacabana Palace, o centenário hotel à beira-mar, dois vendedores — um de queijo coalho, outro de camarão — disputavam a atenção de um grupo de banhistas acomodados em cadeiras de praia na ensolarada quarta-feira, 28 de maio. Um deles embalava o bem-bom com um funk que saía de uma potente caixa de som, fazendo-se audível por todo aquele pedaço. Havia ali, claro, gente que preferia refestelar-se ao sol sem trilha sonora. Drinks em garrafas de vidro ajudavam a imprimir colorido à paisagem. A cena, bastante usual, chamava atenção por se desenrolar exata uma semana após o prefeito Eduardo Paes (PSD) baixar um decreto de ordenamento da orla carioca, produto de muita negociação com os comerciantes locais, que lutaram quanto puderam para não ter podados direitos informalmente adquiridos na extensão de 56 quilômetros onde, por tradição, impõem as próprias regras.

Pois mesmo com a salutar iniciativa de organizar o belo cartão-postal, a incursão da reportagem de VEJA em Copacabana revelou três infrações logo na largada: venda de comida no espeto e líquidos em recipientes de vidro, além do som portátil. Muitas das medidas contidas no decreto já existiam em legislações separadas anteriores, mas nunca foram efetivamente obedecidas pelo conjunto da sociedade. Uma das novidades do pacote agora apresentado é a padronização das tendas, para não poluir o horizonte, e a proibição de patinetes e bicicletas no fa-



JAKUB PORZYCKI/PHOTOPI/IMAGETUS

EXEMPLO Califórnia: locais regidos por um conjunto de regras desde 1980

moso Calçadão — este um enrosco à parte, já que as pessoas resistem em aceitar a ideia de estacionar seu meio de transporte em local em que a vista não alcança, alegando perigo de furto. “Deixa a bicicleta elétrica aí! Que absurdo”, queixava-se uma multidão no domingo, 1º de junho, quando os guardas a removiam de lugar indevido. Em inaceitável inversão de papéis, os agentes, acuados, explicavam à turma do deixa-disso que estavam lá tão somente para fazer valer a lei.

Não é apenas no Rio de Janeiro que tanto comerciantes como banhistas se sentem lesados com decretos do gêne-

ro, apesar de o pacote se voltar para um convívio mais harmonioso e civilizado. Em Salvador, na famosa Porto da Barra, uma imagem da areia tomada por cadeiras de barraqueiros em profusão, lotação que não deixava espaço livre para mais ninguém, viralizou a ponto de o prefeito Bruno Reis (União Brasil) entrar em campo e estabelecer regras para os vendedores que se apossavam daquele quinhão de areia. Em represália, a praia amanheceu sem um único comerciante. Eles logo regressaram sob as novas normas. E o panorama melhorou. Em outras capitais onde se tem tentado demarcar limites nas praias, como João Pessoa e Natal, também houve certa resistência, mas aos poucos a lei vem se fazendo cumprir, um dia após o outro. No Rio, comerciantes, em protesto, chegaram a bloquear duas faixas da Avenida Atlântica. No primeiro domingo de decreto em vigor, 26 barraqueiros foram autuados, com multas que alcançam os 5 000 reais e, em casos extremos, podem custar a licença.

A prefeitura carioca reconhece quão difícil é monitorar tamanha área com tanta gente concentrada. “Não dá para colocar um agente de olho em cada comportamento inadequado. Por isso, apostamos em punições severas para quem insiste no erro”, afirma Brenno Carnevale, secretário municipal de Ordem Pública, que escuta muita reclamação em relação às ações de fiscalização. “As pessoas pedem ordem, mas, quando ela chega, começam a defender a desordem”, afirma. Uma desconfiança em relação à

solidez das regras e à punição diante de seu descumprimento é, no olhar de especialistas, uma característica que remete às raízes brasileiras. E isso se torna ainda mais exacerbado em um terreno tão livre quanto a praia. “Estamos em uma sociedade que vê as leis de forma flexível — às vezes elas valem, outras não — e não sabe exatamente quando acatá-las”, observa o antropólogo Bernardo Conde. Para ele, está aí uma noção distorcida do direito de ir e vir. “Na praia, naturalizamos a ideia de que o espaço é livre, sem nos darmos conta de que cada um ali tem um interesse diferente. Na prática, se todos seguirem as normas, teremos ainda mais liberdade”, diz.

A tentativa de fincar limites em zonas praianas é questão universal. Em 2023, Portugal aprovou uma das mais severas legislações da Europa contra a poluição sonora em áreas costeiras — por lá, 100% da chamada “atividade sonora” foi banida. O castigo para infratores é salgado: 24 000 reais para cidadãos comuns e quase 200 000 para o comércio à beira-mar. Para reforçar a vigilância, a mexicana Cancún decidiu monitorar vendedores empregando inclusive drones e, assim, coibir a informalidade, que acaba por subtrair recursos do caixa público em toda parte. No Rio, o esforço embutido no atual pacote também mira oficializar os vários negócios que germinam na areia e fazê-los pagar a Taxa de Uso de Área Pública.

Pioneira na elaboração de leis para a orla, nos anos 1980, Los Angeles, na Califórnia, veta som amplificado

sem licença, instalação de grandes estruturas e armazenamento de itens após o horário definido. As regras são aplicadas com rigor, sobretudo em pontos turísticos coadunados de gente, como Venice Beach — e muito bem informadas a moradores e turistas por meio de sinalização a cada trecho de areia. No Rio, a reportagem de VEJA percebeu que pesam ainda muitas dúvidas sobre o que pode e o que não pode à beira-mar, especialmente entre forasteiros. “Sou de Recife. Lá usamos caixinhas de som e os ambulantes vendem espetinhos normalmente. Nem sabia dessas novas leis daqui”, dizia a turista Fabiana Moraes. A bem-sucedida experiência de organizar paisagens praianas mundo afora indica que o caminho para a população digerir regras como essas às vezes é vagaroso, porém contínuo, sempre que há persistência. A praia assim fica mais legal sob todos os pontos de vista e todo mundo sai ganhando. ■

EM RITMO DE AVENTURA

O cicloturismo virou um mercado bilionário em todo o mundo e aos poucos vai ganhando espaço também no Brasil, apesar dos evidentes obstáculos **NATALIA TIEMI HANADA**



ISTOCK/GETTY IMAGES

MÃO NA RODA De elétrica nos Alpes suíços: a beleza da natureza como ímã de uma modalidade mais barata e saudável

DE MÃOS DADAS com os humores de hoje, de zelo pelo ambiente e permanente cuidado com as mudanças climáticas, há uma modalidade de viagem que não para de crescer: o cicloturismo. Some-se a esse cardápio de preocupações uma evidência — é bom exercício, faz bem para a saúde. Em 2024, o mercado global da atividade sobre duas rodas foi estimado em 139,54 bilhões de dólares, com projeção de 339,54 bilhões dentro de uma década. É expansão animadora, óleo para uma engrenagem pronta para atrair várias pontas: os fabricantes, sem dúvida, especialmente os de modelos elétricos, que crescem e aparecem — na Alemanha, por exemplo, já representam 32% do total de vendas —, além de agências e da rede hoteleira.

Na Europa, virou febre, responsável pela metade do faturamento do negócio. No Japão, idem, com hospedagens elegantes adaptadas para receber as bikes até mesmo dentro dos quartos. No Brasil, sem estatística confiável, o cenário ainda é modesto, mas de evidente janela de crescimento. Em 2022, o Ministério do Turismo criou um grupo técnico para o desenvolvimento e a melhora da infraestrutura das rotas. Há, agora, um mapa de constante atualização, com ao menos dezenove trilhas bem sinalizadas. É pouco ainda, mas brota otimismo.

Um dos lugares mais procurados para os passeios de bicicleta é o Vale Europeu, em Santa Catarina, a primeira rota oficial do país, inaugurada em 2006. Há outras opções, como o também catarinense Circuito das Araucárias e a Rota



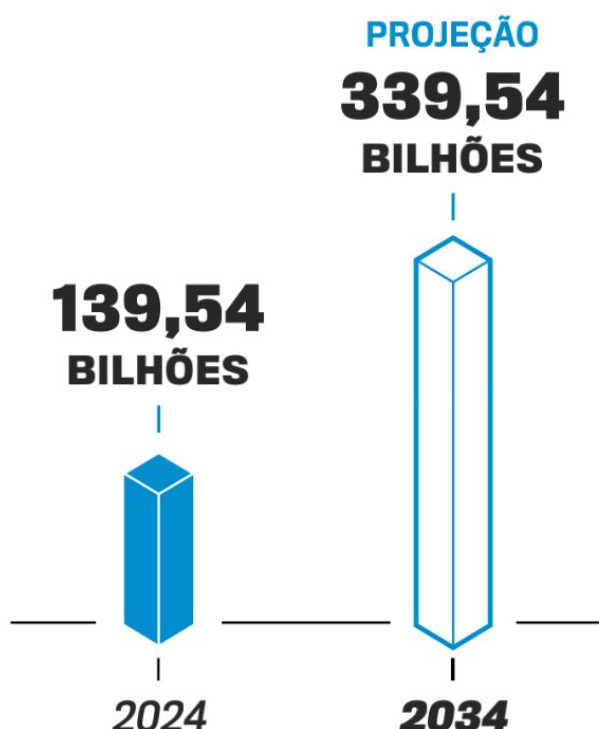
ESTÍMULO Circuito das Araucárias, em Santa Catarina:
adversidades naturais

do Vulcão, em Minas Gerais. A diversidade do território brasileiro é um diferencial no roteiro de quem pratica a modalidade e tem a oportunidade de explorar regiões de diferentes paisagens e variados interesses. A travessia denominada Caminho da Fé, que vai de Tambaú até Aparecida do Norte, em São Paulo, recebeu em 2024 31% a mais de aventureiros em relação ao ano anterior. “A pessoa faz o trajeto para pagar uma promessa ou como desafio pessoal”, diz Denis Gomes, dono da especializada MTB Cicloturismo.

O crescimento, contudo, exige cuidado. Os problemas na infraestrutura do Brasil para receber os cicloturistas saltam aos olhos. “Demorei para achar hospedagem para mim e para a equipe que me acompanhava na Rota Bahia–Minas”,

PELO MUNDO

Mercado sobre duas rodas vem crescendo em nível global (em dólares)



10 604 **QUILÔMETROS**
DE TRILHAS SINALIZADAS
PARA CAMINHANTES E/OU
CICLISTAS NO BRASIL



EXCLUSIVIDADE Hotel no Japão: um espacinho especial para elas também

disse Gomes. Dito de outro modo: há uma janela de oportunidade, em movimento que os países da Europa rapidamente intuíram. Trata-se de uma modalidade de excursão rica, por unir dois polos: o de quem sonha com paisagens de tirar o fôlego, como as dos Alpes, e o dos valentes em busca de desafios pessoais, em caminhos de difícil acesso, escaladas e desfiladeiros — além, é claro e infelizmente, da burocracia de trechos brasileiros abandonados. Programe-se, porque sair por aí pedalando é agradável, mais barato e inesquecível, apesar das dificuldades. Vale então sublinhar uma frase de Albert Einstein: “Viver é como andar de bicicleta. É preciso estar em constante movimento para manter o equilíbrio”. Fica a dica. ■

BOLA DIVIDIDA

A Copa do Mundo de Clubes, que era para ser um evento gigante, nasce sob o signo da incerteza, embebida dos conflitos globais e da guerra por dinheiro no futebol **NATALIA TIEMI HANADA E CAIO SAAD**



EUROPEUS O PSG, vencedor da
Champions League: favorito ao título

FEZ SUCESSO, no início dos anos 2000, e ainda hoje, em sucessivas edições, o livro *Como o Futebol Explica o Mundo*, do escritor americano Franklin Foer. Descobre-se, ao longo do volume, como os conflitos do cotidiano alimentam o esporte mais popular do planeta. Dito de outro modo, em conhecida frase do ex-treinador italiano Arrigo Sacchi, de quem o atual técnico da seleção brasileira, Carlo Ancelotti, foi auxiliar entre 1992 e 1994: “O futebol é a coisa mais importante entre as coisas menos importantes”.

É o que veremos, com pompa e circunstância, na Copa do Mundo de Clubes, de 14 de junho a 13 de julho, nos Estados Unidos. Do torneio participarão 32 clubes, divididos em oito grupos (*veja no quadro ao lado*), entre eles os brasileiros Botafogo, Fluminense, Palmeiras e Flamengo, vencedores das quatro últimas edições da Libertadores da América. É o primeiro torneio da Fifa em molde tão grandioso, ensaio geral para medir a força dos times nos corações e mentes na comparação com o interesse pelas seleções — no Brasil, de uns tempos para cá, é mais fácil ver meninas e meninos com a camisa do PSG e do Barcelona do que com a canarinho pentacampeã. Contudo — eis o futebol explicando o mundo, como nas páginas de Foer — a largada foi ruim. Em decorrência da briga tarifária de Donald Trump contra países como o México, de admiradores da bola, o volume de ingressos vendidos ficou muito abaixo do esperado. Para a partida de estreia, entre a Inter Miami de Lionel Messi e o Al-Ahly, do Egito, estimava-se

lotar os 65 000 lugares do Hard Rock Stadium, na Flórida. Que nada. Apenas 20 000 lugares foram negociados. A solução: o valor do tíquete médio despencou 30%, e segue caindo. Para a finalíssima, em Nova Jersey, houve redução de 890 dólares, em ponto nobre, para 300 dólares.

A baixíssima procura tem tripla razão: o sumiço dos imigrantes, especialmente os latinos mexicanos, e haja lenha na fogueira com os conflitos de Los Angeles (*leia na*

A FORÇA DE CADA UM

A Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) estabelece o ranking mundial de clubes — a partir da colocação de cada uma das 32 equipes é possível saber quais são os grupos teoricamente mais difíceis (em pontos do rol no mês de maio)

GRUPO A



AL-AHLY SC
226



INTER MIAMI CF
92,25



PALMEIRAS
256



PORTO
182

TOTAL DO
GRUPO

756,25

GRUPO B



ATLÉTICO DE MADRI
324



BOTAFOGO
303



PARIS SAINT-GERMAIN
342



SEATTLE SOUNDERS
69,5

1038,5

reportagem “Tropa na rua”); a dificuldade de entrar nos Estados Unidos, dada a severidade para emissão de vistos; e a real falta de interesse dos americanos com a modalidade que eles chamam de soccer. Houve uma chance de popularizá-lo em 1994, na Copa vencida pelo Brasil de Romário, e espera-se bom humor na Copa do ano que vem, compartilhada com México e Canadá. Por ora, no entanto, impera a frieza. Realizar o atual campeonato de clubes em território americano seria um modo de esquentar os ânimos para 2026 tomando emprestada a paixão da juventude por times, e não por nações. Longe imaginar que a Fifa tenha abandonado a ideia das Copas, não — mas a ideia é inaugurar uma outra galinha dos ovos de ouro a cada qua-

GRUPO C



AUCKLAND CITY
84



BAYERN DE MUNIQUE
342



BENFICA
252



BOCA JUNIORS
182

860

GRUPO D



CHELSEA
289



ESPÉRANCE
110



FLAMENGO
299



LOS ANGELES FC
106,5

804,5



DESAFIO O Botafogo, campeão da Libertadores: quatro brasileiros no torneio

GRUPO E



INTERNAZIONALE
390



MONTERREY
88



RIVER PLATE
242



URAWA RED DIAMONDS
56,5

776,5

GRUPO F



BORUSSIA DORTMUND
333



FLUMINENSE
205



MAMELODI SUNDOWNS
117,25



ULSAN HD
88,75

744

tro anos, em biênios intercalados. O nome do jogo: dinheiro. Um dia é possível que dê certo, mas o pontapé inicial não parece nada promissor. “Há uma janela de oportunidade de negócios para muitos clubes, especialmente os de menor visibilidade global, como os brasileiros”, diz Amir Somoggi, diretor-executivo da Sports Value, empresa de marketing esportivo. “Pode não funcionar na primeira vez da disputa, mas há futuro.”

Dá-se tímida tração, ainda, porque o torneio é vítima de uma guerra fratricida entre a Fifa do presidente Gianni Infantino e a Uefa, a entidade de associados da Europa, do esloveno Aleksander Ceferin. Os europeus reclamam porque a competição pega as equipes logo depois da Cham-

GRUPO G



AL-AIN
63,25



JUVENTUS
290



MANCHESTER CITY
269



WYDAD CASABLANCA
Não aparece na lista de 500 clubes

622,25

GRUPO H



AL-HILAL
175,75



PACHUCA
91,5



RB SALZBURG
104,5



REAL MADRID
490

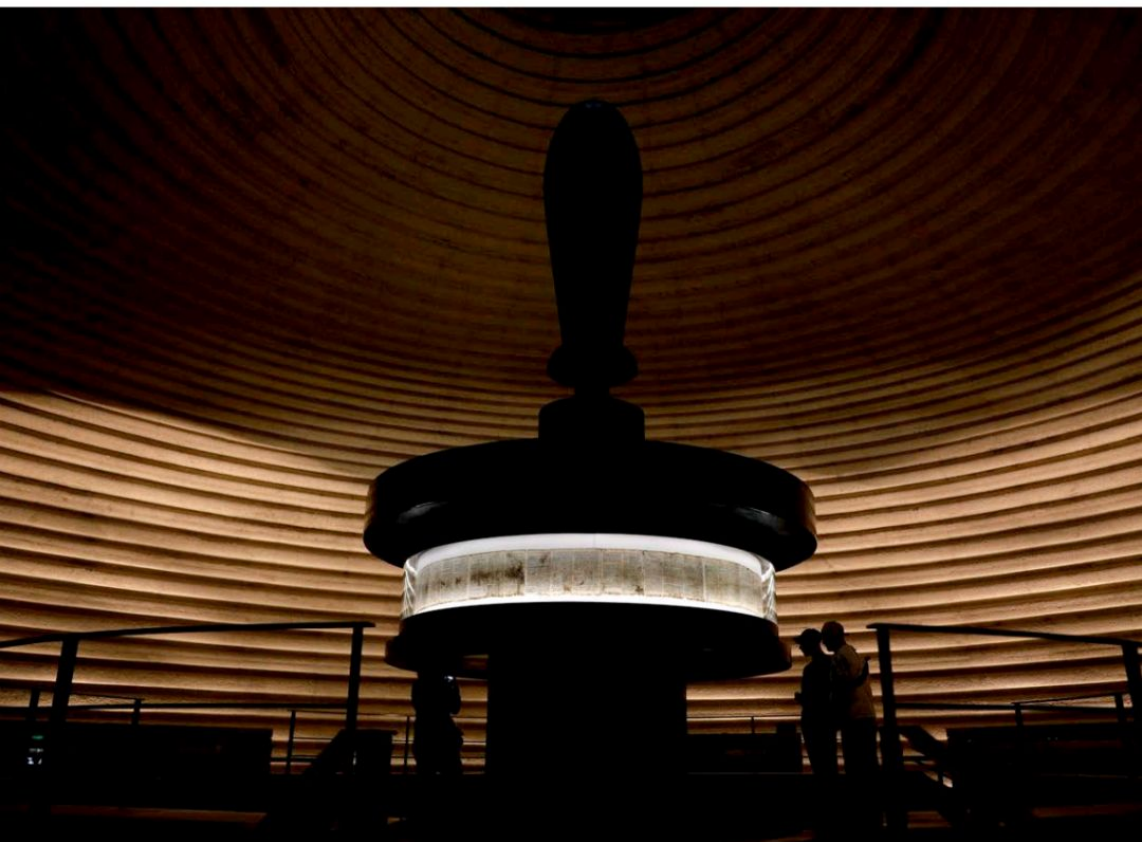
861,75

pions League, escalpeladas. A jogada da Fifa, em bola dividida: prometer, mas sem cumprir, premiações mais altas. O campeão deste junho e julho pode faturar até 125 milhões de dólares. Na Champions, o butim vai a 154 milhões. A batalha entre Infantino e Ceferin vai longe, com exageros de partidas.

Sim, alguns jogos serão muito bons, alegrarão as tardes diante da TV e internet, e especialmente para as equipes do Brasil, ir longe será imensa e genuína vitória, além do cofre recheado. Contudo, a Copa do Mundo de Clubes que era para nascer clássica e gigante é por ora uma grande e incerta aposta. Em tempo, para confundir e não explicar, como é típico da cartolagem: aquela disputa do fim de ano continua a existir: foi batizada de Copa Intercontinental. O calendário do futebol não é para amadores, em confusão que — insista-se — explica o mundo. ■

O FUTURO DO PASSADO

Ferramentas de inteligência artificial puxam para trás a datação dos *Manuscritos do Mar Morto*, atalho para nova leitura sobre a origem de grupos religiosos **LIGIA MORAES**



PERGAMINHO Os valiosos documentos: análise reescreve a vida no Oriente Médio

ENTRE 1946 E 1956, nas cavernas de Qumran, na Cisjordânia, arqueólogos descobriram quase 1 000 pergaminhos fragmentados com textos em hebraico e aramaico preservados pelo tempo. Os *Manuscritos do Mar Morto*, como ficaram conhecidos, formam a maior coleção de documentos antigos já encontrada em Israel. São fundamentais para o estudo do judaísmo, do cristianismo e da história do Oriente Médio. Parte do conjunto contém os textos bíblicos mais antigos já conhecidos; um outro bloco, cuidadosamente decifrado, reúne comentários religiosos, tratados teológicos, regras de comunidades e calendários. É um tesouro.

Apesar de sua relevância histórica, os manuscritos nunca puderam ser datados com precisão. A razão é simples: boa parte deles foi escrita em um intervalo histórico para o qual não existem textos com data conhecida que sirvam como base comparativa. É o caso do período entre o século III a.C. e o século I. Sem esse tipo de referência, a paleografia tradicional, método que analisa o estilo da caligrafia, tornou-se pouco confiável.

Há, agora, uma espetacular novidade. Um grupo internacional de pesquisadores liderado pela Universidade de Groningen, na Holanda, desenvolveu uma nova ferramenta: o Enoch, modelo de inteligência artificial (IA) que combina datação por radiocarbono e paleografia alimentada por algoritmos para oferecer estimativas mais confiáveis sobre quando cada trabalho foi produzido. O método parte de uma calibragem inicial. Um lote de manuscritos foi datado por carbono-14 — técnica que mede a proporção de carbono radioati-

ONDE E QUANDO

Os pergaminhos judaicos foram descobertos ao longo de dez anos, entre 1946 e 1956



vo presente no pergaminho, possibilitando estimar sua idade. Na sequência, o recurso de IA foi treinado para reconhecer padrões gráficos: pequenas variações no traçado das letras, nos ângulos das linhas, no uso de certos ornamentos ou nas pressões da pena. Com isso, o sistema chega a datações supostamente afinadas. “A IA não é destrutiva como o carbono-14, então podemos usá-la para aferir as relíquias sem precisar coletar novas amostras físicas”, disse a VEJA Mladen Popović, coordenador do projeto.

No primeiro teste com o Enoch, os pesquisadores analisaram 135 retalhos — uma amostra ainda pequena frente aos mais de 1 000 trechos identificados e expostos à visita em Israel e Estados Unidos. Os resultados, animadores, já apontam para revelações extraordinárias. Um par de nacos, a Regra da Comunidade e o comentário bíblico 4Q163, antes atrelados ao século I a.C., agora aparecem um pouco mais atrás, colados ao século II a.C. “É informação que pode mudar a forma como os estudiosos entendem o surgimento de ideias e movimentos daquele período”, diz Popović.

Um dos debates mais intensos da arqueologia bíblica diz respeito à origem da seita que teria produzido os manuscritos, os essênios, grupo judaico com percepções próprias sobre pureza ritual, profecias e organização da sociedade. Se os textos atribuídos a essa corrente são mais antigos, tem-se uma notícia ruidosa: o grupo teria surgido, portanto, antes de eventos como a revolta dos macabeus ou a chegada dos romanos à Judeia. Também sugere que havia uma cultura letrada mais



AOS PEDAÇOS Fragmentos: recursos atrelados a algoritmos produzem menos danos aos retalhos

consolidada na região antes mesmo dos asmonianos — dinastia judaica que governou a região no século II a.C.

Considerando-se a enorme quantidade de documentos que ainda podem ser analisados pelo mesmo método, outras novas e importantes descobertas podem surgir em um futuro breve. “O Enoch não substitui os paleógrafos humanos, é uma ferramenta, como o microscópio é para os biólogos”, diz Popovic’. Dessa forma, é possível gerar novos dados que os textos não expõem de forma explícita. Os cientistas, a partir de agora, terão ferramentas cada vez mais sofisticadas para recontar o passado de olho no futuro da civilização. As ferramentas de IA, tudo somado, são capazes também de identificar diferentes escribas em uma mesma fração, analisando padrões de caligrafia para distinguir autores anônimos. Com o Enoch nasce uma nova era, um modo de conversar com as civilizações que nos antecederam. É fascinante. ■

A BOLSA EM ALTA

A Birkin número 1, criada pela grife de luxo francesa Hermès de mãos dadas com a famosa atriz inglesa radicada na França, vai a leilão em Paris como ícone de um tempo **SIMONE BLANES**

INSPIRAÇÃO

Jane Birkin:
musa inspiradora
do objeto mais
desejado e
valioso do
mundo fashion



AS MELHORES histórias são as que soam inverossímeis, mas de tão interessantes vivem como certezas. Uma delas: em 1984, a atriz britânica radicada na França Jane Birkin viajava de Paris para Londres em um voo da Air France. Levada da classe turística para a primeira por cortesia da companhia aérea, a estrela do cinema e sua filha Charlotte, então com 13 anos, foram colocadas ao lado do presidente da marca de luxo Hermès, o refinado Jean-Louis Dumas. Ele ficou impressionado com o péssimo estado da bolsa da vizinha, com objetos caindo no chão, como se voassem: carteira, chaves, cartões de visita, lenços, cigarros, óculos... Do lamento e do espanto brotou a ideia de um objeto que fosse grande mas estiloso, volumoso e a um só tempo discreto.

Teria nascido ali um ícone pop. O protótipo original, criado em 1985 e apresentado à atriz pouco tempo depois, será levado a leilão no início de julho pela Sotheby's, em Paris. Não há estimativa de preço final, por ser um exemplar único e indizível, mas há quem aposte em pelo menos 1 milhão de dólares, até mais. É um totem sem tabu. A começar pelo tamanho, com cerca de 35 centímetros de altura e pouco menos de 40 centímetros de largura. As alças, o zíper interno e o negro escuríssimo compõem a beleza da peça. “É um fenômeno cultural, um marco temporal, o luxo simbolizado da maneira mais refina-

ÚNICA O cobiçado exemplar original: as marcas dos anos fazem seu valor incalculável

ças, o zíper interno e o negro escuríssimo compõem a beleza da peça. “É um fenômeno cultural, um marco temporal, o luxo simbolizado da maneira mais refina-

da possível”, disse Morgane Halimi, chefe global de bolsas e moda da tradicionalíssima casa de leilões.

Jane Birkin tinha mais de uma bolsa Hermès com seu nome, cinco ao todo, e costumava dizer a quem perguntasse se estava usando a original ou não. Era seu acessório favorito, a ponto de carregá-lo a tiracolo em todas as ocasiões. Não por acaso, o exemplar que será leiloado agora traz as adoráveis marcas de muitos anos de uso, a exemplo das iniciais do nome (JB) um tanto puídas e traços dos adesivos que a atriz colava em apoio a organizações como Médicos Sem Fronteiras e Unicef. Uma curiosidade que pode mexer com a sensibilidade e o bom humor de potenciais compradores: ainda é possível levar na compra o cortador de unhas que a beldade mantinha pendurado em uma das alças.

O desaparego veio em 1994, quando ela pôs aquela número 1 à venda em um leilão com renda revertida para ajudar doentes de aids. Depois disso, a bolsa virou peça de museu e foi exibida em ao menos duas exposições, em Nova York, em 2017, e Londres, em 2020. “Adquirir a primeira Birkin da Hermès era um sonho como colecionadora”, disse Catherine Benier, que arrematou o exemplar em 2000, sem fazer grande publicidade, e agora decidiu vendê-lo novamente. “Uma coleção só vale a pena se for compartilhada.”

É ideia bonita e generosa, simpático raio de luz a iluminar um retrato do final do século XX. A bolsa de Jane

Birkin, imitada, copiada, virou registro do bem viver e da elegância cautelosa em filmes e obras de arte, e também pelas ruas do mundo, é claro. É item essencial no tapete vermelho de festivais, objeto constante nas revistas de moda e produto cobiçado no guarda-roupa de celebridades, artistas e estilistas. Estrelas como Kim Kardashian, dona do exemplar mais caro, o Himalayan Crocodile Birkin, avaliado em 2 milhões de reais, e Victoria Beckham, ávida colecionadora dessas relíquias modernas, que não saem por menos de 30 000 reais e só são vendidas a clientes fiéis da Hermès, são agentes de longa permanência no universo fashion. É fenômeno tão, mas tão marcante, que é tema de um episódio da série *Sex and the City*, de 2001, que incluía a célebre frase: “Não é uma bolsa, é uma Birkin”. ■



PALCOS DE MUDANÇA

As reflexões do futuro nas exposições universais

O QUE TÊM EM COMUM o sorvete de casquinha, a Torre Eiffel e o parque da Ciutadella em Barcelona? O fio pode não ser tão visível, mas existe: os três foram apresentados ao mundo em uma Exposição Universal. Nos próximos dias, vou visitar a edição atual, em Osaka, e me pergunto quais maravilhas me esperam no Japão. Desde a primeira vez que diversos países se reuniram para mostrar os prodígios da indústria — em Londres, em 1851 —, as exposições universais funcionam como uma grande vitrine da tecnologia.

Mesmo que, hoje, novas descobertas surjam diariamente e sejam comunicadas em tempo real pela internet, essa aura ainda envolve as exposições, e todos aguardam ver, ao vivo ou no noticiário, o brilho do engenho humano.

É improvável que, hoje, algum inventor espere cinco anos para exibir numa “expo” algo tão revolucionário ao cotidiano como uma escada rolante — assim como o telefone, o elevador e a máquina de raios X, só para ficar em alguns exemplos que foram apresentados em edições que aconteceram entre os séculos XIX e XX. Contudo, as exposições vêm se ocupando de dilemas complexos, como a vida nas cidades e as relações entre a natureza e a tecno-

logia. Nelas, os países se empenham em pôr ciência e cultura a serviço de grandes desafios.

Neste momento, em Osaka, mais de 150 países se reúnem sob o tema “Projetando a sociedade futura para nossas vidas”. Estão em pauta questões que muito me interessam, como a saúde planetária, o envelhecimento populacional e a alimentação. Neste último ponto, aliás, as exposições têm um currículo respeitável. Não penso apenas na casquinha do sorvete mencionada no início do texto. Esta, na verdade, nasceu na Exposição Universal de St. Louis, em 1904, por obra do acaso: um vendedor de sorvetes se viu sem taças e pediu ajuda a um sírio que vendia wafers ao seu lado, que resolveu o problema moldando a massa em forma de cone.

Muito além de iguarias, porém, as expos popularizaram a comida enlatada, os avanços da pasteurização e as

**“Os países se
empenham em
pôr ciência e cultura
a serviço dos
grandes desafios”**

máquinas de gelo, por exemplo. Em 2015, a Expo de Milão dedicou-se inteiramente à sustentabilidade, ao escolher o tema “Alimentando o planeta, energia para a vida”. Startups de vários países apresentaram protótipos de carne cultivada e alimentos produzidos por impressão 3D, tecnologias que hoje começam a sair dos laboratórios. E se o açaí se popularizou na Europa na última década, em parte é porque ali o Brasil o apresentou como superalimento. Hoje, no Japão, são exibidas embalagens com sensores que detectam deterioração, pacotes comestíveis e métodos de conservação de alimentos com energia solar.

As exposições também deixam um legado nas cidades. A Torre Eiffel é a prova mais cintilante disso, mas não a única. Investimentos em transporte e lazer, pensando na afluência de turistas, são legados desses eventos de massa.

Claro que nem tudo é celebração. A Exposição de 1937, em Paris, revelou os horrores do bombardeio de Guernica através da obra de Picasso. Pois, se queremos falar do mundo como um todo, aparecem também as tensões.

Exposições universais são mais que gabinetes de curiosidades, são palcos para a mudança. Elas nos convocam a percorrer o retrato do planeta desenhado em seus pavilhões — e, assim, nos fazem estar presentes para refletir sobre o futuro. ■





A MÚSICA É A MINHA VIDA

O pianista João Carlos Martins, 84, fala da luta contra um câncer no momento em que dá novo passo na carreira



FUI PEGO DE SURPRESA quando recebi o diagnóstico de câncer de próstata durante exames de rotina. Era março deste ano, e faltava menos de um mês para o concerto que faria no Carnegie Hall, em Nova York, o último que planejei para me despedir do circuito internacional. Foi devastador. Já passei por 31 cirurgias ao longo da vida. Me habituei a saltar do abismo e sempre segui adiante, me adaptando às circunstâncias. Certa vez, fiz uma exibição ao piano em Berlim com uma apendicite grave. Acabou o show e fui me operar. O pior veio aos 22 anos, quando notei movimentos involuntários repetitivos. O diagnóstico: distonia focal do músico, um problema neurológico semelhante ao Parkinson e sem cura. Para continuar a tocar, recorri a um estimulador cerebral que me ajudou a conter os sintomas — um

procedimento complexo. Aprendi a viver, nas últimas seis décadas, com dores e desconfortos. Nesse tempo, precisei interromper duas vezes a carreira e, para tentar driblar o cérebro, passei a usar as mãos em posições diferentes. Vinte anos atrás, virei maestro.

Ao saber do câncer, decidi me submeter imediatamente à cirurgia. Felizmente, correu tudo bem — o tumor estava removido. Mas o pós-operatório foi penoso. E eu precisava ficar bem o quanto antes. Não queria abrir mão daquela última apresentação para a qual estava me preparando havia tempos. Quando a situação parecia resolvida, contraí um vírus que causou uma tosse terrível, dois dias antes do aguardado Carnegie Hall. Mas deu tudo certo. Comecei o concerto regendo uma peça de Bach, que considero fantástica, e engatei com duas obras monumentais de Villa-Lobos. Na segunda etapa, quis mostrar a importância de compositores de formação clássica que migraram para o popular, mas acabaram se tornando clássicos mesmo. Em dado momento, toquei piano com luvas biônicas que facilitam a movimentação dos dedos (*na foto*) — de Tom Jobim a Piazzolla.

Estou fazendo uma transição em minha carreira, mais uma. Como maestro, estreei aos 63 anos e agora, com 84, me dedico cada vez mais à educação musical. Meu pai era apaixonado por música e sempre teve o sonho de ser pianista profissional, transmitindo o interesse aos filhos. Aos 8 anos, comecei a tocar e, aos 10, já tinha em meu repertório algumas das peças mais importantes de Bach. Foquei toda a minha vida na música e hoje sinto

que é preciso passar para a frente o que aprendi. Será mais uma página em minha história, voltada para o legado que pretendo deixar. Nesses anos, desenvolvi uma metodologia que já começou a ser aplicada pontualmente e, em 2026, se estenderá a diversas escolas do Brasil. A ideia é que a música seja apresentada às crianças de forma leve, como uma brincadeira, para que gostem de verdade dela. Não quero que meninos e meninas a vejam como obrigação. Meu objetivo é colocar as canções em outro patamar para essa garotada — o grande sonho de Villa-Lobos. Agora, com saúde, estou pronto.

Em minha despedida internacional, em Nova York, o mais emocionante foi quando as 3 000 pessoas ali presentes me aplaudiram de pé. Isso antes mesmo de eu ter tocado uma única nota. Senti uma tremenda responsabilidade. Tenho uma trajetória de muitas adversidades em relação à minha condição física. Mas aprendi a vê-las como algo superável. Para mim, os problemas para valer são de outra ordem, a das doenças do espírito. E delas estou livre, no que a música tem um papel essencial. Mais do que salvar, ela deixa claro que Deus existe. Meu derradeiro concerto, não por acaso, foi batizado de *Music Always Wins*, no sentido de reafirmar que a música vence e supera qualquer coisa. Depois dos 80, enfrentar uma anestesia geral em um procedimento tão delicado me trouxe medo, claro. Que bom que passei por essa. O prêmio foi ter realizado o melhor concerto da minha vida. ■

Depoimento a Valentina Rocha



OUSADA Isadora Cruz como a mocinha que entra para o bando em *Guerreiros do Sol*: em busca de voz e propósito

MUITO ALÉM DE LAMPIÃO

Novo folhetim do Globoplay, *Guerreiros do Sol* reforça uma safra de produções que trazem para o streaming o universo do cangaço, agora visto pelo prisma de mulheres com fibra (e dignidade)

KELLY MIYASHIRO

Durante um tiroteio intenso entre o bando de cangaceiros liderado por Josué (Thomas Aquino) e o fazendeiro Idálio (Daniel de Oliveira) e seus cangas, Rosa (Isadora Cruz) pega um revólver e mata o enteado a sangue-frio, dando início à própria jornada como uma pistoleira que passa a ser procurada pela polícia junto com o grupo. O motivo que levou a protagonista de *Guerreiros do Sol* a cometer o assassinato ainda será revelado ao público ao longo dos 45 capítulos da novela que revisita o cangaço pela perspectiva da anti-heroína inspirada em Maria Bonita (1911-1938), esposa de Lampião (1898-1938). O lançamento que acaba de chegar ao Globoplay reforça uma tendência notável: as produções sobre o cangaço voltaram à ordem do dia com o streaming — e sob nova roupagem. Além de resgatar o rastro trágico de violência desses bandidos sertanejos romantizados com sucesso no cinema e na televisão nas últimas décadas, *Guerreiros do Sol* e séries como *Maria e o Cangaço*, do Disney+, e *Cangaço Novo*, do Prime Video, trazem um diferencial extra ao investigar esse universo por um prisma mais feminino e humanizado.

No passado, é fato, outras obras também iluminaram a bravura das mulheres naquele ambiente sumamente masculino. É o caso do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha, que tinha sua própria Rosa (Yoná Magalhães), esposa submissa de um jagunço que se revela resiliente. Também marcou época o documentário *A Mulher no*



CABRAS Miguel (Nero) e Josué (Aquino): novo retrato de figuras complexas

Cangaço (1976), que trazia a realidade de algumas figuras femininas que integraram o bando de Lampião — com a mítica Maria Bonita, esposa dele, em primeiríssimo plano, claro. A nova leva de produções avança algumas casas no retrato da mulher do cangaço: mais que mostrar a capacidade delas de andar lado a lado com homens violentos, transportam-nas agora de meras coadjuvantes a protagonistas — e os dramas da condição feminina ganham realce em cena.

Centralizada na célebre esposa de Lampião, *Maria e o Cangaço* confere uma aura de empoderamento típica dos dias de hoje à personagem histórica real do começo do século XX. Há um tanto de anacronismo em falar de feminismo num mundo de machismo feroz como aquele, obviamente,



HERANÇA Alice Carvalho (à dir.) em *Cangaço Novo*:
visões de Maria Bonita

mas a protagonista vivida por Isis Valverde até convence: ela é uma líder disposta a defender outras mulheres de abuso e ainda se descobre grávida do cangaceiro (vivido por Julio Andrade), contrapondo a imagem da “mulher-macho”, destemida e com gana de justiceira, à da mãe devotada a proteger sua prole. As nuances de gênero também dão colorido a *Cangaço Novo*, que transpõe o tema para o Nordeste contemporâneo, falando de pistoleiros que ainda causam terror no sertão na atualidade. A bandida Dinorah (Alice Carvalho) sofre para ser levada a sério em sua quadrilha, mostrando como até hoje a mulher precisa ralar muito para conseguir se impor em meio a uma cambada de marmanjos folgados. Lançada em 2023, a série foi uma das produções



NADA FRÁGIL Isis Valverde como a mulher de Lampião:
bandida empoderada

mais vistas do Prime Video não só no Brasil, mas em outros cinquenta países, segundo o site FlixPatrol.

Da literatura às telas, o cangaço sempre teve apelo popular por ser um equivalente brasileiro, digamos, do faroeste americano: um filão que seduz ao mesclar ação com dramas morais e familiares épicos. Apesar de esses grupos serem famosos na vida real sertaneja por roubos, assassinatos e estupro, também eram vistos como resistência ao coronelismo de latifundiários que aumentavam suas riquezas explorando os mais pobres. Vem desse paradoxo a complexidade de figuras como Lampião e Maria Bonita, vistos como criminosos por uns, mas como heróis por outros. “O cangaço expõe as contradições do Brasil não só da década de 1920 e 1930

como o de hoje também. Por isso ainda causa fascínio no público”, explica George Moura, criador da nova aposta do Globoplay e do canal Globoplay Novelas (antigo Viva), ao lado de Sergio Goldenberg.

Em sua encarnação na era do streaming, o gênero ganha um teor mais adulto: as novas séries proporcionam uma liberdade criativa maior, além de ousar bastante nas cenas de nudez e violência gráfica — e até mesmo explorar o romance entre mulheres, como o que será visto entre Otília (Alice Carvalho) e Jânia (Alinne Moraes) em *Guerreiros do Sol*. Se a novela *Cordel Encantado* (2011), outra investida da Globo no gênero, pintava um retrato pueril do cangaço por meio de uma história de amor açucarada, o novo folhetim tempera sua trama brutal com toques de melodrama para amolecer o coração do público. No começo da novela, Rosa se mostra uma jovem prática. Mesmo apaixonada por Josué, a mocinha opta por se casar com o coronel Elói (José de Abreu), homem mais velho que pode lhe garantir segurança financeira — o que lhe parece melhor do que se envolver com o então aspirante a cangaceiro que só busca vingar a morte de seu pai, em uma emboscada armada pelo coronel. Ao longo da história, porém, Rosa se vê forçada a uma guinada dramática. “Ela é dona de si”, disse sua intérprete, Isadora Cruz, a VEJA (leia na pág. ao lado). Em alta na Globo, a atriz paraibana demonstra em *Guerreiros do Sol* como a representação das mulheres no cangaço evoluiu muito. Lampião que nos desculpe, mas são elas agora que fazem a história. ■



AMOR BANDIDO

Rosa e
Josué: par
romântico
em meio ao
cangaço

“SEMPRE QUIS VIVER MARIA BONITA”

A atriz Isadora Cruz, paraibana de 27 anos, fala sobre sua personagem na novela *Guerreiros do Sol*.

O que mais a atraiu ao papel de Rosa? Como uma mulher nordestina, sempre cresci com esse sonho de viver uma Maria Bonita.

Por quê? É um papel muito icônico e que representa boa parte de mulheres sertanejas, batalhadoras, guerreiras que lutam pela própria liberdade. E a Rosa é forte, independente, dona de si.

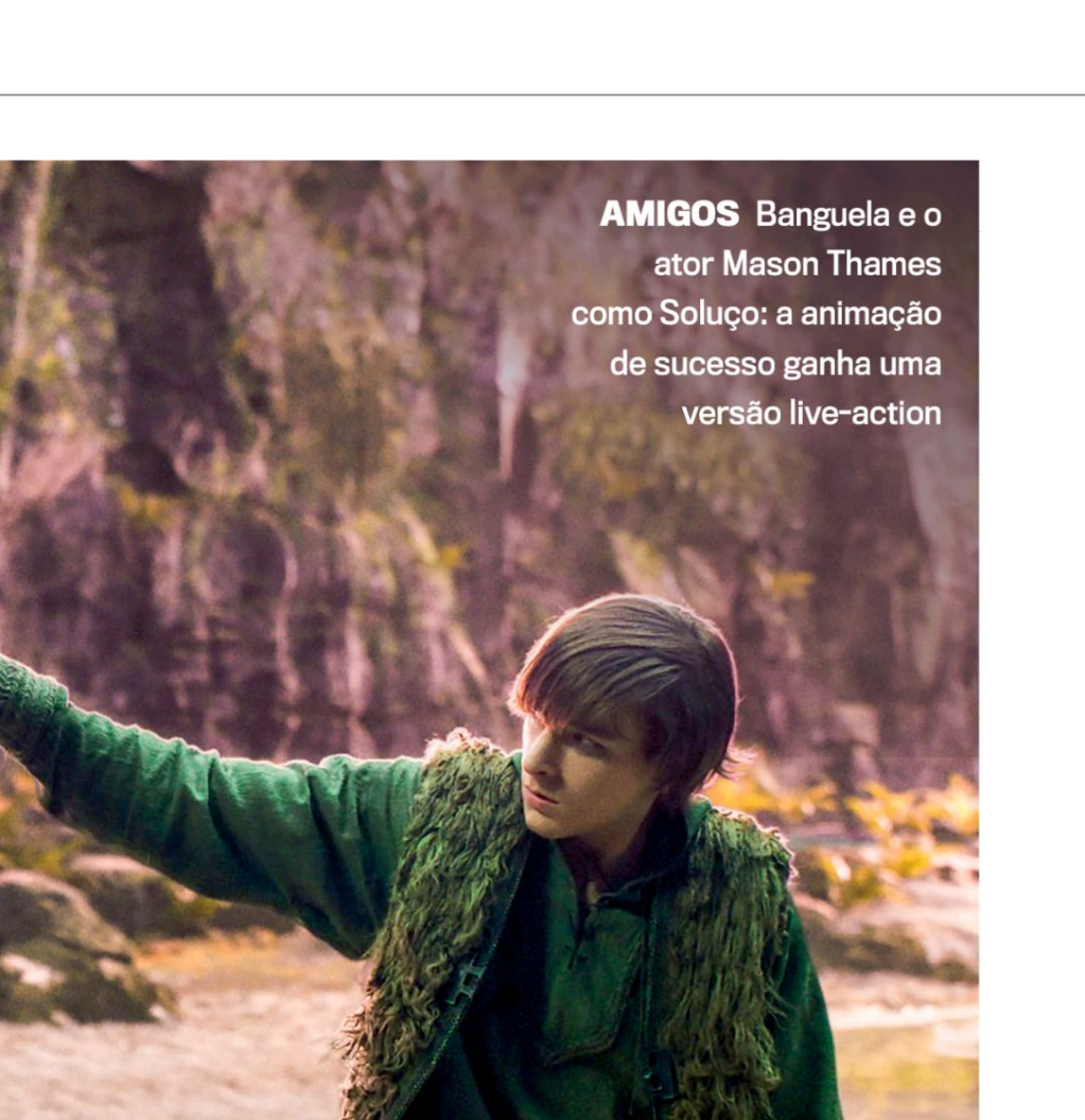
A novela traz uma perspectiva feminina do cangaço.

Por que isso é importante? Quando se pensa numa história sobre cangaço, a primeira imagem que vem à cabeça é a dos bandos de homens. Acho que *Guerreiros* é um sinal positivo dos novos tempos, da necessidade de dar um novo olhar sobre as coisas.



POUSO SEGURO

Agora com atores de carne e osso (e feras computadorizadas), a saga *Como Treinar o Seu Dragão* amplia seu império bilionário com um filme que não ousa, mas encanta velhos e novos fãs



AMIGOS Banguela e o ator Mason Thames como Soluço: a animação de sucesso ganha uma versão live-action

OS TEMIDOS dragões são velhos inimigos da aldeia viking da Ilha de Berk, onde até as crianças aprendem desde cedo técnicas para matar os seres alados — lição que Soluço, um rapaz de 15 anos, não consegue assimilar. Sem aptidão para a violência, o jovem magrinho tenta enfrentar uma dessas feras, mas acaba se afeiçoando ao bicho, que ganha dele o singelo nome de Banguela. A trama

sobre família, identidade e tolerância embala o adorável filme *Como Treinar o Seu Dragão* (*How to Train Your Dragon*, Estados Unidos e Reino Unido, 2025), já em cartaz nos cinemas. Agora em versão live-action, a adaptação com atores de carne e osso — e dragões computadorizados de aparência realista (dentro dos limites da fantasia, claro) — integra a já enorme pilha de títulos da franquia. Originada nos livros infantis da autora inglesa Cressida Cowell, em 2003, e retratada em uma popular trilogia de animação iniciada em 2010, que soma 1,6 bilhão de dólares em bilheteria, a saga conta também com séries animadas de TV, curtas, peça de teatro e videogames.

Ao entrar na onda dos live-actions, a trama da DreamWorks segue os passos da concorrente Disney, que só neste ano apostou no gênero em versões de *Branca de Neve*, que foi um fracasso, e *Lilo & Stitch*, um sucesso estrondoso que beira 800 milhões de dólares em bilheteria. A Disney já tem encaminhada uma adaptação de *Moana* para o ano que vem, e planos de fazer o mesmo com tramas como *Enrolados*, sobre a princesa Rapunzel, e *Hércules*, baseado no herói grego.

Esse cinema de clima déjà-vu está longe de parar, e a razão é simples: para além da busca por bilheteria, remakes servem para manter girando o motor inesgotável da famigerada indústria de brinquedos e produtos licenciados. Se tiver uma figura fofa, como Banguela ou Stitch, melhor ainda. Um ano antes da estreia de *Lilo & Stitch*, a

Disney viu crescer em 247% a venda de produtos associados ao filme, especialmente envolvendo o monstinho azul que virou febre entre as crianças. O investimento costuma ser certo, mas, para dar certo, deve oferecer mais que um requentado do que já passou. “O maior desafio foi fazer com que o filme fosse autêntico e verdadeiro”, disse a VEJA o diretor Dean DeBlois, que conduziu as três animações e o novo longa. Com riqueza visual e uma trama que se aprofunda um pouco mais na cultura viking, a produção, orçada em 160 milhões de dólares, cativa os antigos fãs, já crescidos, e tem a meta de atrair novos admiradores da faixa infantil. Uma sequência já foi anunciada para 2027. Um pouso seguro para qualquer dragão ávido pelo lucro. ■

Bárbara Bigas

O GÊNIO TRÁGICO DO POP

A morte de Brian Wilson, líder dos Beach Boys, tira de cena um dos compositores mais seminais da história – mas para quem o sucesso foi um fardo pesado demais **FELIPE BRANCO CRUZ**



NO AUGE Wilson no estúdio, nos anos 1960: ele levou novas tonalidades musicais às paradas

EM 1965, os californianos da banda The Beach Boys dominavam as paradas com canções harmonicamente bem elaboradas, mas de letras pueris que falavam sobre surfe, garotas e celebravam o clima da ensolarada Costa Oeste dos Estados Unidos, como *Surfin' USA* e *Fun, Fun, Fun*. Foi como uma epifania, após uma viagem de LSD, que o vocalista e compositor Brian Wilson ouviu o então recém-lançado álbum dos Beatles, *Rubber Soul* — e tudo mudou. “Fiquei impressionado e, realmente, me senti desafiado a fazer um grande álbum”, disse Wilson em 2007. A partir de então, ele parou de fazer turnês e se enfurnou no estúdio com os colegas de banda, acompanhado de instrumentos não convencionais e tudo o que pudesse produzir som, desde garrafas de refrigerante até sinos de bicicleta. O resultado foi *Pet Sounds*, disco que à época foi um fracasso comercial, mas com o tempo se mostrou um dos mais geniais e influentes da história — senão a mais perfeita de todas as pérolas do pop, na visão de muitos.

Wilson — que teve sua morte anunciada na quarta-feira 11, aos 82 anos — não só havia atingido seu objetivo de fazer um grande álbum, como inovou a música pop com seus arranjos e harmonias sofisticados, além do uso pioneiro de elementos orquestrais. Uma alquimia tão singular que influenciou os próprios Beatles — com quem os Beach Boys passaram a nutrir um saboroso misto de rivalidade e rasgação de seda mútua. Paul McCartney já declarou que, sem *Pet Sounds*, o disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* jamais existiria.



SOLAR Com os amigos dos Beach Boys: a banda celebrava o surfe e a Califórnia

Ao longo da carreira, os Beach Boys venderam mais de 65 milhões de discos. No auge, logo após *Pet Sounds*, Wilson era celebrado como um dos mais inventivos músicos no estúdio. Bob Dylan chegou a dizer que o ouvido dele era tão refinado que deveria “ser doado ao Smithsonian”, em referência ao famoso museu americano. Nasceu em Inglewood, na Califórnia, a poucos quilômetros

da praia, ele formou os Beach Boys com seus irmãos Dennis e Carl Wilson, o primo Mike Love e o amigo Alan Jardine. Sem saber sobre o que escrever, compôs letras sobre o surfe, nova mania das praias na época. Curiosamente, Wilson nunca surfou: quando tentou, levou uma pancada da prancha na cabeça.

Wilson atingiu a glória musical cedo, aos 22 anos — mas o sucesso se revelou nos anos seguintes um fardo capaz de consumir seu talento e saúde mental. A vida começou a sair do prumo pouco depois do lançamento de sua obra-prima. Ainda em 1966, Wilson se jogou no consumo de LSD e, durante suas viagens psicodélicas, voltou ao estúdio com objetivo de compor outro disco. Deu tudo errado. Os meses de gravação foram repletos de excentricidades e o trabalho jamais foi lançado. Além dos problemas com drogas, Wilson nunca superou os tormentos causados por seu pai abusivo. Certa vez, como punição, Murry Wilson, que era cego de um olho, chegou a tirar sua prótese de vidro e forçou o filho a olhar para a órbita vazia. “Meu pai era violento”, disse Brian em sua autobiografia, lançada em 2016.

Após uma série de colapsos mentais, Wilson passou a se tratar com um psicoterapeuta controlador, Eugene Landy, cujos métodos pouco ortodoxos em nada colaboraram. Landy chegou, inclusive, a assumir os créditos de algumas de suas composições. Nos anos seguintes, Wilson teve uma significativa piora. Ao longo da vida, o músico falou aberta-



DOR Na maturidade: mente abalada

mente sobre seus tormentos, afirmando sofrer de transtorno esquizoafetivo, o que lhe causava alucinações e delírios. Nos anos 1990, os Beach Boys iniciaram uma série de turnês comemorativas, mas o estado de Wilson inspirava consternação. Era comum vê-lo com expressão vazia no palco. Nas entrevistas, dava declarações erráticas. A demência piorou com a morte da esposa, Melinda, em 2024: diante de seu “grande distúrbio neurocognitivo”, a Justiça americana determinou sua interdição legal. A família não revelou a causa de sua morte. Certo é que a música pop perdeu um de seus maiores e mais trágicos gênios. ■

O SORRISO DO EXTERMINADOR

Ao exibir uma deliciosa capacidade de não se levar a sério, Arnold Schwarzenegger cativa na série *Fubar*, enquanto vê os filhos seguirem seus passos

FELIPE BRANCO CRUZ



LAÇOS DE FAMÍLIA Schwarzenegger e Monica Barbaro em *Fubar*: pai e família em comédia nonsense

NUMA MISSÃO secreta, os agentes da CIA Luke Brunner (Arnold Schwarzenegger) e Emma (Monica Barbaro), que vem a ser sua filha, pegam “emprestado” com o cineasta James Cameron um submarino capaz de atingir grandes profundezas. O objetivo é evitar uma explosão em um cabo submerso na costa do Alasca que poderia desencadear uma hecatombe nuclear. No fundo do mar, um vazamento de gás dentro do submarino faz os personagens delirarem. Emma passa a ver seu pai como um brinquedo de sua infância e Luke vê a filha como uma menininha indefesa. No delírio, os dois agentes, que estão há meses brigados, finalmente se entendem e, claro, descobrem uma maneira rocambolesca de sair da situação — e salvar o país. A cena é um dos inúmeros momentos de humor nonsense que permeiam a segunda temporada da série *Fubar*, já disponível na Netflix.

O novo trabalho de Schwarzenegger é uma comédia frugal, mas que diz algo significativo sobre o astro: aos 77 anos, ele deixou de lado o perfil implacável que o consagrou nos cinemas para assumir de vez uma deliciosa capacidade de rir de si mesmo. Lá pelo final dos anos 1980 e início dos anos 90, o ator já exibia sua veia cômica em sucessos ao lado de Danny DeVito. Agora, na maturidade, aquele traquejo meio desengonçado para o humor se revela um bem valioso. No enredo de *Fubar*, Brunner finalmente vai se aposentar, mas, antes, quer se certificar de que conseguiu ensinar tudo o que sabe para a filha, para lhe passar o bastão. No meio do caminho, Greta Nelso (Carrie-Anne Moss), ex-agente da



HERDEIROS Patrick (*acima*) e Joseph: carreiras nas artes e no fisiculturismo



Stasi (a extinta polícia secreta da Alemanha Oriental) e antiga affair de Brunner, ressurgue como uma supervilã capaz de destruir o planeta — e o casamento do ex. “Estou muito feliz por fazer o que gosto, que é entreter as pessoas”, disse o astro em entrevista a VEJA (*leia mais no final da reportagem*).

Além de estar à vontade no papel, Schwarzenegger não hesita em satirizar seu próprio passado. A série faz graça com bordões de seus filmes de sucesso: a certa altura, o



INSTAGRAM @JOEBAENA

agente solta um “eu volta-rei”, frase do ciborgue assassino de *O Exterminador do Futuro* (1984). Em outro momento, seu personagem diz ser fã de seu velho parceiro Danny DeVito e debocha de seu tamanho: “Tão pequenininho que caberia dentro do meu bolso”. É impossível não notar também a ironia do enredo — que, de certa forma, reflete a atual vida do astro austríaco fora das telas. Desde que deixou de ser governador da Califórnia, em 2011, o ex-fisiculturista reviu a própria história e,

assim como seu personagem, tem refletido sobre o legado que deixará para os filhos. Em 2023, lançou o documentário *Arnold*, também na Netflix, em que fala abertamente sobre o relacionamento com os cinco filhos. Quatro deles, frutos do casamento com a ex-esposa Maria Shriver, de quem se separou após ela descobrir que o ator tinha outro filho fora do casamento, Joseph Baena, de 27 anos — que nasceu cinco dias após o caçula da família.

Curiosamente, Baena é quem mais se assemelha fisicamente ao pai e, apoiado por ele, segue os mesmos passos no fisiculturismo. Após ser assumido oficialmente por Schwarzenegger, em 2011, Joseph passou a participar de concursos e a se envolver com os negócios do pai nessa área. Nas artes, quem continua sua rota é Patrick, 31 anos. Ele ganhou destaque recentemente ao interpretar o ricoço mimado Saxon Ratliff na terceira temporada da série *The White Lotus*, com direito a uma ruidosa cena de nu frontal. “Eu fiz o mesmo em *O Exterminador do Futuro*, então não posso reclamar”, disse Schwarzenegger ao filho em um bate-papo transmitido on-line.

Ao rever a história da família no doc sobre sua vida, Arnold exorcizou ainda o tóxico passado de seu pai, Gustav, que foi um soldado nazista durante a Segunda Guerra. Na política, é aquele tipo de conservador de que se sente saudade em tempos de polarização extrema: é filiado ao Partido Republicano, o mesmo do presidente Donald Trump, mas sempre se apresentou como um político moderado e sensato. Na Califórnia, apoiou políticas de combate ao aquecimento global e também para proteger minorias. Apesar de não ter planos de voltar a se candidatar, Arnold posta constantemente vídeos em suas redes dando opiniões sobre os rumos da política nacional — e não se furta em criticar Trump. Agora, ao apostar na escapista *Fubar*, o brucutu não só reforça seu lado sensível, como dá vazão a um traço invejável: a capacidade de não se levar a sério. O exterminador nunca foi tão livre, leve e solto. ■

“SÓ VOU PARAR AO MORRER”

Arnold Schwarzenegger conta a VEJA que, aos 77 anos, não tem planos de se aposentar.

Na série, seu personagem passa o bastão para a filha. Na vida real, sente que o mesmo está ocorrendo com seus filhos? Na série, meu personagem quer se aposentar. Eu nunca vou me aposentar porque

não saberia o que fazer depois. A atuação é um hobby. Gosto também de promover os campeonatos de fisiculturismo ao redor do mundo. Quando estiver a sete palmos do chão, aí eu posso me aposentar.

Como é fazer comédia sendo um ator de filmes de ação? O segredo da comédia não é

a piada e, sim, as circunstâncias que fazem as pessoas rir, como no momento em que eu e Carrie-Anne dançamos com muitas armas. É perigoso, romântico e engraçado.



CINEMA

JUNE E JOHN

(June and John, Estados Unidos, 2025. Em cartaz no país)

John (Luke Stanton Eddy) é um solitário trabalhador de colarinho branco, cujos dias são ocupados por burocracias tediosas e tentativas frustradas de se conectar a novas pessoas em meio à frieza do mundo digital. Tudo muda quando seu caminho se cruza com o de uma jovem de madeixas coloridas no metrô. Errática e obsessiva, June (Matilda Price) o desafia a tomar qualquer caminho em nome do amor — inclusive o da contravenção à lei, ao fazer do pecado John



CASAL EXPLOSIVO

Os protagonistas de *June e John*: um par romântico nada convencional

seu cúmplice quando invade a firma dele, ameaça seu chefe, rouba dinheiro e foge com o rapaz rumo a uma vida de bandoleiros. Tendo criado *femmes fatales* excêntricas em *Nikita — Criada para Matar* (1990) e *O Quinto Elemento* (1997), o diretor francês Luc Besson transpõe o arquétipo para o mundo comum e assim concebe uma espécie de *Bonnie e Clyde* da era conectada. Para rodar a trama em 2020, no auge da pandemia, Besson decidiu captar imagens só com celulares e equipe reduzida — decisão que não só realça o turbilhão do casal, como torna os tons vibrantes e as encenações cheias de tensão mais impressionantes.

TELEVISÃO

ECHO VALLEY

(Estados Unidos, 2025. Disponível no Apple TV+)

Após um divórcio conturbado e a morte de sua amada, a criadora de cavalos Kate (Julianne Moore) está emocional e financeiramente drenada — mas o pouco que lhe resta ainda reconforta sua filha, a garota-problema Claire (Sydney Sweeney), cujo envolvimento com traficantes locais é desastroso e deságua num assassinato. Com seu amor incondicional pela rebenta, caberá à mãe desovar o corpo do criminoso morto e cobrir os rastros que comprometem a garota. No filme do diretor britânico Michael Pearce, pontas soltas e reviravoltas garantem que a virtuosa Moore e Sweeney demonstrem seu domínio do suspense.



ATSUSHI NISHIJIMA/APPLE TV+

SUSPENSE Julianne Moore e Sydney Sweeney no filme:
dores do amor de mãe



LIVRO

QUERIDA TIA,

de Valérie Perrin (tradução de Sofia Soter; Intrínseca;

496 págs.; R\$ 79,90 e R\$ 54,90 em e-book)

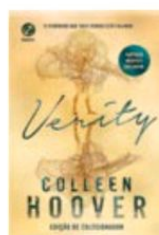
Cineasta francesa requisitada em Hollywood, Agnès viveu o auge e enfrenta uma fase em baixa: a criatividade se foi com o divórcio do marido parceiro de trabalho. A melancolia é interrompida pela ligação da polícia, anunciando a morte de uma tia querida no interior da França. O problema é que essa mesma tia já estava morta e fora enterrada três anos antes. O mistério embala o belo romance da francesa Valérie Perrin, autora de dramas geracionais hipnotizantes amparados por personagens que cativam — como é o caso aqui. ■

FICÇÃO

1

VERITY

Colleen Hoover [3 | 161#] GALERA RECORD



2

ATMOSFERA

Taylor Jenkins Reid [0 | 1] PARALELA

3

JANTAR SECRETO

Raphael Montes [4 | 17#] COMPANHIA DAS LETRAS

4

A HORA DA ESTRELA

Clarice Lispector [1 | 23#] ROCCO

5

A SETE CHAVES

Freida McFadden [0 | 1] ARQUEIRO

6

A HIPÓTESE DO AMOR

Ali Hazelwood [0 | 35#] ARQUEIRO

7

A EMPREGADA

Freida McFadden [5 | 50#] ARQUEIRO

8

A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE

Matt Haig [8 | 146#] BERTRAND BRASIL

9

NUNCA MINTA

Freida McFadden [10 | 16#] RECORD

10

CASAS ESTRANHAS

Uketsu [0 | 1] INTRÍNSECA

NÃO FICÇÃO



1 A GERAÇÃO ANSIOSA
Jonathan Haidt [1 | 33#] COMPANHIA DAS LETRAS

2 AUTOCRACIA S.A.
Anne Applebaum [7 | 3#] RECORD

3 DE VOLTA AO JOGO
Arianne Abdallah [3 | 4] PORTFOLIO PENGUIN

4 EU SÓ EXISTO NO OLHAR DO OUTRO?
Ana Suy e Christian Dunker [2 | 2] PAIDÓS

5 TRINCHEIRA TROPICAL
Ruy Castro [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

6 PRESSA DE FUTURO
Rogério Godinho [0 | 1] MATRIX

7 NAÇÃO DOPAMINA
Dra. Anna Lembke [5 | 89#] VESTÍGIO

8 A ARTE DA GUERRA
Sun Tzu [4 | 138#] VÁRIAS EDITORAS

9 LEÃO XIV – O NOVO PAPA
Samuel Pruvot [0 | 1] PAULUS

10 AUTISMO: UMA JORNADA DE CONSCIENTIZAÇÃO
Marjorie Jasper [0 | 1] LITERARE BOOKS INTERNATIONAL

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 EXCELÊNCIA

Bruno Brito [0 | 1] BUZZ

2 AS 48 LEIS DO PODER

Robert Greene [3 | 65#] ROCCO

3 MAIS ESPERTO QUE O DIABO

Napoleon Hill [0 | 276#] CITADEL

4 CAFÉ COM DEUS PAI 2025

Junior Rostirola [8 | 34#] VÉLOS

5 A PSICOLOGIA FINANCEIRA

Morgan Housel [10 | 78#] HARPERCOLLINS BRASIL

6 COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS

Dale Carnegie [9 | 163#] SEXTANTE

7 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA

George S. Clason [2 | 205#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER

Ana Claudia Quintana Arantes [7 | 26#] SEXTANTE

9 HÁBITOS ATÔMICOS

James Clear [6 | 95#] ALTA LIFE

10 O HOMEM QUE COMPROU O TEMPO

Thiago Nigro [0 | 2#] CITADEL

INFANTOJUVENIL



- 1 MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [3 | 51#] INTRÍNSECA
- 2 AMANHECER NA COLHEITA**
Suzanne Collins [2 | 11#] ROCCO
- 3 RECKLESS**
Lauren Roberts [0 | 1] ROCCO
- 4 NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [4 | 15#] INTRÍNSECA
- 5 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [5 | 466#] ROCCO
- 6 UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO**
Mih Tanino [6 | 11] MAQUINARIA EDITORIAL
- 7 O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 469#] VÁRIAS EDITORAS
- 8 DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [8 | 55#] VR
- 9 O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [7 | 41#] OUTRO PLANETA
- 10 AS AVENTURAS DE PRIMINHA IRRITANTE NO REINO DOS UNICÓRNIOS**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [9 | 17#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Ananindeua**: Leitura; **Aparecida**: Paulus; **Aracaju**: Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú**: Curitiba; **Barueri**: Travessa; **Belém**: Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves**: Santos; **Betim**: Leitura; **Blumenau**: Curitiba; **Boa Vista**: Paulus; **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo**: Leitura; **Cachoeirinha**: Santos; **Campina Grande**: Leitura, Paulus; **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão**: História sem Fim; **Campos dos Goytacazes**: Leitura; **Canoas**: Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa**: Santos; **Caruaru**: Leitura; **Cascavel**: A Página; **Cássia**: Livraria da Praça; **Caxias do Sul**: Paulus; **Colombo**: A Página; **Confins**: Leitura; **Contagem**: Leitura; **Cotia**: Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma**: Curitiba; **Cuiabá**: Paulus, Vozes; **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes**: Livra Livros; **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu**: A Página; **Frederico Westphalen**: Vitrola; **Garopaba**: Navegar; **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares**: Leitura; **Gramado**: Mania de Ler; **Guaíba**: Santos; **Guarapuava**: A Página, Paulus; **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela**: Canoa; **Ipatinga**: Leitura; **Itajaí**: Curitiba; **João Pessoa**: Leitura, Paulus; **Joinville**: A Página, Curitiba; **Juiz de Fora**: Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí**: Leitura; **Lins**: Koinonia; **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá**: Leitura; **Maceió**: Leitura, Paulus; **Manaus**: Paulus; **Maringá**: Curitiba; **Mogi das Cruzes**: A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal**: Leitura, Paulus; **Niterói**: Blook, Ponte; **Palmas**: Leitura; **Paranaguá**: A Página; **Pelotas**: Vanguarda; **Petrópolis**: Vozes; **Poços de Caldas**: Livruz; **Ponta Grossa**: Curitiba; **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho**: Leitura; **Recife**: Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro**: Blook, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande**: Vanguarda; **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria**: Santos; **Santo André**: Disal, Leitura, Paulus; **Santos**: Loyola; **São Bernardo do Campo**: Leitura; **São Caetano do Sul**: Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti**: Leitura; **São José**: A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto**: Leitura, Paulus; **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais**: Curitiba; **São Luís**: Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo**: Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra**: Leitura; **Sete Lagoas**: Leitura; **Sorocaba**: Paulus; **Taboão da Serra**: Curitiba; **Taguatinga**: Leitura; **Taubaté**: Leitura; **Teresina**: Leitura; **Uberlândia**: Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama**: A Página; **Vila Velha**: Leitura; **Vitória**: Leitura, Paulus, SBS; **internet**: A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes



SUJEITO OCULTO

ELE PAIRA sobre o plenário do Supremo Tribunal Federal enquanto se revelam detalhes da trama do golpe de Estado de 2022, para manter Jair Bolsonaro no poder depois da derrota nas urnas. Às vezes é mencionado, mas como sujeito oculto e raramente pelo nome.

— É importante esclarecer — insistiu o juiz Alexandre de Moraes. — A cogitação (*do golpe*), a conversa (*com os chefes militares*), o início dessa questão de estado de sítio e estado de defesa teria sido em virtude da impossibilidade de recurso eleitoral, é isso?

— Sim, senhor — reconheceu Bolsonaro.

— Mas o senhor sabe que o seu partido recorreu e perdeu, por unanimidade, no plenário do Tribunal Superior Eleitoral...

O juiz se referia ao Partido Liberal. O réu acenou com a cabeça, concordando.

Quatro anos atrás, quando estava no Planalto, Bolsonaro arrendou o PL. Em troca, entregou a Valdemar Costa Neto um banco federal (Nordeste), um fundo bilionário (FNDE), áreas-chave na governança de meio ambiente (Ibama), a política fundiária (Incra), infraestrutura

(DNIT), saúde e saneamento (Funasa) e fatias do Orçamento público no manejo de emendas parlamentares.

Dessa parceria assentada no dinheiro público resultou uma máquina eleitoral eficiente para facções de extrema direita agregadas por Bolsonaro na nostalgia do regime autoritário de 1964, que quase nenhuma delas conheceu, e a sedução do golpismo para preservar o poder.

Três semanas depois da derrota de Bolsonaro para Lula, o PL disseminou a suspeita de fraude eleitoral. Pediu recontagem de votos limitada ao segundo turno da eleição presidencial, embora as urnas eletrônicas fossem as mesmas do primeiro turno, quando o partido festejou a eleição da maior bancada do Congresso, com 99 deputados e catorze senadores.

A procuradoria federal interpretou a manobra como “última etapa” de uma “estratégia” para “fundamentar a tentativa de execução do golpe de Estado”. Moraes, juiz relator do caso, rejeitou a recontagem e comentou sobre o objetivo: “*(Querem)* incentivar movimentos criminosos e antidemocráticos, indicando para seus seguidores o esgotamento dos instrumentos legais para reversão do resultado, devendo-se adotar uma outra forma de ação mais contundente”.

O partido gastou pelo menos 1,5 milhão de reais na compra e divulgação de informações falsas sobre as urnas eletrônicas. Recebeu multa recorde de 22,9 milhões de reais da Justiça Eleitoral. Foi a partir desse evento, ad-

“Partido Liberal tem três dezenas de envolvidos na trama do golpe”

mitiu Bolsonaro, que as conversas sobre a trama inconstitucional ganharam sentido de urgência.

Resultado: o maior e mais rico partido político brasileiro está exposto nos processos judiciais como biombo de uma arquitetura de golpe de Estado e de um plano de triplo homicídio — dos adversários eleitos, Lula e Geraldo Alckmin, e do juiz Moraes, do Supremo.

Beneficiado com a maior fatia (1 bilhão de reais) dos fundos partidário e eleitoral, atravessou os últimos três anos usando dinheiro público na folha salarial e na estrutura jurídica para sustentar alguns dos principais acusados de crimes contra o regime democrático — como Bolsonaro e o candidato a vice, Walter Braga Netto, além de suas equipes de assessores civis e militares envolvidos.

Na contagem de Valdemar Costa Neto, presidente do PL, cerca de três dezenas de pessoas vinculadas ao Partido Liberal são personagens das investigações sobre a conspiração golpista.

À distância, o partido parece ter se transformado num reduto de delinquentes. Mantém um elenco de parlamen-

tares recordistas de delitos comuns, com uma dezena de processos cada um por corrupção e violência contra mulheres. A maioria dos acusados, porém, integra o grupo de direita radical alinhado a Bolsonaro.

É o caso da deputada paulista Carla Zambelli. Segundo a procuradoria, ela desviou recursos do fundo eleitoral do partido destinados à campanha de doze candidatos para custear tentativa de fraude nas urnas eletrônicas, invasão do banco de dados do Conselho Nacional de Justiça e falsificação de mandados judiciais contra o juiz Moraes.

Condenada a dez anos de prisão, Zambelli fugiu do país. Agora, os radicais do Partido Liberal, com aval de Bolsonaro e Costa Neto, acham que podem induzir a Câmara ao confronto aberto com o Supremo Tribunal Federal: sugerem aprovar a revogação da sentença, que foi unânime.

A aposta contínua na erosão institucional preserva a peculiaridade do acordo Bolsonaro-Costa Neto: eles fizeram do Partido Liberal um biombo para delinquências golpistas. ■



Pessoas que ajudam a manter a floresta em pé

A cantora Gaby Amarantos levou o fotógrafo Bob Wolfenson para conferir de perto as pessoas que fazem a diferença para a floresta. Eles conheceram Tainah Fagundes e a Da Tribu, uma das empresas apoiadas pelo Fundo Vale, que produz moda com o látex da Amazônia e gera renda para os seringueiros locais.

A Vale está há mais de 40 anos na Amazônia investindo na proteção da floresta e em negócios de bioeconomia, como o de Tainah. Porque, para manter a floresta em pé, a gente precisa manter as pessoas de pé.

Fazer a diferença para a Amazônia, juntos.
Tem a ver com a Vale.



Saiba mais



Evoluir
sempre é
o que nos
alimenta.

E você,
o que te

ali menta?

A JBS produz alimentos deliciosos
que chegam à mesa de milhões
de famílias em todos os continentes.

Já somos mais de 280 mil pessoas
comprometidas com a produção de todos
os tipos de proteína para alimentar
uma população global que não para
de crescer. Por isso, evoluir é o que
continuará nos alimentando.



((JBS))

Alimentando
o que alimenta
o mundo